



Caderno de Leituras

Orientações para o trabalho em sala de aula

Companhia das Letrinhas



COMPANHIA DAS LETRAS

CIA. DAS LETRAS

Companhia das Letrinhas

COMPANHIA DE BOLSO



claroenigma

QUADRINHOS NA CIA.



P E N G U I N

COMPANHIA DAS LETRAS

Caderno de Leituras

Orientações para o trabalho em sala de aula





Outros tempos, novos temas

Há alguns anos a editora Companhia das Letras pensou em colaborar com os numerosos professores que, decididos a intensificar a qualidade do trabalho que realizavam em sala de aula, tornaram-se, com o tempo, divulgadores e incentivadores de seus selos dirigidos para o público infantil e juvenil — Companhia das Letrinhas e Cia. das Letras. Para concretizar a ideia, reuniu uma equipe de professores do ensino básico e convidou-os a escrever sobre diversos temas relacionados ao aproveitamento da produção literária no processo educativo. Assim nasceu o *Caderno de Leituras — Orientações para o trabalho em sala de aula*, que em 1999 acompanhou o catálogo desses dois selos da editora e que foi atualizado, nos anos seguintes, por meio do suplemento periódico *Novas Leituras*.

A acolhida que essas publicações receberam e o crescimento incessante do número de escolas que as solicitavam apontaram para uma nova edição do *Caderno de Leituras*, que permitisse a diversificação de sugestões para o trabalho com literatura junto aos alunos, bem como a incorporação dos muitos títulos lançados desde a edição anterior.

Com esse objetivo, a exemplo do que ocorreu em 1999, solicitamos a uma equipe de professores envolvidos com o universo literário que escrevessem sobre as experiências que vêm desenvolvendo nessa área, de modo a atualizar o *Caderno de Leituras* com a inclusão de temas inéditos.

Desse convite resultaram oito novos artigos que aparecem ao final do *Caderno* e que, somados aos da primeira edição, multiplicam as possibilidades de se enriquecer a abordagem da literatura no ensino básico, oferecendo aos professores diversas perspectivas para o encaminhamento de seu curso.

Quando essa última tiragem do *Caderno de Leituras* esgotou, em 2011, optamos por atualizá-lo novamente, incorporando, além de sete novos textos encomendados, sugestões de livros dos demais selos da editora: Claro Enigma, Quadrinhos na Cia., Companhia de Bolso e Penguin-Companhia.

Prossegue, dessa forma, o diálogo instaurado pela Companhia das Letras entre aqueles que se dedicam cotidianamente à tarefa de construir, nas novas gerações, a paixão pela leitura, para a qual a editora procura contribuir abrindo caminhos alternativos.



Sumário



Nota do editor: Um ato vital, 9

Introdução, 11

1. De onde vêm as histórias?, 13
2. A reinvenção das histórias, 16
3. Como criar personagens?, 19
4. Onde as histórias acontecem?, 22
5. A poesia das palavras, 26
6. Em foco, o ilustrador, 29
7. A leitura e as tarefas escolares, 33
8. Os textos que contam as histórias, 36
9. Além das histórias, 39
10. Leituras que inspiram conversas, 42
11. Histórias que ensinam história, 45
12. Arte nos livros, 48
13. Livro-brinquedo, 51
14. O livro como objeto de apreço, 53
15. Era uma vez uma biblioteca, 56
16. Livros para leitores jovens, 62
17. Os clássicos na formação do leitor, 66
18. Ficção e realidade: onde acaba uma e começa a outra?, 71
19. Vida que se conta, 74
20. Ler para aprender a perguntar sobre si mesmo, 78
21. Conhecer histórias e aprender ciência, 82
22. Teatro, tv e música em sala de aula, 86
23. Diálogo entre textos e entre culturas, 90
24. Imagens e apenas imagens na ampliação do universo literário, 93
25. Sustos e arrepios como fonte de prazer na leitura literária, 96
26. Ouvir os mitos e aprender com eles, 101
27. Quadrinhos para todas as idades, 105
28. Histórias e personagens de lá e de cá, de hoje e de sempre, 109
29. Ler, apreciar, falar e ouvir sobre livros e leituras, 113

Sugestões para a biblioteca do professor, 116

Créditos das ilustrações, 121



Um ato vital

Quanto melhor uma criança lê, mais ela gosta de ler; quanto mais hábil na leitura, mais autonomia tem para buscar os livros como fonte de conhecimento e prazer. Tudo pode ganhar sentido (e às vezes brilho) através da língua: um conto de fadas, o enunciado de um exercício de matemática, uma pintura clássica, um verbete de dicionário, uma explicação sobre o que é o tempo.

Com este *Caderno de Leituras*, que apresenta algumas possibilidades de trabalho em sala de aula, os selos da Companhia das Letras dirigidos a leitores jovens querem estar mais perto das pessoas que ensinam as crianças a ler, ou melhor: a gostar de ler.

São textos que abordam problemas surgidos da própria literatura e do trabalho pedagógico em sala de aula: o tipo de histórias a oferecer aos alunos e em que momento oferecê-las, a organização da biblioteca da classe, as indicações bibliográficas para trabalho coletivo, a sistematização de certos saberes aparentemente desvinculados de qualquer utilidade, a adequação entre as leituras indicadas e o desenvolvimento afetivo e intelectual dos estudantes e assim por diante.

Nossas sugestões pretendem ser, antes de tudo, uma forma de trocar experiências com o professor, e por isso mesmo a ideia não é tanto destacar uma lista específica de livros. Importa mais indicar um tipo de relação com eles, um modo de valorizá-los, para que se tornem objeto de apreço dos nossos pequenos e jovens leitores.

O editor



Introdução

A escola tem a tarefa institucional de garantir que os estudantes se tornem usuários efetivamente hábeis do sistema de representação escrita, pois saber ler e escrever é condição indispensável ao exercício pleno da cidadania. E, juntamente com ensinar a *ler para aprender*, é preciso também ensinar a *ler por ler*. Ou seja, além de ter estratégias de ensino para desenvolver a fluência e a eficiência nos usos da escrita associados às demandas sociais, a escola deve favorecer também a qualidade do vínculo dos alunos com a literatura e a capacidade de dialogar com os textos lidos por satisfação pessoal, por necessidades individuais.

É importante que os alunos aprendam a ter a leitura também como instrumento de prazer, como ferramenta lúdica que nos permite explorar outros mundos reais ou imaginários, que nos aproxima de outras pessoas e de outras ideias. Por isso, em todos os níveis de escolaridade deve haver tempo e espaço programados para a leitura *gratuita*, para ler para si mesmo, sem outra finalidade senão a de sentir como pode ser bom entregar-se à leitura. Fomentar esse prazer individual não é uma prática independente de ensinar a ler.

Este *Caderno de Leituras* foi produzido com base nessas ideias e traz algumas indicações do que se pode propor para que, ao longo da escolaridade, os alunos criem e consolidem uma relação positiva com a leitura, ao mesmo tempo que adquirem e formalizam um conjunto crescente de conhecimentos acerca da escrita, da literatura e do ato de ler.

Apresentamos algumas sugestões de como a literatura pode se prestar como instrumento didático, sem contudo se destituir de suas propriedades mais importantes, isto é, mantendo o caráter estético, permitindo múltiplas interpretações por diferentes pessoas, incentivando o estabelecimento de relações entre o que se lê e as experiências pessoais e, ainda, incitando uma assimilação prazerosa das histórias que os livros guardam.

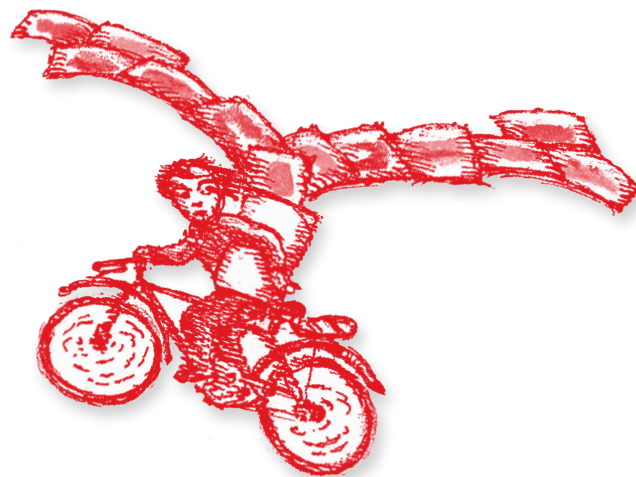
Cada texto se compõe de uma justificativa para os conteúdos abordados, em seguida de encaminhamentos possíveis para diferentes momentos da escolaridade. As estratégias de trabalho que eles contêm estão organizadas em duas vertentes: uma propõe formas de estruturar situações em que os alunos experimentem diferentes procedimentos de leitura e escrita e, com isso, se desenvolvam como leitores e escritores; a outra indica caminhos para que eles estreitem suas relações com os livros como fonte de informações variadas e de prazer.

Por fim, acreditando que o professor que ensina a ler é, também ele, um leitor, uma pessoa para quem a leitura é intimamente necessária, tomamos a liberdade de sugerir alguns títulos para sua biblioteca pessoal.

Bom trabalho.

1

De onde vêm as histórias?



Uma das fontes mais ricas da literatura é a experiência individual e o modo como ela se integra à memória das pessoas. Também na escola o ato de lembrar pode ser uma ponte sólida para o ato de escrever.

A criação literária bebe na fonte das lembranças e experiências pessoais. As passagens pitorescas, as pessoas, as recordações e saudades de um tempo, de um lugar, de alguém podem se tornar história, romance, conto, poema, prosa, verso. A história da literatura é repleta de exemplos que confirmam essa ideia.

Quando os alunos produzem textos narrativos, raramente expressam suas lembranças e ideias pessoais; na maior parte das vezes reproduzem histórias que conhecem, na íntegra ou aproveitando alguns elementos como ambientes, personagens ou ações que estes realizaram.

Embora saibamos que o uso desse recurso constitui uma boa estratégia para que os estudantes aprendam a criar suas próprias histórias, a proposta aqui é evidenciar, para esses escritores pouco experientes, que suas memórias também podem render uma boa história. Essa característica da produção literária precisa ser conhecida, apreciada e experimentada pelos alunos. Com isso, talvez seja possível desmontar a crença, bastante difundida entre adultos e crianças, segundo a qual só é possível compor textos quando existe a inspiração.

Sendo assim, é fundamental ler histórias em que o autor se explicita como escritor de memórias e lembranças.

No livro *Histórias de índio* há um toque de emoção em cada texto do autor, desde o conto inicial, em que ele revisita o seu povo, até a breve autobiografia, escrita em tom bastante envolvente. Daniel Munduruku também faz uso de crônicas que relatam o espanto, o encanto, o medo, a ignorância das pessoas diante de um índio.

Paralelamente à leitura, os alunos podem ser convidados a escrever suas próprias lembranças. Situações desse tipo favorecem o aprendizado de que a língua escrita registra a memória, seja de um minuto, seja de um século

Nas classes de **educação infantil**, quando ficção e realidade se misturam o tempo todo, o professor deve localizar qual é o lugar do autor no texto lido para a turma, esclarecendo sobre o que ele escreve, de onde veio a ideia para aquele texto etc.

Entre 3 e 4 anos, quando o nome próprio frequenta as salas de aula como elemento de base para o processo de alfabetização, esse texto — o nome próprio — pode receber um tratamento literário. O professor pode fazer entre os pais uma pesquisa sobre a forma como escolheram os nomes de seus filhos e pedir que escrevam essas histórias, que depois serão lidas em classe. Os textos dos pais podem vir a compor o “Livro das histórias dos nomes” dos alunos da turma.

Já aos **5 e 6 anos**, quando muitos alunos ainda não escrevem convencionalmente, o professor pode propor a criação oral, coletiva, de uma história que envolva um fato ligado ao dia a dia da escola, como uma festa junina, uma excursão ou um evento esportivo. A proposta pode se valer da criação de uma aventura vivida por um personagem imaginário que tivesse tomado parte em qualquer um desses acontecimentos. Essa história, registrada pelo professor enquanto é produzida (inventada, revisada e concluída), deve ter o realismo como exigência para sua criação, ou seja, deve ser baseada em experiências dos alunos que estiveram efetivamente presentes. Depois de pronta, ela pode ser ilustrada e lida para outras classes.

Livros como *Histórias de avô e avó*, em que o autor narra memórias de sua convivência com os avós, são um exemplo de textos de base realista que divertem e emocionam. Nas **primeiras séries do ensino fundamental**, pode-se elaborar um “Diário da classe”, ou seja, um caderno coletivo com as histórias do grupo. Para isso, é necessário combinar com a turma qual o teor dos textos que irão fazer parte do caderno, se a produção será individual, em duplas etc., como o diário será ilustrado e outros aspectos que a produção coletiva envolver. O livro *O diário de Zlata* pode fazer parte de atividades de leitura compartilhada (todas as crianças da classe acompanham em seu exemplar do livro a leitura realizada pelo professor) e, assim, contribuir para o desenvolvimento do projeto de escritura desse “Diário da classe”.

Para as classes do **6º ao 9º ano** pode ser proposta a produção de um texto com a intenção de narrar a diferentes interlocutores um fato real e pessoal — por exemplo, contar como é a paquera na escola para os pais, para o melhor amigo, para um professor, para o espelho. Nessa situação, os alunos são convidados a escrever sobre as mesmas lembranças, mas com intenções de revelar diferentes detalhes em cada um dos textos, de forma semelhante ao que acontece em *Domingão joia*.



TÍTULOS SUGERIDOS

Companhia das Letrinhas

DE BRAÇOS PARA O ALTO, de DRAUZIO VARELLA

CANDINHO, de SÁVIA DUMONT

O DIÁRIO DE ZLATA, de ZLATA FILIPOVIĆ

DOMINGÃO JOIA, de FLAVIO DE SOUZA

FOTOGRAFANDO VERGER, de ANGELA LUHNING

HISTÓRIAS DE AVÔ E AVÓ, de ARTHUR NESTROVSKI

HISTÓRIAS DE ÍNDIO, de DANIEL MUNDURUKU

O LIVRO DA DANÇA, de INÊS BOGÉA

O LIVRO DA MEDICINA, de MOACYR SCLiar

O LIVRO DA MÚSICA, de ARTHUR NESTROVSKI

O LIVRO DO GUITARRISTA, de TONY BELLOTTO

LOBINHO NA ESCOLA DE ENGANAÇÃO,
de IAN WHYBROW

A MAIOR FLOR DO MUNDO, de JOSÉ SARAMAGO

A MENINA QUE SE APAIXONAVA, de MARTA GÓES

MINHA VIDA DE GOLEIRO, de LUIZ SCHWARCZ

MINHAS FÉRIAS, de MARCELO COELHO

NAS RUAS DO BRÁS, de DRAUZIO VARELLA

O NOVO FINAL DA HISTÓRIA, de MIRNA PINSKY

NOME SOBRENOME APELIDO, de RENATA BUENO

Quadrinhos na Cia.

ADEUS TRISTEZA, de BELLE YANG

Companhia das Letras

ANARQUISTAS, GRAÇAS A DEUS, de ZÉLIA GATTAI

DURANTE AQUELE ESTRANHO CHÁ, de LYGIA
FAGUNDES TELLES

INVENÇÃO E MEMÓRIA, de LYGIA FAGUNDES TELLES

Companhia de Bolso

MEMÓRIAS DE UM SOBREVIVENTE, de LUIZ ALBERTO
MENDES

2

A reinvenção das histórias



Não há história que só possa ser contada de uma única maneira. Mas, então, se de algum modo ela é alterada, continua a ser a mesma história? Reinventar histórias conhecidas aguça a percepção de que o mundo é feito de múltiplos pontos de vista.

Quanto mais antiga a história, maior o número de versões que ela provavelmente terá. Pois, afinal, sabemos muito bem que “quem conta um conto aumenta um ponto”. Os contos dos irmãos Grimm e de Andersen, por exemplo, são fruto de uma longa pesquisa de histórias populares, de narrativas da tradição oral que foram sofrendo alterações no decorrer do tempo. Hoje encontramos incontáveis versões para os contos mais consagrados que eles recolheram e compilaram. Esse é um tema interessante para discutir com as crianças na escola.

Alguns livros, no entanto, propõem algo mais inovador em relação à diversidade dos modos de contar: pretendem transgredir histórias muito conhecidas, operar recriações. É, por exemplo, o que Flavio de Souza faz em sua obra *Que história é essa?*, na qual conta histórias bem conhecidas, porém adotando o ponto de vista de personagens secundários que, muitas vezes, têm pouca participação no enredo da versão original. Outro livro em que ocorre algo semelhante é *A verdadeira história dos Três Porquinhos*, de Jon Scieszka: nele o Lobo Mau narra a sua versão dos fatos, provocando, com isso, certa dúvida no leitor quanto à veracidade do que foi relatado em uma ou outra versão desse clássico da literatura infantil.

Discutir com as crianças essas estratégias de criação amplia bastante seu modo de olhar para as histórias e pode apontar novos caminhos de produção escrita.

Nas classes de **educação infantil** é aconselhável apresentar e ler, ao longo de uma semana, várias versões de uma mesma história e em seguida perguntar às crianças sobre as diferenças e semelhanças percebidas. Depois pode-se sugerir que elas criem oralmente finais diferentes para os contos, produzindo versões do grupo. Pode-se também propor que alterem as aventuras vividas pelos personagens ou que incluam alguns novos, de tal forma que estes tomem parte nas ações relatadas.

Com os alunos maiores, **nos anos iniciais do ensino fundamental**, é possível ampliar consideravelmente o trabalho. O professor pode sugerir a leitura de textos escritos do ponto de vista de outros personagens (como ocorre nos dois títulos mencionados) e discutir coisas muito interessantes. Pode, pouco a pouco, auxiliar seus alunos a considerarem pontos de vista diferentes: Será que existe sempre o bonzinho e o malvado? Cada personagem não terá tido suas razões para agir como agiu? Afinal de contas, o lobo precisa se alimentar de algo, é um animal carnívoro... Esse trabalho pode ajudar inclusive a discutir questões de ética, matéria essencial na educação das crianças.

Outras propostas de trabalho podem sugerir novas transgressões. Para isso, será necessário que o professor apoie a criação das diferentes versões, fazendo perguntas como esta: Agora quem quer ser a vovó da Chapeuzinho e contar a história do jeito dela? O adulto deverá também dar sugestões que encorajem os alunos a acrescentar fatos e informações novas à narrativa conhecida; por exemplo: O que será que os caçadores estavam fazendo antes de entrar na história?

Outros exemplos:

- Alterar as características dos personagens e imaginar as implicações disso: como seria a história de Cinderela se ela fosse uma moça muito chata?
- Introduzir modificações no enredo da narrativa original e, a partir disso, criar uma nova continuidade para ela: se João e Maria nunca tivessem encontrado uma casa feita de doces...
- Acrescentar personagens de outros contos ou personalidades da atualidade em um conto consagrado: imaginar que a Fera foi ao baile da Cinderela. Como a história ficaria?
- Registrar encontros de personagens de dois ou mais contos distintos no decorrer de suas histórias: em que momento a Polegarzinha e o valente Soldadinho de Chumbo poderiam se encontrar? Como seria esse encontro? O que eles diriam um ao outro?

É importante ter em mente que as crianças só poderão fazer as transgressões sugeridas e outras que poderão ser imaginadas se puderem ler e ouvir muitas histórias. Para que se sintam autorizadas e encorajadas a recriar narrativas consagradas, é preciso que tenham uma “biblioteca mental”, um bom estoque narrativo na cabeça.

Com as crianças maiores, do **5º ao 9º ano**, a discussão pode ser mais aprofundada e as transgressões propostas a elas ainda mais elaboradas do que as anteriores.

É possível, nessa faixa etária, sugerir que escrevam uma outra história, mas com os mesmos personagens vivendo situações semelhantes. Ou seja, a função deles dentro da trama não poderia ser modificada, apenas o contexto em que se encontram. Outra ideia é propor que os alunos pensem em transgressões livremente, desde que a história original possa ser facilmente identificada. Também se pode pedir que escrevam diálogos entre personagens de

uma mesma história, utilizando argumentos eficientes e eventualmente sugerindo, por meio do desfecho pensado para a conversação, novos rumos para o enredo das histórias conhecidas. Outra proposta é a reescrita de histórias conhecidas num contexto histórico e social diferente do usual, enfocando, por exemplo, problemas das grandes cidades brasileiras: Como se poderia reescrever a história de Pinóquio falando de sequestro ou roubo de crianças? Que história poderia ser recontada enfocando a aids, as drogas ou a prostituição?

Além disso, os estudantes mais velhos podem receber informações sobre o contexto social em que várias versões de uma mesma história foram criadas, a fim de que compreendam algumas razões das diferenças entre elas.

TÍTULOS SUGERIDOS

Companhia das Letrinhas

O AMOR E AS AVENTURAS DE TRISTÃO E ISOLDA, de MARIA NAZARETH ALVIM DE BARROS

A BELA DESADORMECIDA, de FRANCES MINTERS

UMA CHAPEUZINHO VERMELHO, de MARJOLAINE LERAY

COM MIL DIABOS!, de ERNANI SSÓ

DIVINAS TRAVESSURAS, de HELOISA PRIETO

ENCANTAMENTO, de KEVIN CROSSLEY-HOLLAND

ERA UMA VEZ UM LIVRO, de MARCELO CIPIS

A FORMIGA AURÉLIA, de REGINA MACHADO

HAMLET, de ANDREW MATTHEWS

IFÁ, O ADIVINHO, de REGINALDO PRANDI

MATA — CONTOS DO FOLCLORE BRASILEIRO, de HELOISA PRIETO

MACBETH, de ANDREW MATTHEWS

MUITO BARULHO POR NADA, de ANDREW MATTHEWS

OTELLO, de ANDREW MATTHEWS

A PRINCESA FEIOSA E O BOBO SABIDO, de MARGARET GRAY

QUAL É O SEU NORTE?, de SILVANA SALERNO

QUE HISTÓRIA É ESSA? 2, de FLAVIO DE SOUZA

QUE HISTÓRIA É ESSA? 3, de FLAVIO DE SOUZA

ROMEU E JULIETA, de ANDREW MATTHEWS

SAPOS NÃO ANDAM DE SKATE, de JON SCIESZKA

SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO, de ANDREW MATTHEWS

TRÊS PRÍNCIPES, TRÊS PRESENTES, de JOHN YEOMAN

O URSO COM MÚSICA NA BARRIGA, de ERICO VERISSIMO

A VERDADEIRA HISTÓRIA DOS TRÊS PORQUINHOS, de JON SCIESZKA

A VIDA DO ELEFANTE BASÍLIO, de ERICO VERISSIMO

VIROU BICHO!, de ERNANI SSÓ

Cia. das Letras

HISTÓRIAS DA BÍBLIA, de MICHAEL COLEMAN

A ODALISCA E O ELEFANTE, de PAULINE ALPHEN

SILÊNCIO, de ILAN BRENMAN

O ÚLTIMO CAVALEIRO ANDANTE, de WILL EISNER

O VIOLINO CIGANO, de REGINA MACHADO

ZEUS E A CONQUISTA DO OLIMPO, de HÉLÈNE MONTARDRE

Quadrinhos na Cia.

CLARA DOS ANJOS, de LIMA BARRETO

O RETRATO DE DORIAN GRAY, de OSCAR WILDE e STANISLAS GROS

3 Como criar personagens?



Para o desenvolvimento de uma competência narrativa, é preciso desde cedo estimular os alunos a observar a caracterização dos personagens, a ver como eles são construídos, como agem, como teriam agido se não fossem como são.

Quando as crianças chegam ao momento de escolaridade em que, já alfabetizadas e com conhecimentos suficientes sobre a linguagem escrita, podem escrever suas próprias histórias, as situações que envolvem a criação de textos narrativos se multiplicam. Se o professor deseja que os alunos escrevam histórias originais, deve lembrar que um dos problemas que eles enfrentarão será decidir que personagens vão viver as tramas imaginadas. É importante também levar em conta que essa escolha será determinada pelo enredo que for criado por eles.

A tarefa não é simples. O êxito depende da quantidade e da qualidade das informações e dos conhecimentos que cada aluno possui sobre o que caracteriza uma história bem contada, que personagens se ajustam a determinado tipo de narrativa, por que são adequados ou não e, ainda, de que forma se pode introduzi-los, caracterizá-los etc. O conhecimento necessário para o desenvolvimento dessa competência narrativa não é espontâneo: começa muito cedo, quando, ainda pequenas, as crianças ouvem as primeiras histórias em casa, lidas ou contadas por pessoas da família.

Nas classes de **educação infantil, entre 3 e 5 anos**, os professores costumam ler histórias para eles diariamente. As histórias lidas ou contadas podem ser selecionadas com o objetivo de compor um universo de personagens que os alunos sejam capazes de conhecer, comparar, transformar, reconstruir.

Com crianças de **3 e 4 anos** podemos conversar, por exemplo, sobre as bruxas que aparecem em diferentes histórias, ou sobre as armas e os poderes de diferentes heróis.

Aos 5 anos, o professor pode criar situações em que os alunos sejam levados a identificar uma história conhecida, porém contada por um personagem e não pelo narrador, ou na qual

o foco da narrativa seja colocado em um personagem secundário. No livro *Que história é essa?*, Flavio de Souza utiliza esse recurso para recontar histórias conhecidas, como “A roupa nova do rei”.

É importante não desvincular esses desafios do prazer que o contato com os textos provoca, isto é, o professor não deve “dar aulas sobre personagens”, mas falar sobre eles, sempre estabelecendo relações com as narrativas lidas.

Quando os alunos chegam aos **primeiros anos do ensino fundamental** e já sabem escrever de modo convencional, as possibilidades de trabalho se ampliam. Nesse caso, a criação de uma galeria de personagens mostra-se uma estratégia fecunda.

Histórias tradicionais na literatura infantojuvenil como as reunidas no *Livro de histórias* ou nos *Contos de Grimm* apresentam uma coleção de personagens de valor inestimável para a formação literária dos alunos em diferentes idades. Por isso, podem e devem ser lidas em diferentes estágios da escolaridade.

A leitura dos livros da coleção Quase Tudo o Que Você Queria Saber também pode contribuir para a criação de sequências didáticas que orientem, durante alguns dias, atividades que os alunos possam desenvolver, tais como:

- Levantamento das histórias e personagens preferidos pela classe.
- Seleção de outras histórias que contenham personagens semelhantes.
- Comparação e caracterização dos personagens dessas histórias para o estabelecimento de uma tipologia. Comparar personagens relacionados à vida escolar, como os que aparecem em *A professora de desenho* e *Estátua!*, pode ser divertido e proporcionar boas condições para esse exercício.
- Escolha (individual ou em duplas) de um dos personagens estudados. Criação de um texto que descreva um novo personagem desse tipo. Por exemplo, se o escolhido for uma bruxa, os alunos elaboram por escrito uma descrição das características físicas e de comportamento da nova bruxa. Depois de escolhido um nome para ela, criam um desenho que ilustre a imagem descrita no texto.

Nesse momento, é interessante promover situações de pesquisa de expressões faciais observáveis nas ilustrações dos personagens estudados. Os alunos devem relacioná-las aos sentimentos dos personagens descritos no texto. Os textos e as ilustrações dos alunos podem depois compor um livro de personagens ou uma exposição.

No segmento de **6º a 9º ano** os alunos já podem enfrentar desafios mais complexos, como introduzir novos personagens em uma trama conhecida, fazer versões pessoais para histórias clássicas, criar histórias a partir de duplas ou tríades de personagens propostos pelo professor: príncipe/ovelha/feiticeiro, bruxa/cavalo/princesa, rainha/golfinho/palhaço etc.

Alunos de anos superiores (os últimos do **ensino fundamental** e os do **ensino médio**) podem ser orientados a investigar e diferenciar o mundo social e seus personagens, tal como eles aparecem nas histórias que são escritas, lidas e contadas para crianças pequenas. Analisar e estabelecer as diferenças na rede de relações entre os personagens de histórias como as *Fábulas de Esopo* ou *Domingão joia*, por exemplo, pode desafiá-los a refletir sobre os aspectos ideológicos que intervêm no trabalho dos escritores.

TÍTULOS SUGERIDOS

Companhia das Letrinhas

AS AVENTURAS DO AVIÃO VERMELHO,
de ERICO VERISSIMO

BAFINHACA, de KAYE UMANSKY

O COMILÃO, de CLÁUDIO THEBAS

CONTOS DE GRIMM, de JACOB e WILHELM GRIMM

DIÁRIO DAS FAÇANHAS DO LOBINHO,
de IAN WHYBROW

DOMINGÃO JOIA, de FLAVIO DE SOUZA

ESTÁTUA!, de STEVE BARLOW e STEVE SKIDMORE

FÁBULAS DE ESOPHO, de ESOPHO

IGOR, O PASSARINHO QUE NÃO SABIA CANTAR,
de SATOSHI KITAMURA

LIVRO DE HISTÓRIAS, de GEORGIE ADAMS

MAIS UM PEQUENO MANUAL DE MONSTROS
CASEIROS, de STANISLAV MARIJANOVIC

O MENINO QUE CHOVIA, de CLÁUDIO THEBAS

NASRUDIN, de REGINA MACHADO

OUTRA VEZ OS TRÊS PORQUINHOS,
de ERICO VERISSIMO

PETER PAN E WENDY, de J. M. BARRIE

PÍPPI MEIALONGA, de ASTRID LINDGREN

PÍPPI NOS MARES DO SUL, de ASTRID LINDGREN

A PROFESSORA DE DESENHO E OUTRAS
HISTÓRIAS, de MARCELO COELHO

QUE HISTÓRIA É ESSA?, de FLAVIO DE SOUZA

O REI DISTRAÍDO, de JEAN-CLAUDE R. ALPHEN

ROBINSON CRUSOÉ, de DANIEL DEFOE

ROSA MARIA NO CASTELO ENCANTADO,
de ERICO VERISSIMO

UMA SOPA 100% BRUXESCA, de QUITTERIE SIMON

TATUS TRANQUILOS, de FLORENCE BRETON

TEM UM CABELO NA MINHA TERRA!,
de GARY LARSON

OS TRÊS PORQUINHOS POBRES, de ERICO VERISSIMO

YUMI, de ANNELORE PAROT

Cia. das Letras

1001 FANTASMAS, de HELOISA PRIETO

A CIDADE SINISTRA DOS CORVOS,
de LEMONY SNICKET

ÉDEN-BRASIL, de MOACYR SCLIAIR

HERMES, O MOTOBOY, de ILAN BRENMAN

O LAGO DAS SANGUESSUGAS, de LEMONY SNICKET

MÁGICA PELA METADE, de EDWARD EAGER

O MANUAL DA BRUXA PARA COZINHAR CRIANÇAS,
de KEITH MCGOWAN

MAU COMEÇO, de LEMONY SNICKET

A ÓRBITA DOS CARACÓIS, de REINALDO MORAES

A SALA DOS RÉPTEIS, de LEMONY SNICKET

SHERLOCK MOREIRA, de ANTONIO CARLOS OLIVIERI

O ÚLTIMO PORTAL, de ELIANA MARTINS e ROSANA RIOS

Quadrinhos na Cia.

RETALHOS, de CRAIG THOMPSON

Companhia das Letras

DEZ MIL GUITARRAS, de CATHERINE CLEMENT

DIAS E DIAS, de ANA MIRANDA

4 Onde as histórias acontecem?



Aprender a reconhecer os ambientes em que se desenvolve uma história é parte do processo de aprender a criar histórias. Um lugar pode ser tão importante quanto um personagem: não haveria história sem a casa dos Sete Anões, sem a floresta de Robin Hood ou sem o fundo do mar onde mora a Sereiazinha.

Quanto mais as crianças ouvem histórias, mais enriquecido se torna o seu imaginário. Antes mesmo de começar a escrever de modo convencional, elas já são capazes de inventar e contar histórias oralmente. Porém, é necessário que aprendam a desenvolver essa formidável competência, da qual um aspecto importante é a capacidade de criar ambientes, espaços e cenários em que as histórias irão se desenvolver.

Ainda que em algumas histórias a caracterização do ambiente tenha pouco peso (como ocorre em certas narrativas centradas na ação dos personagens), em muitas outras é imprescindível que o leitor seja levado a imaginar os lugares onde a trama se desenvolve: só dessa forma ele poderá “entrar” na história...

Em *Canção de Natal*, por exemplo, Charles Dickens encontra soluções magistrais para permitir que os leitores penetrem nos ambientes em que Scrooge vive e trabalha, de tal forma que eles se envolvem profundamente com a história desse personagem.

Também nos contos de fadas a descrição dos castelos, florestas e aldeias onde a ação dos personagens se desenrola costuma ser essencial não só para a compreensão geral da história, mas também para o envolvimento do leitor, que participa ativamente da interpretação do texto e “complementa” os cenários mencionados ao exercer sua liberdade de imaginar.

Embora a caracterização dos ambientes seja um aspecto determinante para o envolvimento das crianças com os textos, elas dificilmente conseguem tomar consciência da função que eles exercem, e, quando o fazem, em geral não são capazes de utilizar esse recurso ao criar seus próprios textos.

Nas classes de **educação infantil**, o professor poderá propor, desde muito cedo, situações em que as crianças contem ou recontem histórias oralmente. Nessas situações elas podem ser estimuladas a descrever os cenários. Assim que um aluno começar a contar uma história de bruxa, por exemplo, o professor pode sugerir que ele diga como é a casa imaginada para a feiticeira, como é o lugar onde está localizada, ao mesmo tempo que incentiva os colegas a contribuir com ideias. Podemos orientar os alunos por meio de perguntas como: Que tal fecharmos os olhos e imaginarmos como é este lugar que a Mariana está descrevendo? Quem quer contar como o imaginou? Vamos anotar as ideias? Quem acha que poderia ser diferente? Vamos reler a história da Branca de Neve (ou de João e Maria...) e tentar saber como é a floresta onde ela se perde?

É importante lembrar que o sucesso dessa atividade dependerá da existência de um repertório literário por meio do qual o grupo esteja em contato com os diferentes cenários das histórias e possa estabelecer comparações entre eles. Por essa razão, durante a conversa que se segue à leitura, é interessante que o professor chame a atenção das crianças para boas descrições que apareçam nos livros e ressalte a importância delas.

Ao final de uma leitura, as crianças podem ser convidadas a desenhar os ambientes descritos, socializando suas ideias e sua produção.

O professor pode realizar atividades de apreciação de ilustrações de florestas, castelos e outros ambientes que aparecem em diferentes histórias, convidando os alunos a observar a forma como são caracterizados. Essas informações serão muito úteis quando eles forem ilustrar as histórias que escreverem.

Nos **anos iniciais do ensino fundamental** as possibilidades de trabalho se ampliam, já que nessa fase as crianças começam a produzir os textos por escrito, tarefa sem dúvida muito mais difícil do que elaborá-los verbalmente. A escrita tende a ser muito mais lenta do que o pensamento, por isso as crianças encontram dificuldade para registrar todas as suas ideias. Além disso, o trabalho de escrever histórias exige que elas tomem decisões e ponham sua atenção em inúmeros aspectos simultaneamente. Assim, a inclusão de descrição de ambientes nos textos começa a ser possível por volta do **4º e 5º ano**.

Uma forma de instrumentalizar os estudantes para que aprendam a descrever os ambientes é chamar sua atenção para as estratégias adotadas pelos escritores ao caracterizar os espaços; isso pode ser feito durante a leitura dos livros ou na discussão sobre a história.

Cuidado para não interromper muito a leitura que estiver fazendo diante dos alunos. As interrupções frequentes podem comprometer o prazer de ouvir a narrativa; o excesso de pausas e explicações eventualmente causa certa dispersão e dificuldade de acompanhar o desenrolar dos acontecimentos relatados na história.

Ao final da leitura do conto “A Sereiazinha”, publicado em *Histórias maravilhosas de Andersen*, por exemplo, é possível dirigir o olhar das crianças para o ambiente fazendo perguntas como: Vocês conseguiram imaginar o fundo do mar? E o palácio do rei do mar? Quem se lembra de como ele era? Vamos voltar a este trecho apenas para relembrar? Por que o autor do conto detalhou tanto esta parte? Que sensação isso provoca na gente?

Propor que as crianças voltem aos textos e retomem trechos em que haja uma descrição pode ser interessante para que elas percebam a importância dessa característica na história. **A partir do 4º ano** já é possível discutir tipos de descrição e a função delas em cada texto.

No conto “A irmã desconhecida”, incluído no livro *Volta ao mundo em 52 histórias*, não há descrições da morada do rei nem da cabana onde viviam os irmãos da menina. Pode-se perguntar aos alunos se eles sabem por que isso acontece. Já em outra narrativa, “O rouxinol”, contida no livro *Histórias maravilhosas de Andersen*, o leitor tem muitas pistas para imaginar fielmente tanto o palácio quanto o jardim, mas sabe muito pouco a respeito da cozinha em que se encontrava a criança que conhecia e sabia onde vivia o belo pássaro almejado pelo imperador. Isso também pode ser explicitado em uma conversa com as crianças.

Por meio dessas atividades, os alunos passam a perceber que o escritor persegue objetivos com as descrições que inclui em seus textos. O palácio e o jardim que o circundam, por exemplo, estão detalhados porque se trata de informações fundamentais para a trama. Já a caracterização da cozinha não interessa tanto para o desenvolvimento da história... Tudo depende dos objetivos do escritor, das sensações que ele quer provocar no leitor.

Ao discutir essas questões, as crianças começam a imitar os escritores profissionais: passam a descrever lugares de acordo com o tipo de texto que pretendem escrever, pautadas pelas sensações que querem despertar nos leitores. Uma estratégia interessante para auxiliá-las nesse exercício é fazer que escrevam e revisem sua produção escrita, buscando ideias nos livros que já conhecem. Se já tiverem lido *O livro dos medos*, por exemplo, pode-se sugerir que retornem a ele e tentem descobrir como os autores descreveram os lugares para causar medo, ou que releiam um conto em que haja uma descrição de jardins, bosques, florestas ou parques e observem que recursos o autor usou para caracterizá-los.

Nas **classes finais do ensino fundamental**, do **6º ao 9º ano**, os alunos já devem ter aprendido a observar a função das descrições contidas nas histórias. Devem também ter conhecimento de uma considerável diversidade de ambientes, além de ter desenvolvido a competência própria para pôr no papel as histórias inventadas com o auxílio de sua imaginação. Assim, pode-se propor que produzam recriações de narrativas que já conheçam bem, alterando os cenários em que se desenrolem as ações. Um exemplo: pedir que reescrevam a história de Cinderela ambientando parte dos eventos num estádio de futebol ou num circo.



TÍTULOS SUGERIDOS

Companhia das Letrinhas

20000 LÉGUAS SUBMARINAS, de JÚLIO VERNE
CANÇÃO DE NATAL, de CHARLES DICKENS
CASTELO RÁ-TIM-BUM, O LIVRO, de CAO HAMBURGER
DO OUTRO LADO DO ATLÂNTICO, de PAULINE ALPHEN
A FLORESTA E O ESTRANGEIRO, de ALBERTO MARTINS
HISTÓRIAS MARAVILHOSAS DE ANDERSEN,
de HANS CHRISTIAN ANDERSEN
JACK BRODÓSKI NO CORAÇÃO DA AMAZÔNIA,
de FLAVIO DE SOUZA
O LIVRO DOS MEDOS, org. HELOISA PRIETO
MENINOS DO MANGUE, de ROGER MELLO
NAS RUAS DO BRÁS, de DRAUZIO VARELLA
PETER PAN E WENDY, de J. M. BARRIE
PLANETA CORPO, de SILVIA ZATZ
QUAL É O SEU NORTE?, de SILVANA SALERNO
O TERROR DOMESTICADO, de IAN WHYBROW
OS TRÊS FANTASMINHAS, de PIPPA GOODHART
VOLTA AO MUNDO EM 52 HISTÓRIAS,
org. NEIL PHILIP

Cia. das Letras

ABARAT, de CLIVE BARKER
O ELEVADOR ERSATZ, de LEMONY SNICKET
EM QUE ANO ESTAMOS?, de MARCIA CAMARGOS
GERMINAL, de ÉMILE ZOLA
HISTÓRIAS DE MISTÉRIO, de LYGIA FAGUNDES TELLES
INFERNO NO COLÉGIO INTERNO, de LEMONY SNICKET
POR ONDE VOCÊ ANDOU, ROBERT?,
de HANS MAGNUS ENZENSBERGER
SHERLOCK MOREIRA, de ANTONIO CARLOS OLIVIERI
SORTEIO DA MORTE, de HUBERT BEN KEMOUN

Quadrinhos na Cia.

D. JOÃO CARIOCA, de SPACCA e LILIA MORITZ SCHWARCZ
HABIBI, de CRAIG THOMPSON

Companhia das Letras

A TESTEMUNHA SILENCIOSA, de OTTO LARA RESENDE

Companhia de Bolso

HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS, de EDGAR ALLAN POE

Penguin-Companhia das Letras

GRANDES ESPERANÇAS, de CHARLES DICKENS
ORGULHO E PRECONCEITO, de JANE AUSTEN

5

A poesia das palavras



As crianças são extremamente receptivas às quadrinhas e a todo texto que ressalte o caráter lúdico da linguagem. É preciso aproveitar a sala de aula e colocá-las em contato com ritmos e rimas, para que elas aprendam desde cedo que a língua pode estar a serviço da poesia.

Quando as crianças chegam à escola, já são falantes e usuárias competentes da língua materna, tendo portanto um conhecimento implícito das regras de seu funcionamento. É o momento de transformar esse conhecimento em algo explícito, e, para isso, os professores planejam diversas situações didáticas em que possam conversar com seus alunos sobre o funcionamento da linguagem, suas regras, a língua escrita etc.

No momento em que as crianças se deparam com a leitura de textos literários, surge a necessidade de lhes mostrar o uso da língua como obra de arte. Ora, assim como o artista utiliza a tinta e o pincel para pintar seus quadros, o escritor utiliza palavras para criar seus textos. É preciso proporcionar aos alunos em situações que eles possam observar e analisar a diversidade de materiais que a língua oferece, seja em termos de ritmo e sonoridade, seja em termos de significação.

Descobrir que a combinação de sons pode deixar uma frase engraçada, que uma palavra pode modificar completamente o sentido de um texto, que a combinação de sílabas pode dar um ritmo todo especial às histórias, que uma palavra pode ter vários significados, enfim, descobrir que a linguagem ultrapassa a barreira das regras cotidianas e se transforma no material de trabalho do escritor não só amplia o conceito de linguagem que as crianças já possuem, como contribui para a formação de leitores mais exigentes.

Embora esses recursos também estejam presentes em todos os tipos de texto literário, nos poemas e quadrinhas eles ganham destaque especial. Por essa razão, é importante que em alguns momentos do trabalho a atenção dos alunos seja dirigida especificamente para o universo das poesias e dos textos ritmados.

A leitura de poemas e quadrinhas é uma atividade que possibilita infinitas observações: a rima, o uso dos fonemas, a brincadeira com o significado das palavras, a disposição gráfica do texto na folha de papel...

As crianças **entre 3 e 5 anos**, que frequentam as classes de **educação infantil**, têm muita sensibilidade no que diz respeito à sonoridade das palavras; por isso, brincadeiras com os sons da língua agradam muito e possibilitam inúmeras atividades.

Entre 3 e 4 anos, como as crianças ainda não leem de maneira convencional, o professor pode, por exemplo, ler os poemas de *Fora da gaiola*, *Girassóis* e *Bem-te-vi* algumas vezes durante um período, para que elas possam conhecê-los bem. Na sequência, pode propor que cada uma escolha o poema que gostaria de recitar para os colegas durante uma roda de leituras. Se for solicitado que os pais ajudem na tarefa de memorização, será preciso que cada criança tenha em casa seu próprio exemplar do livro. O “recital” preparado pela classe pode ser apresentado também para outras turmas.

Aos 5 anos as próprias crianças já são capazes de inventar quadrinhas usando rimas. Podem tentar criar um ritmo para pequenos poemas já conhecidos pela sala, como os que integram *A arca de Noé*; ou marcar com palmas o ritmo de poemas lidos; ou também relacionar quadrinhas conhecidas ao nome ou apelido de colegas. Para tanto, o professor deve instruí-las a pensar nos sons dos nomes, procurando descobrir quadrinhas que combinem com eles.

Nos **primeiros anos do ensino fundamental** o professor pode incluir na rotina uma atividade permanente — o “Minuto da poesia” —, na qual cada aluno apresenta para os colegas um poema que goste de ouvir e ler. É importante estimular os alunos a justificar sua escolha com apreciações do tipo “gostei porque tem rimas engraçadas”, “achei diferente porque é um poema que não tem rimas”.

Pode-se também organizar uma coletânea de poemas para que os alunos os classifiquem segundo critérios como: bloco dos poemas que têm rimas, bloco dos poemas que não têm rimas, bloco dos poemas que são divididos em versos, bloco dos poemas narrativos etc.

A partir do 4º ano é possível incentivar os alunos a escrever seus próprios poemas e depois lançá-los em um “Livro de poemas”, que passará a fazer parte do acervo da biblioteca da escola.

Entre o 6º e o 9º ano os alunos geralmente já têm mais competência no exercício da escrita, sendo capazes, portanto, de enfrentar desafios maiores na produção de textos e também de utilizar seus conhecimentos sobre o funcionamento da língua para justificar o que escrevem. Já podem estudar as rimas (pobres e ricas; cruzadas, interpoladas), os versos, a distribuição das estrofes e versos (em formas clássicas como o soneto, por exemplo), o ritmo, a sonoridade (aliteração), o uso das figuras de linguagem.

Nessa etapa da escolaridade, uma boa proposta pode ser a elaboração de um livro de poemas narrativos no qual os alunos utilizem os recursos aprendidos. Nesse trabalho será possível:

- Reunir poemas narrativos de vários autores.
- Observar quais recursos expressivos são utilizados por eles.
- Organizar antologias dos poemas de que a classe mais gostou ou de determinados autores.

- Compartilhar com os colegas leituras de poemas de um autor predileto.

No decorrer dessas leituras, os alunos têm oportunidade de produzir seus próprios poemas e compará-los com outros; podem também revisá-los à luz dos conhecimentos adquiridos.

TÍTULOS SUGERIDOS

Companhia das Letrinhas

ÁGUA SIM, de EUCANAÃ FERRAZ

A ARCA DE NOÉ, de VINICIUS DE MORAES

BEM-TE-VI, de LALAU e LAURABEATRIZ

BICHO DE SETE CABEÇAS E OUTROS SERES

FANTÁSTICOS, de EUCANAÃ FERRAZ

UM CALDEIRÃO DE POEMAS, de TATIANA BELINKY

CAMBALHOTA, de RICARDO DA CUNHA LIMA

DE CABEÇA PRA BAIXO, de RICARDO DA CUNHA LIMA

FORA DA GAIOLA, de LALAU e LAURABEATRIZ

GIRASSÓIS, de LALAU e LAURABEATRIZ

A LUA NO CINEMA, org. de EUCANAÃ FERRAZ

MENINO DRUMMOND, de CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

NÃO EXISTE DOR GOSTOSA, de RICARDO AZEVEDO

NÓS E OS BICHOS, de MARCELO OLIVEIRA

PALHAÇO, MACACO, PASSARINHO, de EUCANAÃ FERRAZ

O POETA APRENDIZ, de VINICIUS DE MORAES, & TOQUINHO & ADRIANA CALCANHOTTO

QUEM É QUEM, de LALAU e LAURABEATRIZ

RATINHOS, de RONALDO SIMÕES COELHO

O REI E O MAR, de HEINZ JANISCH

RIMA PRA CÁ, RIMA PRA LÁ, de CORINNE ALBAUT e outros

VIAGENS PARA LUGARES QUE EU NUNCA FUI, de ARTHUR NESTROVSKI

O VOO DO GOLFINHO, de ONDJAKI

ZOO ZURETA, de FABRÍCIO CORSALETTI

Cia. das Letras

O CANTO DAS MUSAS, de CIBELE LOPRESTI, ALINE EVANGELISTA e PÉRICLES CAVALCANTI

MURUNDUM, de CHACAL

Claro Enigma

A ODISSEIA DE HOMERO ADAPTADA PARA JOVENS, de FREDERICO LOURENÇO

Companhia das Letras

ANTOLOGIA POÉTICA, de CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

ESTORIAS ABENSONHADAS, de MIA COUTO

LIVRO DE SONETOS, de VINICIUS DE MORAES

A ROSA DO POVO, de CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

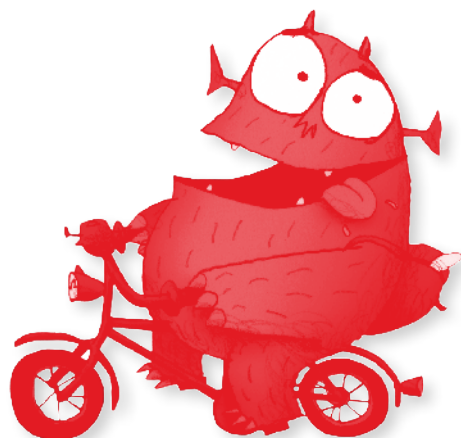
Companhia de Bolso

ANTOLOGIA POÉTICA, de VINICIUS DE MORAES

SENTIMENTO DO MUNDO, de CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

6

Em foco, o ilustrador



Os livros para crianças e jovens permitem uma exploração fértil da linguagem visual. Às vezes as imagens formam uma parceria estreita com o texto, às vezes são um comentário sobre ele. De todo modo, ensinam que é possível dizer coisas sem usar palavras.

Quantas vezes não pegamos um livro apenas para nos deleitar com suas belas figuras, apreciando o traçado inusitado que complementa as histórias, observando a forma como cada artista mergulhou em um texto e o apresentou em linguagem visual? As crianças fazem algo parecido quando escolhem um livro para se divertir com as imagens.

O trabalho do ilustrador é tão importante e inventivo quanto o de quem escreve a história; ambos estão juntos no livro, comunicando ideias. Por isso, o professor deve não só incentivar os alunos a “folhear criativamente” as obras ilustradas, mas também a planejar situações em que eles possam observar mais atentamente as imagens contidas nos livros que circulam pela classe, propondo apreciações.

Podem observar, por exemplo, como diferentes ilustradores fazem um bicho, uma árvore, uma pessoa: uns pintam, outros desenharam ou colam, e há até os que bordam. Ao promover esse tipo de atividade, o professor contribui para que os alunos conheçam melhor essa parceria tão interessante que se dá entre o texto e suas imagens.

Com as crianças das classes de **educação infantil**, o professor pode periodicamente fazer rodas de conversa em que o assunto seja o trabalho dos ilustradores das histórias que são apreciadas pela classe. Durante a conversa, pode chamar a atenção para aspectos gráficos, tais como as cores, as texturas, as linhas que compõem as imagens criadas pelos diferentes artistas. Pode também orientar o olhar dos alunos para que eles observem as formas utilizadas por diferentes artistas para representar paisagens, ambientes ou personagens.

Observando com as crianças as paisagens que aparecem nos livros Como contar crocodilos, Menino do rio doce e A senhora Meier e o melro, vemos que no primeiro as paisagens

são feitas com pinceladas, as cores são fortes e vibrantes, as montanhas, lagos e plantas nem sempre são pintados nas tonalidades reais. O artista faz árvores bem simples, mas experimenta diferentes formatos de copa e explora texturas de pontinhos, tracinhos, risquinhos, listras, linhas curvas.

No segundo, as paisagens são feitas com bordado e as linhas do desenho são linhas mesmo: retas para vegetação, curvas para as águas do rio, linhas bem juntinhas para a fachada das casas e pontilhadas para as estrelas do céu. Há a predominância da cor azul, o azul do rio. Vale a pena, aqui, observar também os diferentes formatos de copa das árvores.

No último livro aparecem apenas uns pedacinhos de paisagem, e o ilustrador, que é também o escritor da história, usa vários tipos de material: tintas, lápis de cor, giz de cera. Com a mistura desses materiais ele consegue texturas muito curiosas, como a do tronco da árvore. As cores das paisagens se aproximam mais da realidade, e, nas últimas páginas do livro, aparece um outro tipo de paisagem: a urbana.

Como são muitos os aspectos a apreciar quando os alunos se reúnem para observar as imagens dos livros, é preferível destacar um aspecto de cada vez, para que a conversa não se torne longa e cansativa.

No **ensino fundamental**, o professor pode pedir aos alunos que observem os diferentes tipos de ilustração e as relações entre texto e imagem — por exemplo, num texto informativo como *A outra enciclopédia canina*, em que as imagens enfatizam as características físicas dos cães, reforçando a própria ideia de saber enciclopédico. É interessante notar que, sendo as imagens criadas por diferentes ilustradores, há nesse livro um repertório gráfico bastante amplo a ser pesquisado pelas crianças. Essa mesma diversidade de ilustradores pode ser apreciada em *Histórias para todos os dias*.

Os alunos podem estender essa pesquisa, procurando conhecer de que maneira vários ilustradores de diferentes histórias de animais desenham focinhos, orelhas, formato das patas, posições de ataque e defesa etc. Os livros *Da pequena toupeira que queria saber quem tinha feito cocô na cabeça dela* e *Monstros e mundos misteriosos* oferecem uma diversidade de estilos que certamente enriquecerá as pesquisas desse tipo.

Nos **últimos anos do ensino fundamental** e no **ensino médio**, as possibilidades de discussão sobre as relações entre texto e imagem podem ser mais complexas. O professor pode chamar a atenção dos alunos para o fato de que geralmente as imagens são produzidas a partir do texto, como em *Histórias para aprender a sonhar*, de Oscar Wilde; outras vezes, porém, o texto é criado a partir das imagens, como em *A menina, a gaiola e a bicicleta*, e às vezes texto e imagem nascem juntos, como em *A senhora Meier e o melro*. Nesses livros, as formas de relação entre a criação do texto e da imagem são explicitadas pelos autores, fato para o qual o professor pode chamar a atenção dos alunos.

O professor pode também encaminhar uma discussão sobre as afinidades entre tipos de texto e estilo gráfico. Um texto mais poético pede algum tipo específico de ilustração? Um texto infantil requer ilustrações com cores vibrantes e cheias de contraste? Em um texto

informativo a ilustração deve apresentar muitas informações visuais? Além disso, é possível trabalhar questões relativas aos tipos e tamanhos de letras, às formas de dispor o texto, ao uso de maiúsculas etc., pois esses são recursos gráficos que possibilitam reforçar a expressividade do texto. A apreciação do livro *O patinho realmente feio e outras histórias malucas* pode contribuir para essa discussão; nele as maluquices dos textos contagiam não só as ilustrações, mas todos os recursos gráficos, que vão se alterando durante todo o texto.

TÍTULOS SUGERIDOS

Companhia das Letrinhas

ÁGUA SIM, de EUCANAË FERRAZ; il.: ANDRÉS SANDOVAL

AS AVENTURAS DO AVIÃO VERMELHO,
de ERICO VERISSIMO; il.: EVA FURNARI

UM CALDEIRÃO DE POEMAS, de TATIANA BELINKY;
vários ilustradores

CHAPEUZINHO VERMELHO, de CHARLES PERRAULT;
il.: GEORG HALLENSLEBEN

OS CHIFRES DE FILOMENA, de DAVID SMALL

COMO CONTAR CROCODILOS, de MARGARET MAYO;
il.: EMILY BOLAM

COMO VOU?, de FERNANDO DE ALMEIDA, RENATA BUENO
e MARIANA ZANETTI

CONTRADANÇA, de ROGER MELLO

DA PEQUENA TOUPEIRA QUE QUERIA SABER QUEM
TINHA FEITO COCÔ NA CABEÇA DELA, de WERNER
HOLZWARTH; il.: WOLF ERLBRUCH

DE CABEÇA PRA BAIXO, de RICARDO DA CUNHA LIMA;
il.: GIAN CALVI

DE QUANTA TERRA PRECISA O HOMEM?,
de LIEV TOLSTÓI; il.: CÁRCAMO

DIÁLOGOS INTERESSANTÍSSIMOS, de GILLES EDUAR

ENQUANTO ISSO..., de JULES FEIFFER

GELO NOS TRÓPICOS, de CÁRCAMO

HISTÓRIAS DA CAZUMBINHA, de MEIRE CAZUMBÁ;
il.: MARIE ANGE BORDAS

HISTÓRIAS PARA APRENDER A SONHAR,
de OSCAR WILDE; il.: ODILON MORAES

HISTÓRIAS PARA TODOS OS DIAS, de NATHA CAPUTO
e SARA CONE BRYANT; vários ilustradores

AS INVENÇÕES DE IVO, de ROGÉRIO TRENTINI; il.:
DANIEL ALMEIDA

O LIVRO DA MEDICINA, de MOACYR SCLiar;
il.: MARCELO CIPIS

O LIVRO DA MÚSICA, de ARTHUR NESTROVSKI;
il.: MARCELO CIPIS

A MENINA, A GAIOLA E A BICICLETA / CÉU DE
PASSARINHOS, de RUBEM ALVES e CARLOS BRANDÃO.
Bordados: ANTÔNIA DINIZ DUMONT, ÂNGELA, MARILU,
MARTHA e SÁVIA DUMONT; desenhos: DEMÓSTENES
DUMONT

MENINO DO RIO DOCE, de ZIRALDO. Bordados:
ANTÔNIA DINIZ DUMONT, ÂNGELA, MARILU, MARTHA
e SÁVIA DUMONT; desenhos: DEMÓSTENES DUMONT

MONSTROS E MUNDOS MISTERIOSOS,
de HELOISA PRIETO, il.: GUILHERME VIANNA

OSSOS DO OFÍCIO, de GILLES EDUAR

A OUTRA ENCICLOPÉDIA CANINA, RICARDO AZEVEDO;
vários ilustradores

OUTRA VEZ OS TRÊS PORQUINHOS,
de ERICO VERISSIMO; il.: EVA FURNARI

O PATINHO REALMENTE FEIO E OUTRAS HISTÓRIAS
MALUCAS, de JON SCIESZKA; il.: LANE SMITH

QUE HISTÓRIA É ESSA? 2, de FLAVIO DE SOUZA;
il.: DANIEL KONDO

ROSA MARIA NO CASTELO ENCANTADO,
de ERICO VERISSIMO; il.: EVA FURNARI

A SENHORA MEIER E O MELRO, de WOLF ERLBRUCH

SETE HISTÓRIAS PARA SACUDIR O ESQUELETO,
de ANGELA-LAGO

SIGA A SETA, de ISABEL MINHÓS MARTINS;
il.: ANDRÉS SANDOVAL

SOLTEI O PUM NA ESCOLA!, de BLANDINA FRANCO;
il.: JOSÉ CARLOS LOLLO

TÍTULOS SUGERIDOS

TELEFONE SEM FIO, de ILAN BRENNAN
e RENATO MORICONI

TODO CUIDADO É POUCO!, de ROGER MELLO

TODO MUNDO VAI AO CIRCO, de GILLES EDUAR

OS TRÊS PORQUINHOS POBRES, de ERICO VERISSIMO;
il.: EVA FURNARI

VIZINHO, VIZINHA, de ROGER MELLO; il.: MARIANA
MASSARANI, ROGER MELLO e GRAÇA LIMA

O VOO DO GOLFINHO, de ONDJAKI;
il.: DANUTA WOJCIECHOWSKA

ZECA ERA DIFERENTE, de NORMAN ROCKWELL

Cia. das Letras

POR TRÁS DAQUELA FOTO, de vários autores

Quadrinhos na Cia.

FREUD, de CORINNE MAIER

PERSÉPOLIS, de MARJANE SATRAPI

O ÚLTIMO CAVALEIRO ANDANTE, de WILL EISNER

7 A leitura e as tarefas escolares



Na escola os alunos aprendem a construir conhecimentos e a sistematizar a aprendizagem. Uma das chaves desse processo é desenvolver procedimentos para lidar com a informação, por isso é preciso criar situações didáticas que explorem tanto a compreensão quanto a produção de textos informativos.

As crianças encontram na escola um espaço programado para aprender a fazer diferentes leituras do mundo, a ler diferentes tipos de texto portadores de diferentes conteúdos. Textos que chegam à sala de aula para apoiar o trabalho nas diferentes disciplinas, permitindo que os alunos construam conhecimentos e sistematizem a aprendizagem. Entre esses textos, é grande a quantidade dos que têm cunho informativo: descritivos, instrucionais, resenhas, reportagens, listas, legendas, títulos, verbetes, definições, entrevistas etc.

Cabe ao professor criar situações didáticas em que os alunos aprendam a lidar com esses diferentes tipos de texto, ao desenvolver as diversas tarefas que a vida escolar lhes coloca. Aprender a lidar com eles não porque é preciso realizar as tarefas escolares, mas porque a realização delas prepara as crianças para viver plenamente a cultura em que nasceram.

Livros como *O médico e o monstro*, *Aladim — E outros contos de As mil e uma noites* e todos os outros dessa série, por exemplo, possuem um formato que reúne um texto literário a pequenos textos informativos sobre os personagens, o espaço geográfico e histórico onde viveram, as características culturais da época; as ilustrações trazem legendas que detalham informações históricas, contribuindo para a compreensão do cenário em que a história acontece. Na sala de aula, além de promoverem a ampliação do universo de informações literárias e históricas dos alunos, esses livros podem ser utilizados como modelo e instrumento para o trabalho relacionado com o desenvolvimento da competência dos alunos para a produção de textos informativos.

Em classes do **ensino fundamental, do 1º ao 9º ano**, os professores podem, por exemplo,

criar condições para que se forme uma editora mirim da classe ou da escola, propondo atividades regulares de produção de livros que organizem informações adquiridas pelas classes nas situações de aprendizagem de conteúdos de história, geografia ou ciências naturais.

Durante os trabalhos na “editora”, cada aluno pode desempenhar uma função, de acordo com o momento de escolaridade em que a proposta for praticada e segundo as competências a serem desenvolvidas: selecionar imagens, realizar o levantamento de fontes de pesquisa, compilar informações, escrever legendas, criar títulos, revisar os textos, ilustrar etc.

Nos **últimos anos do ensino fundamental** e mesmo no **ensino médio** os alunos podem ser convidados a escrever textos informativos sobre livros de literatura que já tenham lido, seja em forma de resenha para um informativo da biblioteca da escola, seja para a organização de um banco de dados sobre história da literatura. Os textos informativos que acompanham *Sete contos russos* e *A saga de Siegfried* são bons modelos para a realização desse tipo de trabalho pelos alunos.

Nas classes de **educação infantil**, embora as crianças ainda não leiam nem escrevam de modo convencional, é possível iniciá-las na prática de produção de textos informativos, motivando-as a criar textos coletivos que abordem as coisas que aprenderam sobre temas pesquisados pela classe. O livro *ABC do zoo*, por exemplo, traz um material informativo que pode servir de modelo para que as classes de **5 a 6 anos** escrevam seus próprios textos.

Durante essas atividades de produção de textos coletivos, quando as crianças ainda não dominam a escrita, é o professor que dirige a situação de aprendizagem: escreve as sugestões, registra as alterações propostas pelos alunos, lê o que foi produzido em cada momento de trabalho para que todos possam rever o texto em criação, sugere mudanças, fica responsável por “passar a limpo” o produto final.

O professor deve sempre respeitar o texto criado pelos alunos; precisa levar em conta o fato de que, por estarem aprendendo, é natural que o produto de seu trabalho contenha incorreções. Ou seja, embora o professor possa fazer sugestões de revisão de trechos mal resolvidos (afinal, ele está ali para ensinar), deve evitar introduzir suas próprias ideias no texto dos alunos.



TÍTULOS SUGERIDOS

Companhia das Letrinhas

ABC DO ZOO, de PEDRO MAIA

ALADIM — E OUTROS CONTOS DE AS MIL E UMA NOITES, adaptação de ROSALIND KERVEN

ÀS MARGENS DO AMAZONAS, de LAURENCE QUENTIN

BREVÍSSIMA HISTÓRIA DE QUASE TUDO, de BILL BRYSON

CHICO CAMBEVA NO FUNDO DO MARTELO, de JOAQUIM DE ALMEIDA

CIÊNCIA EM VERSOS, de JON SCIESZKA

GRANDES AVENTURAS, de RICHARD PLATT

JACK BRODÓSKI EM RESGATE NO CÍRCULO DE FOGO, de FLAVIO DE SOUZA

O LIVRO DO CIENTISTA, de MARCELO GLEISER

O LIVRO DOS PORQUÊS, de vários autores

O MÉDICO E O MONSTRO, de ROBERT LOUIS STEVENSON, adaptação de MICHAEL LAWRENCE

NA CASA DO LEO — O CORPO HUMANO, de PHILIP ARDAGH

PLANETA CORPO, de SILVIA ZATZ

QUAL É O SEU NORTE?, de SILVANA SALERNO

REUNIÃO DOS PLANETAS, de MARCELO OLIVEIRA

A REVOLTA DAS PALAVRAS, de JOSÉ PAULO PAES

ROBINSON CRUSOÉ, de DANIEL DEFOE

A SAGA DE SIEGFRIED, adaptação de TATIANA BELINKY

SETE CONTOS RUSSOS, adaptação de TATIANA BELINKY

VIAGEM PELO BRASIL EM 52 HISTÓRIAS, de SILVANA SALERNO

Cia. das Letras

ARQUEOLOGIA PASSO A PASSO, de RAPHAEL DE FILIPPO

CONTOS E LENDAS DA EUROPA MEDIEVAL, de GILLES MASSARDIER

A IDADE MÉDIA PASSO A PASSO, de VINCENT CARPENTIER

ISAAC NEWTON E SUA MAÇÃ, de KJARTAN POSKITT

O LIVRO DAS RELIGIÕES, de JOSTEIN GAARDER

PRÉ-HISTÓRIA PASSO A PASSO, de COLETTE SWINNEN

Claro Enigma

DE OLHO EM D. PEDRO II E SEU REINO TROPICAL, de LILIA MORITZ SCHWARCZ

DE OLHO EM EUCLIDES DA CUNHA, de LÚCIA GARCIA

DE OLHO EM LAMPIÃO, de ISABEL LUSTOSA

DE OLHO EM MÁRIO DE ANDRADE, de ANDRÉ BOTELHO

DE OLHO EM ZUMBI DOS PALMARES, de FLÁVIO DOS SANTOS GOMES

Companhia de Bolso

O LIVRO DAS RELIGIÕES, de JOSTEIN GAARDER

AS SETE MAIORES DESCOBERTAS CIENTÍFICAS DA HISTÓRIA E SEUS AUTORES, de DAVID ELIOT BRODY e ARNOLD R. BRODY



8

Os textos que contam as histórias

Um mesmo livro pode conter textos de ficção e de não ficção, textos “inventados” e textos “verdadeiros”. Por explicitarem essa distinção entre o mundo imaginário e a realidade histórica, permitem que o leitor experimente uma proximidade maior com o universo retratado neles.

Para que os alunos aprendam a se tornar usuários da escrita, é preciso que convivam com ela em circunstâncias diversas, marcadas por diferentes propósitos comunicativos. Por isso é que as situações de produção e interpretação de textos na escola devem ser “verdadeiras”, ou seja, tanto quanto possível, semelhantes àquelas praticadas na vida “real”, fora da escola, no dia a dia. Livros que contenham diferentes tipos de texto, em contextos de uso adequados, devem fazer parte da biblioteca da classe. Uma mesma história pode ser contada usando-se, por exemplo, cartas, cronologias, biografias, legendas, informes etc., organizados pelo autor de modo a complementar a trama da história que ele está narrando.

Esse processo pode ser exemplificado com os livros *Ao sul da África*, *Às margens do Amazonas* e *Pelas cores da Índia*, de Laurence Quentin. Cada livro apresenta três grupos ou povos da região. Por exemplo, o livro *Ao sul da África* apresenta os povos Ndebeles, os Xonas e os bosquímanos; em *Às margens do Amazonas* o leitor conhece os caboclos, ianomâmis e otavals; em *Pelas cores da Índia* lemos sobre os intocáveis, os jainistas e os marajás. Nesses livros, a história, a geografia e os costumes desses grupos são apresentados por meio de textos explicativos, narrativas ficcionais, jogos e fotos. Embora estejam a serviço de um mesmo enredo, esses textos diferem segundo a função que exercem: o literário conta a história, enquanto os informativos ensinam sobre o tempo, o lugar, o modo de vida etc.

Nas classes de **educação infantil**, os alunos estão se aproximando do mundo dos textos, aprendendo a adequar seu uso a situações de comunicação real. **Entre 3 e 4 anos**, é importante que o professor conheça o que os alunos sabem sobre o uso de cartas, bilhetes, notícias etc. No livro *A verdadeira história dos Três Porquinhos*, o clássico conto do Lobo Mau ganha

nova versão, na qual há recortes de jornal que podem ser apontados como portadores de textos que se referem à história. O professor deve chamar a atenção dos alunos para esse aspecto, identificando as diferenças entre um texto e outro.

Já aos **5 e 6 anos**, a produção de legendas das ilustrações dos livros é uma ótima possibilidade de aprendizagem de um tipo de texto que não é literário mas se refere diretamente à história lida para o grupo. Os alunos podem ser convidados tanto para legendar imagens, como para elaborar pequenos textos informativos sobre aspectos de uma história que aparecem nas ilustrações mas não no texto — por exemplo, as expressões faciais de um personagem, seu tipo de roupa, a forma do mobiliário de um ambiente etc.

Nos **primeiros anos do ensino fundamental**, brincar de se comunicar com personagens de contos de fadas, escrevendo para eles ou sobre eles, pode render um rico trabalho de produção escrita. Uma proposta que pode ser muito produtiva é sugerir aos alunos que escrevam cartas ou bilhetes para personagens de histórias conhecidas, avisando-os dos perigos que irão enfrentar, perguntando-lhes como conseguiram escapar de situações perigosas ou, ainda, como se sentiram diante delas. Dois exemplos:

- Escrever a Chapeuzinho Vermelho aconselhando-a sobre o que pode lhe ocorrer se decidir tomar o caminho não recomendado por sua mãe.
- Redigir uma carta endereçada a Cinderela perguntando, entre outras coisas, o que lhe passou pela cabeça quando ouviu soar as doze badaladas do relógio.

Em *Vice-versa ao contrário*, uma coletânea de novas versões para narrativas conhecidas, ao reinventar a história do conde Drácula, Heloisa Prieto cria uma correspondência entre dois personagens inventados por ela. O tema principal das cartas é o mistério que cerca o famoso vampiro, o que resulta numa “brincadeira” divertida. O professor pode propor aos alunos algo semelhante, com personagens de narrativas que tenham sido trabalhadas em classe.

É interessante observar que nesse mesmo livro há outro tipo de texto: os boxes contendo informações sobre os autores dos contos originais e uma síntese da versão original.

Para as classes do **6º ao 9º ano**, a proposta é produzir textos informativos cujo tema seja “irreal”, porque vinculado diretamente ao mundo da fantasia, mas capaz de dar suporte à compreensão da história. Três sugestões: “A moda na era Cinderela”, “Os fatos mais marcantes nos cem anos de sono da princesa Aurora”, “As receitas de Branca de Neve para deleite dos anões”.

Outra situação interessante, em que textos diversos podem se combinar com textos literários, é produzida quando se escreve a biografia de um personagem dos contos clássicos. Na série de livros da coleção composta por *Drácula*, *Robin Hood*, *Beleza Negra*, *O Corcunda de Notre-Dame* e *O médico e o monstro*, a história desses personagens é acompanhada de informações sobre a vida cotidiana no tempo em que eles teriam vivido, bem como de ilustrações legendadas, cronologias, linhas do tempo e outros textos que mesclam a ficção e a realidade, a imaginação e a história, permitindo assim que o leitor experimente uma proximidade maior com o universo retratado nessas obras.

TÍTULOS SUGERIDOS

Companhia das Letrinhas

ÀS MARGENS DO AMAZONAS, de LAURENCE QUENTIN

AO SUL DA ÁFRICA, de LAURENCE QUENTIN

BELEZA NEGRA, de ANNA SEWELL

O BRASIL EM FESTA, de SÁVIA DUMONT

CHINA ANTIGA, de STEWART ROSS

O CORCUNDA DE NOTRE-DAME, de VICTOR HUGO,
adaptação de JIMMY SYMONDS

DRÁCULA, de BRAM STOKER

EGITO ANTIGO, de BRIGITTE ÉVANO

GRÉCIA ANTIGA, de STEWART ROSS

HISTÓRIAS DAS COISAS, de NEAL LAYTON

O MÉDICO E O MONSTRO, de ROBERT LOUIS STEVENSON

PELAS CORES DA ÍNDIA, de LAURENCE QUENTIN

ROBIN HOOD, de NEIL PHILIP

ROMA ANTIGA, de STEWART ROSS

A VERDADEIRA HISTÓRIA DOS TRÊS PORQUINHOS,
de JON SCIESZKA

VICE-VERSA AO CONTRÁRIO, org. HELOISA PRIETO

XANGÔ, O TROVÃO, de REGINALDO PRANDI

Cia. das Letras

ANTÍGONA, A REBELDE, de MARIE-THÉRÈSE DAVIDSON

CLEÓPATRA E SUA VÍBORA, de MARGARET SIMPSON

OS COMBATES DE AQUILES, de MANO GENTIL

CONTOS E LENDAS DA MITOLOGIA GREGA, de
CLAUDE POUZADOUX

CONTOS E LENDAS DO NASCIMENTO DE ROMA,
de FRANÇOIS SAUTEREAU

CONTOS E LENDAS DO EGITO ANTIGO, de BRIGITTE
ÉVANO

CONTOS E LENDAS — OS DOZE TRABALHOS DE
HÉRCULES, de CHRISTIAN GRENIER

ILUSÕES PERDIDAS, de HONORÉ DE BALZAC

MEDEIA, A FEITICEIRA, de VALÉRIE SIGWARD

OGUM, O REI DE MUITAS FACES, de LIDIA CHAIB
e ELIZABETH RODRIGUES

ORFEU, O ENCANTADOR, de GUY JIMENES

TRONODOCRONO/SHERAZADE, de JOSÉ RUBENS
SIQUEIRA e GABRIELA RABELO

ZEUS E A CONQUISTA DO OLIMPO, de HÉLÈNE
MONTARDRE

Penguin-Companhia das Letras

ANTOLOGIA DO TEATRO BRASILEIRO (SÉCULO XIX)
— COMÉDIA, de vários autores

9 Além das histórias



Aprender a ler significa também aprender a estabelecer vínculos entre um número cada vez maior de informações. Um bom estímulo nesse caso são obras que combinam características de gêneros diferentes (o romance histórico, por exemplo).

A biblioteca de uma escola precisa de livros de natureza variada, pois a diversidade representa uma grande contribuição ao enriquecimento cultural dos alunos: romances filosóficos ou históricos em que passagens importantes na história da humanidade ganham tratamento literário; depoimentos pessoais que falam sobre modos de vida em diferentes tempos e culturas; textos que compõem manuais e outras obras de referência (enciclopédias e dicionários) etc.

Muito úteis na escola e fora dela, livros assim são recursos indispensáveis ao processo de aprendizagem, mas às vezes sua utilização requer um planejamento cuidadoso. Ao adotar uma obra como *Volta ao mundo em 52 histórias*, na qual as narrativas vêm acompanhadas de um rico suporte de informações complementares, o professor precisa estar atento para que os alunos aprendam sobre os temas tratados pelo conjunto de textos informativos, mas sem se distanciar da ideia de que a literatura é sempre, e antes de mais nada, fonte de emoção, prazer, diversão, assombro, encanto.

Muitos títulos utilizam recursos literários para informar sobre determinados temas, como *Histórias da Bíblia* e *Mistério de Natal*. Outros ainda mesclam diferentes tipos de texto, como *Robin Hood* e os demais títulos da mesma série, ou como na coleção Memória e História.

Na série integrada por *Robin Hood*, podemos observar que os ilustradores se valem de obras de arte de diferentes épocas para obter os dados de que precisam ao criar as ilustrações.

Como trabalhar com esses textos?

Nas classes de **educação infantil**, as crianças estão aprendendo a aprender. O professor pode ter na sala livros que ofereçam informações próprias para alimentar as motivações que observa em seus alunos. Por exemplo, se está em curso um estudo sobre animais de estimação, o livro *A outra enciclopédia canina*, com suas ilustrações variadas e textos bem-humorados, pode servir de inspiração para conversas sobre os animais que as crianças têm em casa. O professor pode ainda fazer uma lista dos tipos e nomes dos bichinhos de estimação dos alunos e organizar um painel ou um álbum de fotos dos animaizinhos e seus donos, com legendas indicando o nome dos retratados.

À medida que crescem e têm cada vez mais condições de vincular diferentes tipos de informação, as crianças podem ser incentivadas a ampliar seus conhecimentos com informações relacionadas a conteúdos escolares que não são necessariamente matéria de estudo. Por exemplo: conhecer a história dos números que utilizam nos exercícios de matemática, no livro *Brincando com os números*, ou a história da música ao longo dos tempos em *Viva a música!*.

Para o **ensino fundamental**, nos **primeiros anos**, as pesquisas sobre temas de ciências naturais encontram ilustrações ricas em livros como *ABC do zoo*, uma espécie de dicionário ilustrado sobre animais do Brasil. Além de servir de apoio em estudos sobre a vida animal, este pode ser um livro útil para o desenvolvimento de atitudes mais comprometidas com a defesa da fauna brasileira.

A coleção Quase Tudo o Que Você Queria Saber traz, ao final de cada volume, pequenas notas que indicam caminhos possíveis ao leitor, caso ele queira mais informações sobre os temas de alguma história contada no livro. O professor pode chamar a atenção dos alunos para esse fato.

Já a coleção Por Dentro da Arte, da qual faz parte, por exemplo, *Na trilha de Gauguin*, apresenta uma forma inusitada de biografia do artista e constitui um bom material de apoio para enriquecer as atividades da área de artes. São livros que trazem fatos da vida pessoal do artista, marcas da sua produção, lugares onde viveu, pessoas que influenciaram sua vida e sua obra etc.

Nas classes do **6º ao 9º ano**, biografias e contextos históricos de criação literária são conteúdos bastante pertinentes para o momento de formação do estudante e do leitor. Os alunos que já possuam noções de tempo histórico podem aprender a influência dos contextos históricos na produção dos escritores e criar condições para entender por que uma mesma história ganha diferentes versões ao longo dos tempos. No livro *Histórias para aprender a sonhar*, por exemplo, há informações sobre o ambiente histórico e as condições de produção da história, material precioso para esse tipo de trabalho.



TÍTULOS SUGERIDOS

Companhia das Letrinhas

20000 LÉGUAS SUBMARINAS, de JÚLIO VERNE

ABC DO ZOO, de PEDRO MAIA

O AMOR E AS AVENTURAS DE TRISTÃO E ISOLDA,
de MARIA NAZARETH ALVIM DE BARROS

BRINCANDO COM OS NÚMEROS, de MASSIN

A BUSCA, de ERIC HEUVEL

O CÃO DOS BASKERVILLE, de ARTHUR CONAN DOYLE

O CIPÓ BRANCO, de FLORENCE BRETON

DE TODOS OS CANTOS DO MUNDO, de HELOISA
PRIETO

O GRANDE CIRCO DO MUNDO, de MARTA DE SENNA

GRANDES AVENTURAS, de RICHARD PLATT

HISTÓRIAS À BRASILEIRA, de ANA MARIA MACHADO

HISTÓRIAS DA BÍBLIA, de GEORGIE ADAMS

HISTÓRIAS PARA APRENDER A SONHAR, de OSCAR
WILDE

IFÁ, O ADIVINHO, de REGINALDO PRANDI

O LIVRO DOS PORQUÊS, de vários autores

MATA — CONTOS DO FOLCLORE BRASILEIRO,
de HELOISA PRIETO

MEU PRIMEIRO LIVRO DE CONTOS DE FADAS,
de MARY HOFFMAN

MISTÉRIO DE NATAL, de JOSTEIN GAARDER

NA TRILHA DE GAUGUIN, de CLAIRE MERLEAU-PONTY e
SYLVIE GIRARDET

A OUTRA ENCICLOPÉDIA CANINA, de RICARDO
AZEVEDO

PROCURA-SE!, de vários autores

QUERIA SER ALTA COMO UM TUIUIÚ, de FLORENCE
BRETON

QUERO UM BICHO DE ESTIMAÇÃO, de LAUREN CHILD

O REI ARTUR, de ROSALIND KERVEN

ROBIN HOOD, de NEIL PHILIP

VIVA A MÚSICA!, de MASSIN

VOLTA AO MUNDO EM 52 HISTÓRIAS, de NEIL PHILIP

XANGÔ, O TROVÃO, de REGINALDO PRANDI

Cia. das Letras

ALBERT EINSTEIN E SEU UNIVERSO INFLÁVEL,
de DR. MIKE GOLDSMITH

MAYA, de JOSTEIN GAARDER

OGUM, O REI DE MUITAS FACES, de LÍDIA CHAIB
e ELIZABETH RODRIGUES

Quadrinhos na Cia.

CLARA DOS ANJOS, de LIMA BARRETO

Penguin-Companhia das Letras

TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA,
de LIMA BARRETO

10

Leituras que inspiram conversas



Os temas das histórias, os conflitos vividos pelos personagens, as decisões que eles tomam às vezes espelham situações que os próprios leitores enfrentam. Assim, discutir um texto é discutir a vida e trilhar um caminho de enriquecimento pessoal.

Com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, assuntos relacionados às condutas humanas — àquilo que podemos chamar de ética —, à pluralidade cultural, à orientação sexual, entre outros temas, passaram a ser considerados conteúdos de aprendizagem escolar. Os textos literários são um bom apoio para o trabalho com esses conteúdos. Muitos deles registram (ou simulam) experiências pessoais, lembranças, podendo ser especialmente férteis como estimuladores de conversas e debates.

Como os textos têm o poder de alimentar o imaginário sem que este precise ser expresso, debatido, compartilhado, nem sempre se recomenda que os livros sejam ponto de partida para debates com os alunos e muito menos para conversas de teor moralizante. Mas, assim como as memórias e vivências das pessoas se transformam às vezes em livros, o trânsito pela literatura pode ocorrer na outra mão dessa mesma via, ou seja, os textos escritos podem se tornar fonte generosa para a troca de ideias, para o enriquecimento pessoal.

No livro *Uma velhinha de óculos, chinelos e vestido azul de bolinhas brancas*, os diversos narradores emitem sua opinião sobre uma vizinha quase desconhecida. Um texto como esse proporciona um debate sobre os diversos pontos de vista contidos na história, sobre os “pré-conceitos” de cada narrador em relação à personagem que está sendo descrita e, ainda, sobre como o ponto de vista de cada um pode interferir na ideia que se elabora acerca das pessoas e do mundo.

Para as crianças das classes de **educação infantil**, os personagens das histórias ganham tanta vida que elas compartilham intensamente seus problemas, conflitos, medos e feitos

enquanto ouvem as aventuras. Depois, com muita desenvoltura, nas suas brincadeiras as crianças tornam-se reis, princesas, heróis e monstros.

Quando lemos para elas histórias em que o narrador conta uma experiência pessoal, as situações relatadas podem favorecer e alimentar, em outros momentos, conversas sobre temas que interessam ao convívio social e que podem contribuir para a qualidade do ambiente sociomoral em que elas vivem.

As histórias, lidas ou contadas, podem fazer saltar aos olhos os conflitos, as injustiças, os preconceitos e dilemas morais vividos pelos personagens. Pode-se conversar, por exemplo, sobre a motivação de determinados personagens ao enganar outros ou sobre a justiça de uma sentença, na forma como o desfecho da trama foi construído pelo autor.

A proposta é que o professor converse com os alunos sobre situações vivenciadas pelos personagens nas histórias, para que opinem sobre elas. Mas os modelos de solução de conflito que as narrativas apresentam não devem ser usados com o intuito de ensiná-los a agir. As conversas devem girar em torno dos conflitos dos personagens — os quais podem, eventualmente, ser também conflitos de crianças —, mas não se deve fazer dos alunos os personagens da história lida.

Por exemplo, no livro *O urso que queria ser pai* um urso se põe a pensar que seria muito bom ter um filhotinho, mas não sabe como consegui-lo e, então, passa a conversar com outros animais em busca de uma resposta para seu problema. Num texto como esse, os pequenos estudantes podem contribuir com opiniões e soluções para a situação vivida pelo personagem.

Para o **ensino fundamental**, nos **cinco primeiros anos**, é interessante propor que os alunos compartilhem a leitura de livros que abordem temas ligados às relações interpessoais.

As situações vivenciadas pelos personagens de *O Clube dos Contrários*, por exemplo, podem alimentar conversas sobre as relações entre adultos e crianças. A história de Joakim, personagem de *Ei! Tem alguém aí?*, pode dar margem a uma boa conversa sobre momentos da vida que nos colocam em contato com questões inabituais, como ocorre quando o protagonista sente o desconforto causado pela chegada de um irmãozinho.

Para as classes do **6º ao 9º ano**, podemos propor relatos orais em que o aluno identifique o conteúdo do livro nas situações do seu dia a dia. *Minha mãe é um problema* e todos os outros livros dessa série, por exemplo, estimulam uma discussão sobre as boas soluções dos adolescentes para encarar com humor os conflitos familiares ou sobre como reconhecer o que existe de bom nessas relações, que nunca se constituem apenas de atritos tempestuosos.

Outra conversa interessante poderia versar sobre a diferença entre as gerações e suas implicações após a leitura de *Voando baixo*, em que um menino apaixonado por computadores “salva” seu avô, um velhinho que, por andar com a memória meio embaralhada, acaba se “perdendo” no passado.

TÍTULOS SUGERIDOS

Companhia das Letrinhas

O AMOR NOS TEMPOS DO BLOG, de VINICIUS CAMPOS

AS AVENTURAS DE PINÓQUIO, de CARLO COLLODI

OS BEIJINHOS DA CECI, de THIERRY LENAIN

CABUMM!, de HEINZ JANISCH

O CADERNO DE LILIANA, de LIVIA GARCIA-ROZA

O CASTELO DO PRÍNCIPE SAPO, de JOSTEIN GAARDER

CECI QUER UM BEBÊ, de THIERRY LENAIN

CECI TEM PIPI?, de THIERRY LENAIN

CHAKCHUCA DESAPARECEU, de GALIA OZ

A CICATRIZ, de ILAN BRENNAN

O CLUBE DOS CONTRÁRIOS, de SÍLVIA ZATZ

O COMILÃO, de CLÁUDIO THEBAS

DEUS ME LIVRE!, de ROSA AMANDA STRAUZ

DUELO, de DAVID GROSSMAN

EI! TEM ALGUÉM AÍ?, de JOSTEIN GAARDER

EM BUSCA DO TESOURO DA JUVENTUDE,
de LUIZ SCHWARCZ

GREVE DE VIDA, de AMÉLIE COUTURE

O IRMÃO QUE VEIO DE LONGE, de MOACYR SCLIER

O LIVRO DO GUITARRISTA, de TONY BELLOTTO

A MENINA QUE SE APAIXONAVA, de MARTA GÓES

MINHA MÃE É UM PROBLEMA, de BABETTE COLE

NEM TUDO ESTÁ PERDIDO, de SÍLVIA ZATZ

OLÍVIA TEM DOIS PAPAIS, de MÁRCIA LEITE

PETER PAN E WENDY, de J. M. BARRIE

PÍPPI A BORDO, de ASTRID LINDGREN

A PORTA ESTAVA ABERTA, de PAULINE ALPHEN

QUERIDA THÉO, de ANNE VANTAL

A REVOLTA DAS PALAVRAS, de JOSÉ PAULO PAES

SHREK!, de WILLIAM STEIG

SOMBRAS NO ASFALTO, de LUÍS DILL

TEM UM CABELO NA MINHA TERRA!, de GARY LARSON

TREZENTOS PARAFUSOS A MENOS, de RICARDO AZEVEDO

TUDO DEPENDE DE COMO VOCÊ VÊ AS COISAS,
de NORTON JUSTER

O URSO QUE QUERIA SER PAI, de WOLF ERLBRUCH

UMA VELHINHA DE ÓCULOS, CHINELOS E VESTIDO AZUL DE BOLINHAS BRANCAS, de RICARDO AZEVEDO

Cia. das Letras

A BIBLIOTECA MÁGICA DE BIBBI BOKKEN, de JOSTEIN GAARDER e KLAUS HAGERUP

O CAÇADOR DE SONHOS, de TED HUGHES

CORAÇÃO DE ANDROIDE, de PEDRO CAVALCANTI

DESENHOS DE GUERRA E DE AMOR, de FLAVIO DE SOUZA

DESTINATÁRIO DESCONHECIDO, de KATHRINE KRESSMANN TAYLOR

O DIA EM QUE LUCA NÃO VOLTOU, de LUÍS DILL

GIGANTES BELGAS, de BURKHARD SPINNEN

MAYA, de JOSTEIN GAARDER

UMA MENINA ESTRANHA, de TEMPLE GRANDIN e MARGARET M. SCARIANO

NÃO SE INCOMODE, de KAREN GRAVELLE e JENNIFER GRAVELLE

O QUE ESTÁ ACONTECENDO AÍ EMBAIXO?, de KAREN GRAVELLE, NICK CASTRO e CHAVA CASTRO

O PAI QUE ERA MÃE, de RUY CASTRO

O PÁSSARO RARO, de JOSTEIN GAARDER

O SENHOR DOS BONSAIS, de MANUEL VÁZQUEZ MONTALBÁN

TODOS CONTRA DANTE, de LUÍS DILL

VOANDO BAIXO, de PEDRO CAVALCANTI

Companhia das Letras

A VERTIGEM DA IMORTALIDADE, de PAULO SCHILLER

11

Histórias que ensinam história



A literatura nos permite conhecer as diferentes culturas do mundo, as diferentes formas de vida coletiva, os diferentes modos de ser das pessoas, a história e as histórias de cada povo e assim por diante. Explorar essa via de conhecimento em sala de aula ajuda a preparar melhor os alunos para o convívio com a diferença.

A vida social brasileira é marcada pela diversidade. Somos um país de muitas etnias indígenas, com uma imensa população de descendentes de povos africanos e de imigrantes. Tudo isso está expresso nas artes, nas diversas manifestações culturais; nas festas; nos sotaques e expressões típicas regionais etc. Essa diversidade marcada pela riqueza de expressões frequentemente dá margem a manifestações de preconceito e discriminação. Por isso, cabe à escola explicitar essa diversidade de padrões culturais, para favorecer o desenvolvimento de atitudes de respeito e valorização das diferentes manifestações culturais e modos de vida — dos alunos, dos brasileiros, de pessoas que vivem em outros países etc.

A escola é um espaço de convívio intenso, uma microssociedade, e é preciso tirar proveito das múltiplas e variadas situações de aprendizagem, tanto na sala de aula como durante os jogos e brincadeiras. E aqui se apresentam muitos momentos em que os livros de histórias podem colaborar.

Há livros cujas histórias nos ensinam sobre a cultura brasileira ou outras. É importante contar ou ler para as crianças histórias de diferentes origens, que apresentem traços da tradição a que pertencem (hábitos do povo de um determinado lugar, por exemplo). Com isso, quando crescerem, as crianças provavelmente terão condições de lidar melhor com a diferença, serão mais tolerantes, porque terão elementos para entender e respeitar valores, costumes e modos de vida diferentes dos seus. Uma forma interessante de tratar pedagogicamente a questão da diferença é abrir espaço para o diálogo, para o intercâmbio de ideias, de opiniões. E os livros, com suas histórias, podem dar voz a essas falas, dos personagens e das crianças.

Nas classes de **educação infantil**, é recomendável ler histórias curtas, agradáveis e facilmente memorizáveis pelas crianças, como, por exemplo, as de *Lá vem história* e *Lá vem história outra vez*. Mesmo que elas ainda não possuam informações suficientes para identificar a cultura de origem das narrativas lidas, é importante que saibam quando um texto faz parte de outra tradição e que possam, pouco a pouco, entrar em contato com elementos do imaginário do povo que o criou. Nos livros mencionados há indicação da origem cultural das narrativas.

A partir de **5 ou 6 anos de idade** já é possível chamar a atenção das crianças para as diferenças entre a cultura material (alimentação, vestimenta, moradia etc.) do povo que criou as narrativas lidas e a nossa cultura. Se, por exemplo, estiver em andamento na classe um projeto de investigação da vida cotidiana na Grécia antiga, pode-se incluir a leitura de *Divinas aventuras* como uma situação de aprendizagem e, a partir daí, tecer comentários sobre aspectos da cultura abordada no livro.

É preciso assegurar que essas encantadoras narrativas sejam saboreadas pelas peripécias que narram e pelo modo como são contadas e, em outro momento, que professor e alunos se voltem para elas como fontes de informações úteis à investigação que realizam conjuntamente.

Quando os alunos chegam às **séries iniciais do ensino fundamental**, surgem outras possibilidades de trabalho, de abordagem do tema. Pode-se, por exemplo:

- Dar a conhecer, a partir da leitura de *Histórias de índio*, outras formas de explicar fenômenos da natureza, ampliando esse repertório com a apresentação de distintas visões de diferentes povos.
- Ampliar o conhecimento das crianças sobre como surgem as histórias e os povos que as originaram, propondo que a partir da leitura de *Histórias da Preta* elas pesquisem um pouco mais as raízes africanas do povo brasileiro e as manifestações culturais que os povos da África nos legaram.
- Entrevistar pessoas (avós, por exemplo) que contem como era a vida quando elas eram pequenas, que atuarão como informantes dos alunos sobre hábitos, costumes e curiosidades de outra época. Em seguida as crianças podem ser incentivadas a escrever histórias do tempo em que o entrevistado viveu.

Para as classes do **6º ao 9º ano**, pode-se propor que os estudantes investiguem a formação do povo brasileiro e comuniquem aos colegas mais novos o resultado de sua pesquisa. Para isso, necessitarão do auxílio do professor, que deverá indicar fontes de consulta — por exemplo, *Histórias de avô e avó* e *A história dos escravos*.

Outro trabalho condizente com as possibilidades intelectuais dos alunos dessa faixa etária é a identificação, depois do contato com uma variedade de textos de diferentes culturas, dos temas mais frequentes nas narrativas de determinado povo.

TÍTULOS SUGERIDOS

Companhia das Letrinhas

17 É TOV!, de TATIANA BELINKY
O BRASIL EM FESTA, de SÁVIA DUMONT
CINCO HISTÓRIAS DE CINCO CONTINENTES,
de vários autores
DIVINAS AVENTURAS, de HELOISA PRIETO
FOTOGRAFANDO VERGER, de ANGELA LUHNING
A HISTÓRIA DOS ESCRAVOS, de ISABEL LUSTOSA
HISTÓRIAS DA CAZUMBINHA, de MEIRE CAZUMBÁ
HISTÓRIAS DA PRETA, de HELOISA PIRES LIMA
HISTÓRIAS DE AVÔ E AVÓ, de ARTHUR NESTROVSKI
HISTÓRIAS DE ÍNDIO, de DANIEL MUNDURUKU
LÁ VEM HISTÓRIA, de HELOISA PRIETO
LÁ VEM HISTÓRIA OUTRA VEZ, de HELOISA PRIETO
O LIVRO DO ATOR, de FLAVIO DE SOUZA
O MÁRIO QUE NÃO É DE ANDRADE, de LUCIANA SANDRONI
O NASCIMENTO DO DRAGÃO, de MARIE SELLIER
NASRUDIN, de REGINA MACHADO
PEQUENOS CONTOS PARA CRESCER, de ALBENA IVANOVITCH-LAIR e MARIO URBANET
PEQUENOS CONTOS PARA RIR, de ALBENA IVANOVITCH-LAIR e MARIO URBANET
PEQUENOS CONTOS PARA SENTIR MEDO,
de CHRISTINE PALLUY
PEQUENOS CONTOS PARA SONHAR, de MARIO URBANET
O REI ARTUR, de ROSALIND KERVEN
ROBINSON CRUSOÉ, de DANIEL DEFOE
TERRA — LAMPIÃO E A BARONESA, de HELOISA PRIETO
OS TRÊS MOSQUETEIROS, de ALEXANDRE DUMAS,
adaptação de MICHAEL LEITCH
YNARI, de ONDJAKI

Cia. das Letras

AVÓDEZANOVE E O SEGREDO DO SOVIÉTICO,
de ONDJAKI
O COMPADRE DE OGUM, de JORGE AMADO
CONTOS E LENDAS DA MITOLOGIA GREGA,
de CLAUDE POUZADOUX
CONTOS E LENDAS DO NASCIMENTO DE ROMA,
de FRANÇOIS SAUTEREAU
FILHA DE FEITICEIRA, de CELIA REES
GERMINAL, de ÉMILE ZOLA
O LIVRO DAS RELIGIÕES, de JOSTEIN GAARDER
POR ONDE VOCÊ ANDOU, ROBERT?,
de HANS MAGNUS ENZENSBERGER
O PRÊMIO DA LONGITUDE, de JOAN DASH
A RAINHA MARGOT, de ALEXANDRE DUMAS, adaptação
de FERNANDO NUNO
O TEOREMA DO PAPAGAIO, de DENIS GUEDJ
VELHOS AMIGOS, de ECLÉA BOSI

Claro Enigma

DE OLHO EM D. PEDRO II E SEU REINO TROPICAL,
de LILIA MORITZ SCHWARCZ
DE OLHO EM EUCLIDES DA CUNHA, de LÚCIA GARCIA
DE OLHO EM LAMPIÃO, de ISABEL LUSTOSA
DE OLHO EM MÁRIO DE ANDRADE, de ANDRÉ BOTELHO
DE OLHO EM ZUMBI DOS PALMARES, de FLÁVIO
DOS SANTOS GOMES

Companhia das Letras

O PALÁCIO DE INVERNO, de JOHN BOYNE

Companhia de Bolso

CAPITÃES DA AREIA, de JORGE AMADO
AS SETE MAIORES DESCOBERTAS CIENTÍFICAS DA
HISTÓRIA E SEUS AUTORES, de DAVID ELIOT BRODY e
ARNOLD R. BRODY

12 Arte nos livros



A escola deve oferecer uma educação estética aos alunos. O conhecimento e a vivência da arte permite que eles atuem ativamente na cultura, seja como produtores, seja como apreciadores de manifestações artísticas.

Conhecer arte por meio das imagens e textos presentes nos livros pode ser um convite para que os alunos busquem os lugares de nossa cultura (e de outras) onde mora a arte: museus, galerias, praças, igrejas, ruas etc.

O professor pode motivar os alunos a se interessar por arte desde os primeiros anos de escolaridade, favorecendo seu contato frequente com imagens artísticas de diferentes épocas e procedências, estimulando conversas sobre o que se pode ver ao olhar uma obra de arte ou sua reprodução, desafiando-os a estabelecer relações entre diferentes trabalhos e entre a obra de diferentes artistas.

Ver e conhecer arte é a chave que abre caminho para muitas ideias de realização de novos trabalhos artísticos por parte dos alunos. O conhecimento de obras, épocas e artistas permite que os alunos desenvolvam uma competência diferenciada para produzir e apreciar arte, valorizando a realização artística de tempos e lugares muito remotos e muito próximos, atuando ativamente na cultura como cidadãos.

Nas classes de **educação infantil**, os professores precisam selecionar imagens e livros de arte que possam ser manuseados pelas crianças, para que elas investiguem, sejam desafiadas a contar histórias a partir das imagens vistas e ouçam histórias de arte tal como ouvem um conto de fadas.

Os livros da coleção Por Dentro da Arte possibilitam a realização desse trabalho, já que conseguem alimentar muitas conversas sobre os temas abordados pelos artistas e as figuras que aparecem como personagens dos quadros reproduzidos.

Em pequenos grupos, alunos de **5 e 6 anos** podem procurar, nas imagens dos jogos que esses livros contêm, indícios da época em que foram feitas as pinturas, que cores foram utili-

zadas, como e com que materiais os artistas trabalhavam. Enquanto os alunos ainda não são leitores autônomos, o professor lê as informações contidas nos textos e eles as complementam — falando sobre as obras observadas.

Já no **ensino fundamental**, identificar os diferentes estilos dos artistas pode ajudar os alunos a aceitar e respeitar sua própria produção e a dos outros.

Instigar os alunos a descobrir os procedimentos — o modo de fazer — utilizados pelos artistas e relacioná-los aos recursos tecnológicos de cada época oferece pistas sobre a estreita ligação da produção artística com seu tempo.

Nas classes de **5º ano**, por exemplo, é interessante trabalhar com o livro *Os quadros divertidos de Arcimboldo*, identificando a mistura de elementos nas pinturas do artista. Em seguida, o professor deve incentivar os alunos a levantar hipóteses sobre como Arcimboldo adquiriu sua competência. Os acontecimentos da época podem ser pesquisados em outras fontes. Para concluir a sequência didática, os alunos podem pintar à maneira do artista, montando depois uma exposição.

Para os alunos do **ensino médio**, os conteúdos de artes podem dar espaço a uma pesquisa sobre a evolução das artes gráficas, valendo-se de ilustrações de livros da literatura infantojuvenil como objeto de análise e estudo. Conhecer o trabalho dos diversos ilustradores que criaram as imagens das diferentes edições de contos clássicos (como encontramos nas *Fábulas de Esopo*) pode contribuir para que os alunos conheçam a função dessa arte ao longo dos tempos.

Outra possibilidade é desafiar os alunos a reconhecer na obra de determinado ilustrador as influências e citações de outros artistas presentes em seu trabalho.



TÍTULOS SUGERIDOS

Companhia das Letrinhas

2 CORES, de RENATA BUENO

O ANEL MÁGICO DA TIA TARSILA, de TARSILA DO AMARAL

CANDINHO, de SÁVIA DUMONT

AS CORES DE VAN GOGH, de CLAIRE MERLEAU-PONTY

ESSE DINOSSAURO É UM ASSOMBRO, de JAMES STEVENSON

FÁBULAS DE ESOPHO, de ESOPHO

FOTOGRAFANDO VERGER, de ANGELA LUHNING

A FLORESTA E O ESTRANGEIRO, de ALBERTO MARTINS

A HISTÓRIA DE BIRUTA, de ALBERTO MARTINS

HUACA — TESOUROS SAGRADOS DOS POVOS DA AMÉRICA LATINA, de CHRISTIANE LAVAQUERIE-KLEIN

IMPRESSIONISMO: VISITA GUIADA, de MARIE SELLIER

NA TRILHA DE GAUGUIN, de SYLVIE GIRARDET

NYAMA — TESOUROS SAGRADOS DOS POVOS AFRICANOS, de CHRISTIANE LAVAQUERIE-KLEIN

O PEQUENO MOINHO DE LAUTREC, de SYLVIE GIRARDET

PICASSO E SEUS MESTRES, de MILA BOUTAN

OS QUADROS DIVERTIDOS DE ARCIMBOLDO, de CLAIRE MERLEAU-PONTY

O TREM DA HISTÓRIA, de KATIA CANTON

Cia. das Letras

DEBRET EM VIAGEM HISTÓRICA E QUADRINHESCA AO BRASIL, de SPACCA

POR TRÁS DAQUELA FOTO, de vários autores

Claro Enigma

DE OLHO EM MÁRIO DE ANDRADE, de ANDRÉ BOTELHO

Companhia das Letras

1922, de MARCOS AUGUSTO GONÇALVES

13

Livro-brinquedo



De muitas formas os livros podem ser um brinquedo. Eles às vezes são concebidos explicitamente com essa finalidade, como os livros com dobraduras. Às vezes, por exemplo, ensinam jogos e propõem brincadeiras. E às vezes o que os torna divertidos é o fato de serem lidos por um “leitor-ator”.

As boas histórias são cheias de surpresas e imprevistos, de situações que divertem, causam medo, emocionam — enfim, que nos colocam em um mundo não cotidiano, com suas próprias regras. Alguns livros nos transportam diretamente para esse universo, graças ao fato de serem objetos lúdicos, muitas vezes compostos em formatos inusitados que por si mesmos parecem brinquedos.

Livros como *O porco narigudo*, *Drácula*, *O sapo bocarrão*, *O pinguim preocupado* — em que cada uma das páginas se transforma e surpreende — podem contribuir para que as crianças que frequentam as **primeiras classes da educação infantil** entrem em contato com esse tipo de espaço lúdico que os livros podem oferecer.

Ler para as crianças textos que trazem brincadeiras verbais, como *Quem soltou o Pum?*, ou os textos recorrentes das *Historinhas de contar*, propor que elas procurem imaginar e imitar as possíveis vozes e expressões faciais de diferentes personagens, ou que pensem em finais diferentes para uma história conhecida, são estratégias que aproximam os alunos da ideia de que é possível brincar com os textos.

Quando eles já leem e escrevem de maneira convencional, há outro tipo de brincadeira interessante: alterar a forma como as histórias foram publicadas. O professor pode sugerir-lhes que escolham textos de histórias e criem novas ilustrações, que brinquem com o formato dos textos mudando o tipo de letra ou o arranjo gráfico usado na versão que conhecem. *O patinho realmente feio* e *Viva a música!* são exemplos de livros que se prestam muito bem a essas intervenções lúdicas.

O uso de computadores pode contribuir para a agilidade do processo de produção dos novos livros. No entanto, a falta desse recurso não deve inibir a ação do professor, já que ele

tem à disposição uma estratégia antiga e eficaz: a utilização de letras e imagens recortadas de revistas.

Enredos interessantes contados por meio da arte dos quadrinhos, como em *O último cavaleiro andante* e *A princesa e o sapo*, costumam seduzir todas as crianças que já têm o domínio da leitura. Assim, desenvolver uma sequência de trabalho na qual os alunos dos últimos anos do **ensino fundamental**, ou mesmo do **ensino médio**, recriem histórias que conheçam desde pequenos, utilizando para isso a técnica de quadrinhos, pode propiciar uma parceria frutífera entre as áreas de literatura e artes plásticas. A leitura de *O homem no teto* pode servir como desencadeador do projeto e fonte de inspiração para os alunos.

Por fim, a tecnologia vem abrindo novos caminhos para uma abordagem lúdica do conteúdo dos livros — é o que ocorre com os aplicativos. Na tela as ilustrações ganham movimento, os textos são sonorizados, alguns conteúdos originais se ampliam. Com o aplicativo de *Quem soltou o Pum?*, por exemplo, as crianças se divertem apagando e acendendo a luz do quarto, levam o cachorro para diferentes atividades no jardim, entre outras brincadeiras.

TÍTULOS SUGERIDOS

Companhia das Letrinhas

O CARTEIRO CHEGOU, de ALLAN AHLBERG

CHAEUZINHO VERMELHO (POP-UP), de CHRISTIAN GUIBBAUD

CINDERELA, de MARION BILLET

DRÁCULA (POP-UP), de KEITH FAULKNER

ENQUANTO ISSO..., de JULES FEIFFER

A GIRAFA QUE COCORICAVA, de KEITH FAULKNER

GIRAFAS NÃO SABEM DANÇAR, de GILES ANDREAE

HISTORINHAS DE CONTAR, de NATHA CAPUTO e SARA CONE BRYANT

JOÃO E MARIA, de HERVÉ LE GOFF

O LOBO E OS SETE CABRITINHOS, de NATHALIE CHOUX

LULU, de CAMILLA REID

O NATAL DO CARTEIRO, de JANET e ALLAN AHLBERG

O PATINHO FEIO, de DAN KERLEUX

O PATINHO REALMENTE FEIO E OUTRAS HISTÓRIAS MALUCAS, de JON SCIESZKA

O PINGUIM PREOCUPADO, de KEITH FAULKNER

O POETA APRENDIZ, de VINICIUS DE MORAES & TOQUINHO & ADRIANA CALCANHOTTO

O PORCO NARIGUDO, de KEITH FAULKNER

QUEM SOLTOU O PUM?, de BLANDINA FRANCO

A REVOLTA DAS PALAVRAS, de JOSÉ PAULO PAES

RIMA PRA CÁ, RIMA PRA LÁ, de CORINNE ALBAUT, SOPHIE ARNOULD e outros

O SAPO BOCARRÃO, de KEITH FAULKNER

OS TRÊS PORQUINHOS (POP-UP), de XAVIER DENEUX

O URSINHO APAVORADO, de KEITH FAULKNER

O VELHO LOUCO POR DESENHO, de FRANÇOIS PLACE

VIVA A MÚSICA!, de MASSIN

Cia. das Letras

O HOMEM NO TETO, de JULES FEIFFER

O MUNDO DE SOFIA, de JOSTEIN GAARDER

A PRINCESA E O SAPO, de WILL EISNER

O ÚLTIMO CAVALEIRO ANDANTE, de WILL EISNER

14 O livro como objeto de apreço



Enquanto ensina a ler e estimula o gosto pela leitura, a escola deve criar condições para que os alunos aprendam a cuidar dos livros, a organizá-los nas prateleiras, a mantê-los em bom estado. E é indispensável oferecer bibliotecas com um acervo variado (mais do que numeroso).

É longo o caminho percorrido entre ser uma pessoa iletrada e ser um leitor. Esse percurso passa pelos anos de escolaridade e por todas as oportunidades que nos são oferecidas para desenvolvermos uma relação íntima e duradoura com os textos escritos e o universo literário. Quem desenvolveu essa relação de forma intensa atribui um grande valor aos livros e considera as bibliotecas lugares muito especiais. Em sua casa, o lugar mais importante, mais querido, mais preservado é aquele onde ficam os livros que vai colecionando. Cada livro é um objeto particular que possui um espaço reservado e definido pela forma como ele é visto por quem o lê.

A maioria de nós não mantém essa relação intensa. Pelo contrário, o que mais ouvimos são testemunhos de pessoas que deixaram de ler assim que saíram da escola. Para elas, os livros não são essenciais à sua qualidade de vida. Com isso, perdem a oportunidade de ter no universo literário uma alternativa sempre renovada de lazer e satisfação pessoal, assim como uma fonte de ampliação de conhecimentos sobre mundos e pessoas.

Para evitar que a relação das crianças com o maravilhoso universo dos livros e das bibliotecas se rompa depois que elas deixam de cursar a escola, é importante que cada professor procure formas de ajudá-las, desde muito pequenas, a gostar de ouvir e ler histórias, aprender a frequentar bibliotecas, preservar os livros.

Ainda nos anos da **educação infantil**, o professor deve montar na sala de aula uma pequena biblioteca com clássicos da literatura infantil, cujas histórias costumam ser sempre bem-vindas quando ele se senta e lê para as crianças.

É importante que o professor reserve, em seu planejamento, um horário diário em que

ele leia histórias para os alunos e outro no qual as crianças possam escolher livremente livros da biblioteca da classe para folhear, olhar, contar histórias aos colegas. Se possível, também é interessante destinar um horário semanal a uma visita à biblioteca da escola.

Para que as crianças desenvolvam suas relações com a literatura da forma mais pessoal possível, a biblioteca da classe também deve conter livros aos quais elas possam atribuir significados com autonomia, mesmo que ainda não sejam leitores convencionais.

Para isso, livros de histórias em que o estilo gráfico das ilustrações é recorrente podem desempenhar um papel importante, pois, à medida que os alunos ganham familiaridade com os personagens por meio da forma como são ilustrados, eles se tornam mais aptos tanto para imaginar o significado das ações ali retratadas, como para reconstruir verbalmente os textos já lidos pela professora, procurando repeti-los para si ou para os colegas.

Ao passar para o **ensino fundamental**, os alunos podem se encarregar da organização e manutenção de uma biblioteca circulante da classe, do ano ou de algumas classes da escola. A catalogação dos livros em fichas para organização e consulta, segundo autores, editores etc., introduz noções básicas para a compreensão do funcionamento das bibliotecas.

Os alunos podem também ser responsáveis por algumas das rodas de histórias promovidas em classe: um deles de cada vez escolhe uma história e prepara a leitura para os colegas. O professor pode organizar saraus literários e orientar a publicação de textos de recomendação de leituras, escritos pelos próprios alunos após uma roda de conversas sobre as leituras feitas durante o mês. As visitas regulares a bibliotecas da escola, do bairro ou da cidade devem ser incentivadas.

Todos os esforços no sentido da valorização dos livros, desde as primeiras classes, devem ser sempre acompanhados de atividades que envolvam a aprendizagem de técnicas de conservação e restauração do acervo disponível na classe e na biblioteca da escola. O professor pode planejar sessões periódicas de organização e cuidado dos livros que circulam ou estão permanentemente na classe. De acordo com a idade e o momento de escolaridade dos alunos, é o caso, por exemplo, de ensinar a limpar os livros com panos macios e limpos, desfazer dobras em cantos de páginas, utilizar fita adesiva para recuperar pequenos rasgos, refazer a amarração de páginas com linha e agulha, reorganizar periodicamente a biblioteca da classe a partir de critérios estabelecidos pelo grupo (que livros precisam ser substituídos, quais deles devem estar juntos, ou separados e por que etc.).

Como extensão desse trabalho e reforçando os laços de parceria entre a escola e as famílias, é importante estimular a formação de bibliotecas em casa e dar sugestões sobre sua manutenção. Para isso, o professor pode informar aos pais as preferências literárias que as crianças já demonstram e sugerir que incluam visitas a livrarias entre os passeios de fim de semana, incentivando-os com informações sobre novos lançamentos, manhãs ou tardes de autógrafos etc.

Talvez o mais importante seja fazer que as crianças convivam com bibliotecas literariamente ricas, que se habituem com um acervo mais variado do que numeroso. Essa variedade deve se caracterizar pela diversidade de gêneros literários, autores, épocas e linguagens diferentes, com ou sem ilustrações, com histórias longas e curtas etc. Bibliotecas onde livros como *Aviãozinho de papel*, *Alice no país das maravilhas* e *A espiã* convivam lado a lado com *O diabo dos números*, *Histórias de índio*, *Liga-desliga*, *A arca de Noé*, *Fora da gaiola* e *Bem-te-vi*.

TÍTULOS SUGERIDOS

Companhia das Letrinhas

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS, de LEWIS CARROLL,
adaptação de RUY CASTRO

A ARCA DE NOÉ, de VINICIUS DE MORAES

AVIÃOZINHO DE PAPEL, de RICARDO AZEVEDO

BEM-TE-VI, de LALAU

DIÁRIO DE UMA MOSCA, de DOREEN CRONIN

É UM LIVRO!, de LANE SMITH

FORA DA GAIOLA, de LALAU

HISTÓRIAS DE ÍNDIO, de DANIEL MUNDURUKU

HISTÓRIAS DO CISNE, de HANS CHRISTIAN ANDERSEN

LIGA-DESLIGA, de CAMILA FRANCO e MARCELO PIRES

OLAVO HOLOFOTE, de LEIGH HODGKINON

PAI, NÃO FUI EU, de ILAN BRENMAN

TRONODOCRONO/SHERAZADE, de JOSÉ RUBENS
SIQUEIRA e GABRIELA RABELO

O URSINHO APAVORADO, de KEITH FAULKNER

VIAGENS DE GULLIVER, de JONATHAN SWIFT

Cia. das Letras

A BIBLIOTECA MÁGICA DE BIBBI BOKKEN, de JOSTEIN
GAARDER e KLAUS HAGERUP

O DIABO DOS NÚMEROS, de HANS MAGNUS
ENZENSBERGER

A ESPIÃ, de LOUISE FITZHUGH

O IMPÉRIO DA AMAZÔNIA, de PEDRO CAVALCANTI

O LIVRO SELVAGEM, de JUAN VILLORO

O MEDO E O MAR, de MARIA CAMARGO

MURUNDUM, de CHACAL

O SEGREDO, de LYGIA FAGUNDES TELLES

SILÊNCIO, de ILAN BRENMAN

VINICIUS MENINO, de VINICIUS DE MORAES

Companhia das Letras

SILENCIOSA ALGAZARRA, de ANA MARIA MACHADO

15

Era uma vez uma biblioteca



No processo de formação de leitores, é preciso dessacralizar a noção tradicional de biblioteca: qualquer espaço, público ou privado, mais ou menos informal, em que a leitura esteja em primeiro plano, o serviço do encantamento e da informação, pode ser adequado para atividades pedagógicas voltadas para o desenvolvimento do hábito de ler, que, bem conduzido, vira paixão.

Possuir uma biblioteca escolar é um privilégio, mas nem por isso deve ser encarado como condição para a formação de leitores, pois muito do que se faria num local específico para esse fim pode ser perfeitamente realizado numa sala de leitura e até na própria classe. Ou seja, o que importa é criar e manter espaços propícios para atividades regulares de leitura, organizados de modo a permitir que os mais variados tipos de publicações possam ser vistos, manuseados e lidos pelos alunos.

A biblioteca da escola, a sala de leitura ou a biblioteca da classe precisam ser planejadas de acordo com as necessidades específicas do grupo a que se destinam. O trabalho desenvolvido ali é dirigido a alunos de que idade? Essa pergunta é um indicador indispensável para que se tomem decisões acertadas tanto no que se refere à disposição do acervo quanto na avaliação das situações de aprendizagem que convém desenvolver.

Vejamos algumas sugestões para um bom começo.

Nas classes de **educação infantil**, os livros devem ficar ao alcance das crianças, em estantes-caixotes, de preferência com rodinhas e mais baixas, que facilitem a visualização da capa — critério de escolha para quem ainda não domina a leitura. Sem esse cuidado, os livros mais finos, sem lombada, se perderiam entre os demais. O ideal é organizar várias estantes-caixotes, utilizando certos critérios como:

- livros que propõem interatividade (para os exemplares grandes, coloridos, com dobraduras e brincadeiras gráficas);

- histórias de animais;
- histórias de bruxas, fadas e heróis;
- poesia e rima;
- livros de leitura fácil (como os que trazem textos escritos em letra bastão, que muitas crianças conseguem ler sem a ajuda de um adulto, o que as deixa estimuladas);
- livros e publicações variadas (para volumes informativos, os de histórias mudas ou em quadrinhos etc.).

Embora a diversidade de livros e o acesso fácil das crianças a eles sejam fatores de estímulo importantes, é preciso complementar essas medidas com atividades destinadas a seduzi-las para a leitura. Nas *rodas de biblioteca*, a atuação do professor é fundamental. Cabe a ele criar um ambiente acolhedor, organizar os alunos em roda e ler uma história previamente escolhida, além de preparar-se com antecedência para tecer comentários sobre o autor, conversar sobre a capa e as ilustrações, levantar questões que possam ser discutidas ou esclarecidas pelo texto, de modo a tornar a leitura mais significativa. Note-se que não se trata de facilitar a compreensão do texto antes mesmo de o ler, mas de aproximar a palavra do ouvinte. Por exemplo, ao apresentar o livro *Ai!*, de Natalie Babbitt, é interessante chamar a atenção das crianças para o título, tão incomum. O que significa “ai”? Por que será que o livro tem esse título? Onde ele está escrito? Encerrada a leitura, a atividade ficará ainda mais completa com uma conversa sobre outros finais possíveis para a história (que, afinal, já seria coerente mesmo se terminasse no meio, quando o herói e a princesa se casam) ou sobre as relações que há entre o que foi narrado e outros contos conhecidos do grupo.

Para as **classes iniciais do ensino fundamental**, é possível colocar os livros em estantes: a partir do **1º ano**, os alunos já conseguem localizá-los, pois entendem a organização da biblioteca que frequentam, principalmente se nela se desenvolve um habitual trabalho de leitura. Na faixa etária dos **7 aos 11 anos**, a escolha não se norteia mais pela ilustração, sendo critérios mais recorrentes os autores, as coleções e os gêneros.

Ainda que a organização clássica por sobrenome do autor não atenda aos desejos das crianças, destinar parte da estante aos “autores preferidos” poderá ser uma boa escolha operacional. O professor pode reuni-los com base na observação do que é mais apreciado pelos alunos ou, melhor ainda, convidá-los a participar coletivamente dessa tarefa durante *rodas de apreciação de autores*, nas quais ele procura incentivar o grupo a apontar e justificar suas preferências. Outro encaminhamento possível para o trabalho nas *rodas* é escolher um autor, localizar exemplos de sua obra, pedindo que os alunos tragam entrevistas de jornais e revistas, documentários, cartazes, qualquer tipo de material disponível no acervo da biblioteca a respeito dele e conversar com as crianças sobre o modo como ele escreve e o que há de atraente nos seus livros. Como leitor experiente, o professor deve também fazer uma avaliação da obra do autor em questão, relacionando-a com outras leituras e estimulando os alunos a emitir sua opinião.

As coleções também merecem destaque na biblioteca escolar. As crianças sentem imenso prazer em colecionar os mais diversos objetos (tampinhas de garrafas, caixas, bonecos, carrinhos); por que não ampliar esse tipo de interesse propondo-lhes livros de coleção?

Assim como muitas vezes os adultos se encantam com as personagens de um romance, a ponto de terem saudade delas ou de adiarem o término da leitura para não se privarem da sua companhia, os jovens leitores também se apegam a determinados heróis, que elegem como companheiros de aventuras imaginárias, fundamentais ao seu pleno desenvolvimento intelectual, e apreciam reencontrá-los. A leitura compartilhada, por exemplo, de *Pippi Meia-longa*, de Astrid Lindgren, faz que os alunos se interessem pela leitura, agora individual, de outro volume da coleção.

Os recontos de histórias antigas, presentes em livros como *Histórias à brasileira*, de Ana Maria Machado, são outra via de reencontro com personagens queridas. Alguns autores as trazem para o mundo atual, outros dão continuidade à sua história; outros, ainda, baseiam-se no abasileiramento de tramas de origem portuguesa ou na tradução do enredo em outra linguagem.

Evidentemente, é impossível pensar em incluir na organização da biblioteca o critério “personagens”, dada a sua grande variedade. Mas é viável focalizá-las em *rodas de apreciação de personagens*, com o objetivo de pôr em discussão as características de alguns tipos recorrentes. Uma atividade interessante é criar perfis de bruxas, príncipes, meninos heróis, super-heróis, fantasmas, perguntando às crianças, por exemplo: O que fazem as fadas? E as bruxas? Como é o guarda-roupa de uma princesa? Como é construído o esconderijo de um super-herói? Essa proposta pode ser mais elaborada, de modo que os alunos sejam levados a comparar em histórias diferentes as peculiaridades de personagens típicas, reconhecendo, por exemplo, as características comuns aos heróis e o que diferencia o herói de determinada história do protagonista de outra. É indiscutível a importância desse tipo de exercício para que os alunos aprendam a criar personagens, caracterizá-las e conduzi-las em diferentes situações ao produzirem suas próprias histórias.

Levando em conta a curiosidade despertada pelas histórias mais longas **a partir dos 7 anos**, convém reservar parte da estante para os livros em capítulos e instruir os leitores iniciantes a lidar com eles, chamando sua atenção para o fato de que eles pertencem à biblioteca e, portanto, estão ali para serem lidos por várias pessoas. Algumas estratégias devem ser recomendadas para ensinar as crianças a respeitar os prazos de devolução: antes de começar a ler, verificar quantos capítulos tem o livro e preparar-se para ler certo número de capítulos por dia (conforme a competência de cada um); marcar o número da página ou do capítulo em que se interrompeu a leitura, para não perder tempo procurando; dividir a leitura com o pai ou a mãe; ler junto com um amigo. Todas essas “dicas”, mesmo que pareçam óbvias, são fundamentais para as primeiras incursões em livros mais extensos.

Outro critério produtivo a ser aplicado na organização de parte da biblioteca ou da sala de leitura é agrupar os livros por gênero literário: poesia, contos de fadas, contos modernos, crônicas, mistério, texto teatral e outros. Além de facilitar a localização, isso favorece o desenvolvimento de *rodas de apreciação de gêneros literários*, nas quais o professor tem a oportunidade de:

- selecionar livros de um gênero pouco retirado pelos alunos;
- mostrar a variedade dentro do mesmo gênero (por exemplo, se se tratar de poesia, apre-

sentar livros com poemas de diversos tipos, dos tradicionais aos concretos, com e sem rimas, com métrica regular ou versos livres, narrativos, longos, curtos etc.);

- ler trechos de alguns livros comentando a sua especificidade discursiva e procurando atrair a atenção dos alunos para o que os diferencia;
- ao final, convidar o grupo a retirar livros daquele gênero para comentá-los na *roda* seguinte, quando serão retomadas e aprofundadas as discussões iniciais.

Os textos teatrais, às vezes pouco explorados na escola, podem ser objeto de um trabalho diferente: propor que os alunos, num primeiro momento, estabeleçam contato individual com o livro, para treinar a leitura, e que depois participem de uma atividade coletiva, numa *roda especial de leitura em voz alta*. Muitos textos desse tipo são compostos de falas curtas, o que os torna acessíveis já no **primeiro ciclo do ensino fundamental**.

Os grupos do **6º ao 9º ano**, que nos anos anteriores tiveram oportunidade de conviver com espaços organizados para leitura, já possuem autonomia de ação dentro de uma biblioteca. Entretanto, o interesse dos jovens na faixa etária dos **11 aos 14 anos** pelo livro precisa ser constantemente reassegurado por meio de outras formas de estimulação. Sabendo o quanto eles são ávidos por novidades, o professor não se descuidará de destacar as aquisições recentes e procurará motivá-los a colaborar no trabalho da biblioteca, convidando-os a monitorar a leitura de colegas menores, a fazer levantamentos de indicações entre os amigos, pesquisas em catálogos de editoras e sugestões de compra de livros para o acervo comum. Esses recursos de mobilização sem dúvida contribuirão para que eles continuem interessados na leitura de livros.

Mas nem só de literatura vive a biblioteca... Principalmente para os alunos dos **últimos quatro anos do ensino fundamental** e para os do **ensino médio**, é importante oferecer material informativo variado, que possa ajudá-los nas pesquisas frequentemente solicitadas nessas etapas da escolaridade. A leitura de textos que apresentem conteúdos de diferentes áreas do conhecimento é fundamental, e esses textos não se encontram apenas em enciclopédias. Nessa idade os alunos já são capazes de pesquisar em diversas fontes, e é importante estimulá-los a fazer isso, auxiliando-os a formar uma visão crítica do mundo. Uma boa dica é sugerir que comparem o teor de uma mesma informação numa enciclopédia e num livro como *As sete maiores descobertas científicas da história*. Esse tipo de confronto é ideal para pôr em discussão questões importantes relativas à pesquisa de maneira geral. Por exemplo: se o tema é científico, por que, então, há visões distintas sobre ele? Levantada a dúvida, o momento mostra-se propício para se discutir o contexto histórico em que foram escritos os livros consultados, a complexa construção do saber científico, o aperfeiçoamento dos critérios da metodologia ao longo do tempo...

Concluindo, o objetivo do trabalho na biblioteca escolar, por um lado, é formar leitores de literatura, o que implica familiarizar os alunos com textos de qualidade, encantando-os com histórias ouvidas ou lidas, criando um ambiente acolhedor (a competência leitora está relacionada com a afetividade), de modo a estimular a leitura individual e o empréstimo de livros. Por outro lado, é também função da biblioteca garantir o acesso à informação nas mais variadas fontes: não só enciclopédias e livros, mas também jornais, revistas, quadrinhos, CD-

-ROM, folhetos, catálogos, internet, recursos audiovisuais etc. devem estar disponíveis, pois trata-se, principalmente, de ensinar o aluno a pesquisar, selecionar, relacionar e confrontar dados, para que ele se torne capaz de criar seu próprio texto, como leitor ativo do mundo.

TÍTULOS SUGERIDOS

Educação infantil

AI!, de NATALIE BABBITT

CABUMM!, de HEINZ JANISCH

GELO NOS TRÓPICOS, de CÁRCAMO

A GIRafa QUE COCORICAVA, de KEITH FAULKNER

HISTÓRIAS DO CISNE, de HANS CHRISTIAN ANDERSEN

MAIS UM PEQUENO MANUAL DE MONSTROS CASEIROS, de STANISLAV MARIJANOVIC

O MENINO QUE CHOVIA, de CLÁUDIO THEBAS

NÓS E OS BICHOS, de MARCELO R. L. DE OLIVEIRA

OSSOS DO OFÍCIO, de GILLES EDUAR

PEQUENO MANUAL DE MONSTROS CASEIROS, de STANISLAV MARIJANOVIC

PÍPPI MEIALONGA, de ASTRID LINDGREN

QUEM É QUEM, de LALAU

O RATINHO SE VESTE, de JEFF SMITH

RIMA PRA CÁ, RIMA PRA LÁ, de CORINNE ALBAUT e outros

TATUS TRANQUILOS, de FLORENCE BRETON

TELEFONE SEM FIO, de ILAN BRENMAN e RENATO MORICONI

TODO MUNDO VAI AO CIRCO, de GILLES EDUAR

OS TRÊS PORQUINHOS POBRES, de ERICO VERISSIMO

VIZINHO, VIZINHA, de ROGER MELLO

Ensino fundamental — 1º ao 5º ano

A BELA DESADORMECIDA, de FRANCES MINTERS

BIS, de RICARDO DA CUNHA LIMA

O CASTELO DO PRÍNCIPE SAPO, de JOSTEIN GAARDER

FUNKSTÓRIAS, de VIVIEN FRENCH

HISTÓRIAS À BRASILEIRA, de ANA MARIA MACHADO

LOBINHO NA ESCOLA DE ENGANAÇÃO, de IAN WHYBROW

MATA — CONTOS DO FOLCLORE BRASILEIRO, de HELOISA PRIETO

MISTÉRIO DE NATAL, de JOSTEIN GAARDER

NEM TUDO ESTÁ PERDIDO, de SÍLVIA ZATZ

PEQUENOS CONTOS PARA CRESCER, de ALBENA IVANOVITCH-LAIR

PLANETA CORPO, de SÍLVIA ZATZ

O SAPO QUE VIROU PRÍNCIPE — CONTINUAÇÃO, de JON SCIESZKA

TERRA — LAMPIÃO E A BARONESA, de HELOISA PRIETO

TREZENTOS PARAFUSOS A MENOS, de RICARDO AZEVEDO

Ensino fundamental — 6º ao 9º ano

1001 FANTASMAS, de HELOISA PRIETO

FRANKENSTEIN, de MARY SHELLEY, adaptação de RUY CASTRO

MAU COMEÇO, de LEMONY SNICKET

O PAI QUE ERA MÃE, de RUY CASTRO

SHERLOCK MOREIRA, de ANTONIO CARLOS OLIVIERI

O ÚLTIMO PORTAL, de ELIANA MARTINS e ROSANA RIOS

Informativos

BIODIVERSIDADE EM QUESTÃO, de HENRIQUE LINS DE BARROS

AS COISAS SÃO ASSIM, org. de JOHN BROCKMAN e KATINKA MATSON

O DIABO DOS NÚMEROS, de HANS MAGNUS ENZENSBERGER

ISAAC NEWTON E SUA MAÇÃ, de KJARTAN POSKITT

PARA CONHECER MELHOR AS RELIGIÕES, de PATRICK BANON

PARA CONHECER MELHOR OS TABUS E AS PROIBIÇÕES, de PATRICK BANON

SAÚDE EM QUESTÃO, de FRANCISCO I. BASTOS

TÍTULOS SUGERIDOS

AS SETE MAIORES DESCOBERTAS CIENTÍFICAS DA HISTÓRIA, de DAVID ELIOT BRODY e ARNOLD R. BRODY

Coleções

COLEÇÃO BOA COMPANHIA

COLEÇÃO CONTOS E LENDAS

COLEÇÃO DE CASO EM CASO

COLEÇÃO DE OLHO EM

COLEÇÃO DESVENTURAS EM SÉRIE

COLEÇÃO ERICO VERISSIMO

COLEÇÃO GERMINAL

COLEÇÃO HISTÓRIAS À BRASILEIRA

COLEÇÃO HISTÓRIAS DE SHAKESPEARE

COLEÇÃO MEMÓRIA E HISTÓRIA

COLEÇÃO MORTOS DE FAMA

COLEÇÃO PARA LER E TOCAR

COLEÇÃO O PIOR CAVALEIRO DO MUNDO

COLEÇÃO POR DENTRO DA ARTE

COLEÇÃO PROFISSÕES

COLEÇÃO QUASE TUDO O QUE VOCÊ QUERIA SABER

16

Livros para leitores jovens



Promover e incentivar a leitura é tanto mais simples quanto mais novos são os alunos. À medida que eles crescem e aumentam as solicitações do mundo, essa atividade costuma ser preterida. O que o professor de estudantes jovens pode fazer para aguçar a curiosidade, que é o melhor estímulo para a leitura, em qualquer idade? Pode começar lembrando que quem nos fala com entusiasmo de um livro que está lendo ou já leu provoca em nós uma imensa vontade de lê-lo...

Por que algumas pessoas leem? Por que outras preferem não ler quando poderiam muito bem fazê-lo? Por que alguns adultos com formação universitária só leem profissionalmente? Por que outros leem por prazer? O que as escolas devem fazer para que a leitura se torne um hábito para toda a vida ou, melhor ainda, uma paixão?

Não é fácil responder a essas e outras questões que estão presentes no cotidiano dos educadores preocupados com a difusão da leitura. Um dos múltiplos aspectos desse tema, que requer constantes reflexões e discussões, é a necessidade de buscar formas eficazes de interferir na atitude dos alunos de **6º ao 9º ano**, quando é comum o arrefecimento do hábito de ler.

A leitura pode ser despertada nos jovens pelo exemplo — imita-se alguém que se admira. E por isso, em primeiro lugar, é fundamental que o professor também se mostre um leitor ativo, que enfatize a leitura prazerosa, compartilhando com os alunos o que lê. Vale desde deixar-se ver divertindo-se com um livro ou com um artigo de revista ou jornal até comentar as leituras preferidas de sua própria adolescência.

Só isso, entretanto, não garante a formação de leitores. A construção de uma relação pessoal e genuína com livros é um processo que depende do percurso de cada um. Nesse sentido, a interferência da escola se dá tanto por meio da valorização da leitura desde os anos iniciais, quanto por meio das solicitações que os professores de todas as disciplinas fazem

aos alunos mais velhos, aproximando-os de textos de naturezas diversas: quanto mais eles leem, se informam, pesquisam em revistas e publicações específicas, mais conseguem acertar nas escolhas literárias; pela leitura de resenhas, podem descobrir autores, criando assim uma rede de conhecimentos sobre o mundo da literatura.

Rememorar a parte já percorrida desse percurso, conversando sobre leituras da infância de todo o grupo — alunos e professor —, é um encaminhamento interessante no trabalho de aproximação do jovem com o livro. Quem lia para você? Quais foram as histórias que mais marcaram cada um? Qual o livro mais querido no momento em que você aprendia a ler? E hoje, quais são suas leituras preferidas? Explorar essa memória faz que os alunos percebam o quanto a leitura foi e ainda pode ser importante em sua vida.

Outra boa forma de incentivar o amor pela leitura é ler para os alunos — coisa que parece óbvia quando se trata de crianças pequenas, mas de que vamos nos esquecendo à medida que elas crescem. Se o professor ler em voz alta o início de um livro de que goste, talvez desperte em alguns alunos a vontade de continuar a leitura. Não é preciso explicitar essa intenção: basta que ele simplesmente leia de modo que seu entusiasmo contamine os ouvintes. *Eric com o pé na estrada*, de Furio Lonza, é um bom exemplo de leitura prazerosa para os alunos de 8º e 9º ano. O protagonista apaixona-se pela primeira vez e quer viver experiências fortes que proporcionem uma nova dimensão existencial. E qual jovem de catorze anos não quer viver isso?

Também é uma boa estratégia convidar os próprios alunos a dar a sua contribuição, apresentando aos colegas textos de que tenham gostado, seja lendo um trecho instigante, seja fazendo uma sinopse persuasiva.

Outros encaminhamentos que podem gerar bons resultados são:

- Ler parte de uma história e deixar que os alunos imaginem ou escrevam a sequência. Depois, quem quiser conta ou lê a sua, e o professor lê a história real, que está no livro. E por que não escrever cada um o próprio final? Essa atividade cria ocasião para que se discutam as diferenças de finais, os finais abertos, os finais previsíveis, o que é um *bom final*.

- Apresentar livros de poesia e improvisar um “minissarau”, em que todos leiam, declamem e interpretem seus poemas preferidos. Para isso, é preciso que o professor faça uma seleção entre obras para adultos, e vale também pôr à disposição livros infantis, pois relembrar é gostoso. Cada aluno ou cada dupla e o professor escolhem um poema de que gostaram e o apresentam em voz alta para todo o grupo.

- Leitura de crônicas em voz alta. O professor seleciona e distribui livros de crônicas aos alunos, que, organizados em pequenos grupos ou duplas, escolhem qual delas preferem ler. Deve-se recomendar que façam, primeiramente, uma leitura silenciosa e individual, para depois treinarem a apresentação, em voz alta, para a classe.

- Associar um livro com as imagens de sua versão cinematográfica. Depois da leitura, o professor pode destacar determinados trechos e fazer que os alunos imaginem as cenas antes de ver o filme baseado no livro, para que depois discutam as diferenças entre as duas linguagens: a verbal e a verbo-visual. Essa proposta permite também que se abordem questões relativas à adaptação do texto, além de uma apreciação crítica do filme.

Convém lembrar duas exigências a que o professor precisa estar atento para motivar os alunos mais velhos a ler: a diversidade dos textos oferecidos e o grau adequado de complexidade. Devem-se apresentar obras de vários gêneros literários — contos, poesias, crônicas, teatro, clássicos... —, cuidando para que sejam ao mesmo tempo desafiadoras e acessíveis, pois os textos excessivamente simples desestimulam tanto quanto os indecifráveis, afastando os jovens do encantador universo dos livros.

Como parte desse processo de conquista, enfim, sugerimos que se faça um “diário de leitura”: um caderno para as anotações do percurso pessoal de cada aluno-leitor e da memória leitora da classe; um caderno que possa ser trocado pelos alunos, para que um leia o diário do outro e nele escreva suas impressões.

TÍTULOS SUGERIDOS

Companhia das Letrinhas

UM CALDEIRÃO DE POEMAS, de TATIANA BELINKY

CANÇÃO DE NATAL, de CHARLES DICKENS

HISTÓRIAS DO CISNE, de HANS CHRISTIAN ANDERSEN

HISTÓRIAS PARA TODOS OS DIAS, de NATHA CAPUTO e SARA CONE BRYANT

LOBINHO EM NOVA AVENTURA: O TERROR DOMESTICADO, de IAN WHYBROW

MENINO DRUMMOND, de CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

PETER PAN E WENDY, de J. M. BARRIE

SETE HISTÓRIAS PARA SACUDIR O ESQUELETO, de ANGELA-LAGO

SHREK!, de WILLIAM STEIG

Cia. das Letras

O CAVALEIRO DO DRAGÃO, de CORNELIA FUNKE

CORAÇÃO DE ANDROIDE, de PEDRO CAVALCANTI

CORAÇÃO DE TINTA, de CORNELIA FUNKE

DESTINATÁRIO DESCONHECIDO, de KATHRINE KRESSMANN TAYLOR

O DIÁRIO DE ZLATA, de ZLATA FILIPOVIĆ

DUELO, de MARTIN GROSSMAN

ÉDEN-BRASIL, de MOACYR SCLiar

ERIC COM O PÉ NA ESTRADA, de FURIO LONZA

ESTRELA AMARELA, de JENNIFER ROY

OS GÊMEOS, de PAULINE ALPHEN

A LUA NO CINEMA E OUTROS POEMAS, de vários autores

MAYA, de JOSTEIN GAARDER

O MENINO QUE CAIU DO CÉU, de LUCY COATS

OGUM, O REI DE MUITAS FACES, de LIDIA CHAIB e ELIZABETH RODRIGUES

O PAI QUE ERA MÃE, de RUY CASTRO

POR ONDE VOCÊ ANDOU, ROBERT?, de HANS MAGNUS ENZENSBERGER

A RAINHA MARGOT, de ALEXANDRE DUMAS, adaptação de FERNANDO NUNO

A REPÚBLICA DOS ARGONAUTAS, de ANNA FLORA

A RODA DE FOGO, de ELIANA MARTINS e ROSANA RIOS

O SEGREDO, de LYGIA FAGUNDES TELLES

O SENHOR DOS BONSAIS, de MANUEL VÁZQUEZ MONTALBÁN

O SENHOR DOS LADRÕES, de CORNELIA FUNKE

SOMBRAS NO ASFALTO, de LUÍS DILL

SORTEIO DA MORTE, de HUBERT BEM KEMOUN

TEMPO DE TRAVESSIA, de ELIANA MARTINS e ROSANA RIOS

O ÚLTIMO PORTAL, de ELIANA MARTINS e ROSANA RIOS

A VIAGEM DE THÉO, de CATHERINE CLÉMENT

VOANDO BAIXO, de PEDRO CAVALCANTI

Boa Companhia

O CASAMENTO DA LUA, de vários autores

O CONTADOR DE HISTÓRIAS, de JORGE AMADO

TÍTULOS SUGERIDOS

A LINGUAGEM DOS ANIMAIS, de vários autores

PRIMEIRAS LEITURAS, de PAULO MENDES CAMPOS

NO RESTAURANTE SUBMARINO, de vários autores

VERSO LIVRE, de vários autores

Companhia das Letras

BOA COMPANHIA — CONTOS, de vários autores

CEM DIAS ENTRE CÉU E MAR, de AMYR KLING

O CONTO DA ILHA DESCONHECIDA, de JOSÉ
SARAMAGO

DOIS IRMÃOS, de MILTON HATOUM

ENDURANCE, de CAROLINE ALEXANDER

MENINA A CAMINHO, de RADUAN NASSAR

MENSAGEM, de FERNANDO PESSOA

A METAMORFOSE, de FRANZ KAFKA

NOVA ANTOLOGIA POÉTICA, de VINICIUS DE MORAES

REVOLUÇÃO DOS BICHOS, de GEORGE ORWELL

A TESTEMUNHA SILENCIOSA, de OTTO LARA RESENDE

O VISCONDE PARTIDO AO MEIO, de ITALO CALVINO

Companhia de Bolso

O LIVRO DAS RELIGIÕES, de JOSTEIN GAARDER, VICTOR
HELLERN e HENRY NOTAKER

SENTIMENTO DO MUNDO, de CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE



17

Os clássicos na formação do leitor

Algumas obras deixam marcas profundas na maneira de pensar e agir da geração que as viu surgir, interferindo assim no comportamento de todas as gerações subsequentes. São reiteradamente aproveitadas pelo cinema e pela tevê, inspiram músicos e publicitários, são objeto de releituras por autores contemporâneos. Vamos ajudar os alunos a reconhecê-las e admirá-las.

Muitos leitores talvez não conheçam ou não tenham vivos na lembrança nomes como Stevenson, Conan Doyle, Cervantes, Mary Shelley, Daniel Defoe. No entanto, personagens como Robinson Crusoé, Drácula, o rei Artur, Robin Hood, o corcunda de Notre-Dame, bem como figuras típicas como o pirata da perna de pau, com o tapa-olho e o papagaio no ombro ou o detetive de sobretudo, cachimbo e um caderninho de anotações sempre à mão, não são totalmente desconhecidas de ninguém. Até quem não se encaixa na categoria de leitor voraz no mínimo ouviu falar de um ou outro deles, já os viu no cinema ou na tevê.

As obras em que nasceram esses personagens inesquecíveis sem dúvida se fixaram na memória coletiva muito mais do que seus autores. Percorreram países, gerações e momentos históricos distintos, sobrevivendo a sociedades em transformação. Parecem ter encontrado a fonte da vida eterna. Que fascínio explica o fato de serem aceitas universalmente, relidas e recontadas em palavras, músicas e imagens?

O escritor Italo Calvino (em seu livro *Por que ler os clássicos*), para responder a essa pergunta, formulou mais de uma dezena de hipóteses que se complementam. Uma delas diz que “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”. Isso explicaria por que continuamos a ler a *Odisseia*, mesmo sabendo que as aventuras de Ulisses têm mais de três mil anos: alguma coisa nessa história passada num tempo mitológico ainda fala ao homem contemporâneo. Certamente ela não foi lida sempre da mesma maneira, e ainda é possível fazer conjecturas, norteadas pela nossa realidade, sobre qual era o rumo da viagem, afinal, ou sobre o papel da memória, do destino, do retorno e de Penélope no poema

do grego Homero. A mesma observação vale para Dom Quixote, que, conforme a geração de leitores, foi entendido ora como louco, ora como visionário, ora como um grande humanista, ora como simples sonhador. Apesar de mais jovem que Ulisses, o herói da Mancha tem já seus quase quinhentos anos, e sua trajetória é igualmente fascinante — tanto que até hoje é fácil encontrar leitores interessados em acompanhá-la.

Os autores das obras clássicas criaram maneiras de narrar, isto é, ousaram na forma e abordaram dilemas humanos atemporais. Por isso elas sobreviveram em contextos sucessivos, colaborando com sua perspectiva na formação de nossa visão de mundo e no estabelecimento de novos paradigmas. Essa perenidade é que as faz geniais. Parece existir, entretanto, certo receio em recomendar a leitura de tais obras. Muitas delas, de fato, são incrivelmente extensas e complexas, escritas numa linguagem antiga e difícil, que restringe sua compreensão a um público reduzido. Isso não significa, entretanto, que seja impossível aproximá-las de nossos alunos, procurando ajudá-los a desmistificar a ideia de que são obras de sentido inatingível.

O ideal, sem dúvida, seria ler a obra completa, se não na língua original, numa tradução impecável. Ler um livro pela metade ou mal traduzido é como ver apenas um detalhe ou uma reprodução infiel de um quadro. Mas nem sempre o ideal é viável: a história de Dom Quixote, com suas mais de 1200 páginas, ambientada na Espanha medieval, não é nada fácil. E o que dizer da densidade de *O médico e o monstro*, que aborda os limites do bem e do mal no ser humano, ou da lentidão de *Robinson Crusóé*, centrado na descrição da luta solitária pela sobrevivência? Para essas leituras é preciso ter idade, é preciso amadurecimento e preparo, pois trata-se de *enfrentar a obra*.

Um bom caminho para o leitor iniciante são as adaptações bem-feitas, textos que preservem a qualidade narrativa e os elementos indispensáveis da obra original.

É possível começar bem cedo. Para alunos de **1º e 2º anos** encontramos interessantes versões reduzidas de diversas obras, mesmo em quadrinhos. Ruy Castro, por exemplo, recontou *Frankenstein* de uma forma adequada para apresentar o clássico da literatura de horror. Por outro lado, contos de fadas em edições integrais reservam surpresas incríveis: tanto quanto obras mais atuais já incluídas entre os clássicos do repertório infantil, como *Peter Pan e Wendy* e *Pinóquio*, são excelentes para leitura coletiva e compartilhada, a ser feita em capítulos, em rodas de histórias diárias. Outra vertente é a dos livros que estabelecem divertidas relações intertextuais com histórias consagradas — caso de *Vice-versa ao contrário*, que se compõe de releituras inusitadas destinadas ao público infantil.

A literatura infantil brasileira dispõe de poucos títulos que podemos considerar clássicos, no âmbito da tradição universal; mas temos Monteiro Lobato, Erico Verissimo e Viriato Corrêa, que, entre outros autores, dedicaram muitos de seus escritos às crianças e merecem ser valorizados mais do que esporadicamente. O professor pode auxiliar os alunos na redescoberta de suas obras, fartas em travessuras de outros tempos, recuperando assim um pouco da nossa história, pela comparação com a realidade atual.

Para **4º, 5º e 6º anos**, uma boa opção são as adaptações acrescidas de informações que contribuam para o entendimento de tempos e espaços narrativos distantes de nossos alunos. Mapas, dados histórico-geográficos, detalhes sobre a identidade de personagens, fotografias e outros elementos esclarecedores facilitam as primeiras incursões no mundo das obras

clássicas. Os títulos da coleção de capa dura traduzida da editora inglesa Dorling Kindersley têm esses ingredientes. É curioso conhecer, por exemplo, as ruas escuras por onde passeava Stevenson ao escrever *O médico e o monstro* e saber que naquela época as pesquisas sobre a mente humana começavam a fascinar os cientistas. Também se entende melhor, com um repertório desse tipo, por que *Gulliver* é ao mesmo tempo uma sátira política, um conto de fadas e um relato de viagens.

Mesmo trabalhando com adaptações, sempre que for possível, convém que o professor leve a obra original para que os alunos a “vejam” e compreendam que se trata mesmo de algo para o futuro, para quando estiverem preparados. Não é bom que eles carreguem uma imagem falsa dos livros imortais. Selecionar trechos importantes do original e do texto adaptado para que os comparem é um recurso prazeroso, assim como mobilizá-los para assistir a alguma adaptação cinematográfica disponível.

Com leitores jovens, **a partir do 6º ano**, é possível arriscar um pouco mais, propondo adaptações cada vez mais detalhadas e até alguns textos originais. Aventuras medievais, marítimas e de ficção científica, romances históricos e romances “românticos” são bem-vindos nessa idade.

Algumas obras são particularmente úteis como eixo para trabalhos inter e multidisciplinares. As peças de Shakespeare, por exemplo, que se baseiam nas paixões humanas, além de servirem para se estabelecer diálogo com outros textos teatrais, são propícias para projetos aliados à filosofia. Honoré de Balzac, Alexandre Dumas, Émile Zola, que focalizaram questões sociais, são convites eficientes para estudos conjugados de literatura e história, e adaptações de livros desses autores, em edições que trazem também material de apoio pedagógico, podem ser encontradas na coleção Germinal. Goethe e Oscar Wilde também transitaram pelo universo juvenil.

Talvez a via mais importante na tarefa de conquistar leitores jovens para as obras clássicas seja a pesquisa de suas profundas influências sobre a visão de mundo e a produção cultural contemporânea. Não será difícil percebê-las nas histórias de aventuras e suspense, nos romances e mesmo em adaptações com outros títulos, com o enredo totalmente transportado para tempos modernos. Essa intertextualidade é campo fértil para atividades desenvolvidas em sala de aula. Listar termos e frases populares que têm suas raízes em obras clássicas, como *atitude quixotesca*, *mulher balzaquiana*, *fazer parte de uma mesa-redonda*, *pomo da discórdia*, *presente de grego* e tantas outras, é um exercício inesgotável, que contribui para estabelecer o quanto nosso pensamento, que é feito de linguagem, deve às criações do passado que não perderam a atualidade.

Aproveitar filmes que estão em cartaz e personagens televisivos é de grande valia. Que relações podemos estabelecer entre o Hulk verde do cinema e a dupla Dr. Jekyll e Mr. Hyde? Ou ainda entre o filme *Náufrago* e a história de Robinson Crusóé? Quantos monstros de desenhos animados se parecem com a criatura de *Frankenstein*?

Graças a seu amplo conhecimento, o professor com certeza tem repertório para ampliar esse rol de sugestões. É fundamental, entretanto, que não se perca de vista o escopo dessas associações: aproximar os alunos da obra original. Ela deve ser sempre nosso destino, nosso horizonte, não importando quanto tempo leve para que cheguemos lá.

E vale a pena ficar atento aos novos candidatos a clássicos: algumas publicações que foram *best-sellers* infantojuvenis no século xx há muitos anos vêm atraindo legiões de leitores. Talvez daqui a algumas gerações essas obras também não tenham dito tudo o que tinham para dizer.

TÍTULOS SUGERIDOS

Companhia das Letrinhas

O AMOR E AS AVENTURAS DE TRISTÃO E ISOLDA, de MARIA NAZARETH ALVIM DE BARROS

AS AVENTURAS DE PINÓQUIO, de CARLO COLLODI

AS AVENTURAS DO AVIÃO VERMELHO, de ERICO VERISSIMO

BELEZA NEGRA, de ANNA SEWELL

O DELÍRIO, de MACHADO DE ASSIS

DIVINAS AVENTURAS, de HELOISA PRIETO

HISTÓRIAS PARA APRENDER A SONHAR, de OSCAR WILDE

O MÉDICO E O MONSTRO, de ROBERT LOUIS STEVENSON, adaptação de MICHAEL LAWRENCE

MENINO DRUMMOND, de CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

MUITO BARULHO POR NADA, de ANDREW MATTHEWS

PETER PAN E WENDY, de J. M. BARRIE

PÍPPI A BORDO, de ASTRID LINDGREN

PÍPPI MEIALONGA, de ASTRID LINDGREN

ROBIN HOOD, de NEIL PHILIP

ROBINSON CRUSOÉ, de DANIEL DEFOE

ROMEU E JULEITA, de ANDREW MATTHEWS

OS TRÊS MOSQUETEIROS, de ALEXANDRE DUMAS

OS TRÊS PORQUINHOS POBRES, de ERICO VERISSIMO

O URSO COM MÚSICA NA BARRIGA, de ERICO VERISSIMO

VIAGENS DE GULLIVER, de JONATHAN SWIFT

VICE-VERSA AO CONTRÁRIO, org. HELOISA PRIETO

A VIDA DO ELEFANTE BASÍLIO, de ERICO VERISSIMO

Cia. das Letras

O ADOLESCENTE, de FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

ANTÍGONA, A REBELDE, de MARIE-THÉRÈSE DAVIDSON

O DIÁRIO DE ZLATA, de ZLATA FILIPOVIC'

FRANKENSTEIN, de MARY SHELLEY, adaptação de RUY CASTRO

GERMINAL, de ÉMILE ZOLA, adaptação de SILVANA SALERNO

ILUSÕES PERDIDAS, de HONORÉ DE BALZAC, adaptação de SILVANA SALERNO

MÁGICA PELA METADE, de EDWARD EAGER

MEDEIA, A FEITICEIRA, de VALÉRIE SIGWARD

A RAINHA MARGOT, de ALEXANDRE DUMAS, adaptação de FERNANDO NUNO

SHERLOCK MOREIRA, de ANTONIO CARLOS OLIVIERI

O ÚLTIMO CAVALEIRO ANDANTE, de WILL EISNER

A VINGANÇA DA BALEIA, de NATHANIEL PHILBRICK

Quadrinhos na Cia.

CLARA DOS ANJOS, de LIMA BARRETO

A DIVINA COMÉDIA DE DANTE, de SEYMOUR CHWAST

NA COLÔNIA PENAL, de FRANZ KAFKA

O RETRATO DE DORIAN GRAY, de OSCAR WILDE

Companhia de Bolso

ANTOLOGIA POÉTICA, de VINÍCIUS DE MORAES

POR QUE LER OS CLÁSSICOS, de ITALO CALVINO

SENTIMENTO DO MUNDO, de CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Penguin-Companhia das Letras

ESSENCIAL FRANZ KAFKA, de FRANZ KAFKA

ILUSÕES PERDIDAS, de HONORÉ DE BALZAC

MADAME BOVARY, de GUSTAVE FLAUBERT

ODISSEIA, de HOMERO

TÍTULOS SUGERIDOS

A OUTRA VOLTA DO PARAFUSO, de HENRY JAMES

PAPÉIS AVULSOS, de MACHADO DE ASSIS

O PRÍNCIPE, de MAQUIAVEL

QUINCAS BORBA, de MACHADO DE ASSIS

RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA,
de LIMA BARRETO

TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA,
de LIMA BARRETO

VIAGENS DE GULLIVER, de JONATHAN SWIFT



18

Ficção e realidade: onde acaba uma e começa a outra?

“Mas bruxa não existe de verdade, né?” Essa pergunta, feita por uma criança pequena aos pais ou ao professor, às vezes denuncia, pela entonação, o medo que, de verdade, ela sente. E traduz nossa suspeita de que, embora se afirme o contrário, muita coisa não existe só nas histórias.

Na trajetória da infância até a vida adulta, em nossa cultura, costuma-se esperar que haja uma percepção progressivamente mais clara da fronteira entre fantasia e realidade. Mas, paradoxalmente, só com a maturidade nos tornamos capazes de perceber que a ficção está carregada de realidade e que a realidade também reflete a ficção. Quantas vezes nossas expectativas em relação à vida não vêm recheadas de lances dos filmes a que assistimos e dos livros que lemos? Quantas vezes não presenciamos cenas que nos parecem irreais, absurdas? Da mesma maneira, há inúmeras experiências cotidianas que interpretamos com um sentido determinado, sem percebemos que ele é mero fruto de nosso envolvimento, de nossa subjetividade.

Do mesmo modo que a realidade não está tão separada assim da ficção, os textos literários estão carregados de realidade. Todo texto literário, por mais fantástico que seja, é calcado nas experiências do autor e dos leitores, orientado por uma época e um espaço. E, mesmo que ele pareça absurdo, auxilia e estimula as pessoas a refletir e reconhecer suas próprias realidades.

Há quem defenda a ideia de que a arte deve servir apenas para distrair, entreter, fazer que as pessoas esqueçam as dificuldades da vida. Ela exerce, sim, essa função. Mas não faz só isso: ela existe também para lembrar, denunciar e conscientizar. A arte e, conseqüentemente, a literatura não são alheias à realidade; são formas de conhecimento e de transformação da vida.

O público tem se interessado cada vez mais por textos literários que mostram as dificuldades cotidianas. Exemplo claro disso é *Estação Carandiru*, cuja versão cinematográfica, ex-

tremamente colada à realidade, atraiu multidões de espectadores de todos os estratos sociais, dentro do Brasil e no exterior.

Livros que, como esse, retratam a realidade de indivíduos e comunidades podem ser trabalhados com alunos de diversas faixas etárias, quando o professor deseja discutir com eles o tema que abordamos neste texto.

Para os **anos do ensino fundamental**, há várias histórias baseadas em conflitos cotidianos que veiculam temas cuja discussão é importante para a formação dos alunos, como, entre outros, o preconceito. O professor pode indicar a leitura de um livro — como por exemplo *O irmão que veio de longe* ou *Histórias da Preta* —, lendo-o com a turma na íntegra ou selecionando um trecho que sirva para contextualizar uma proposta de pesquisa conjunta sobre diferenças, discriminação, tolerância e atitudes. Entre os muitos desdobramentos viáveis por meio dos quais as crianças têm oportunidade de aprofundar a questão estão os seguintes: entrevistar os pais, orientadores, médicos, psicólogos, colegas; fazer um levantamento sobre os tipos de preconceito existentes dentro da própria turma; discutir as atitudes mais adequadas na interação com pessoas portadoras de deficiência. Um trabalho ainda mais amplo pode incluir a criação de peças de teatro, músicas, poemas, cartazes, bem como a promoção de uma campanha pela escola, com interferências dos alunos envolvidos nas classes de crianças menores ou mesmo de maiores.

No **6º e 7º ano**, livros que relatam aventuras verídicas podem resultar muito produtivos para a abordagem dos limites entre a realidade vivida e os toques de ficção inseridos no texto por obra da imaginação. A leitura e a discussão sobre a veracidade dos relatos podem ser acompanhadas ou seguidas pela proposta de os alunos escreverem narrativas ficcionais que contenham passagens perigosas, a partir de suas experiências pessoais ou de casos ocorridos com familiares ou amigos. A socialização dos textos produzidos por eles sem dúvida motivará ótimas discussões sobre as diferenças entre os domínios da ficção e da realidade e sua mútua interferência.

Nos **últimos anos do ensino fundamental** e no **ensino médio**, o ditado “quem conta um conto aumenta um ponto” é um eixo norteador interessante para um trabalho com livros que documentam fatos reais e que tenham inspirado obras cinematográficas. Nesse caso o professor poderá lançar mão tanto do próprio texto literário como do filme, do roteiro escrito em que ele se baseou, das críticas publicadas na imprensa; contará, assim, com um conjunto de textos diversos que certamente enriquecerão as discussões entre os alunos. Dentro da sequência de atividades compatíveis com uma proposta desse tipo, convém proporcionar momentos de análise comparativa das diferentes fontes, no sentido de se precisar qual delas está mais comprometida com o real e, por oposição, aquela em que a fantasia recebeu melhor acolhida, na opinião dos alunos. Como nessa fase da escolaridade eles já são capazes de elaborar textos dissertativos, críticas e resenhas, além de reportagens e minijornais, sugere-se que, para encerrar o trabalho, escolham um desses formatos para discutir o tema do livro ou questões polêmicas dele decorrentes.

Vale lembrar que produções televisivas, seriados ou novelas derivados de obras literárias são igualmente aproveitáveis em projetos similares.

Mas não precisamos esperar que as crianças cheguem ao **ensino fundamental** para co-

meçar a discutir os limites entre o “de verdade” e o “de mentira”, que as intrigam desde que são muito pequenas. Por isso cabe ao professor planejar rodas de leitura para os alunos **a partir dos 5 anos**, em torno tanto dos contos de fadas e de outras histórias maravilhosas quanto de narrativas que mostrem situações próximas da vida cotidiana, como, por exemplo, os textos autobiográficos com relatos da infância dos autores, como é o caso dos livros da coleção Memória e História, ou mesmo da coleção Profissões. Essa variedade motivará rodas de conversas sobre o que parece “possível” e o que é “inacreditável”, sobre o que as crianças já viram acontecer fora das histórias, o que pode vir a acontecer com qualquer criança, o que jamais aconteceria de verdade, o que só acontece nas histórias etc.

Um trabalho desse tipo, que pode se estender para os desenhos animados e outros programas televisivos a que as crianças estão expostas diariamente, promete ser um bom canal de introdução dos pequenos à peculiaridade e à diversidade do mar de histórias que inunda o universo literário.

TÍTULOS SUGERIDOS

Companhia das Letrinhas

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS, de LEWIS CARROLL,
adaptação de RUY CASTRO

COLEÇÃO DE CASO EM CASO, vários autores

COLEÇÃO MEMÓRIA E HISTÓRIA, vários autores

COLEÇÃO PROFISSÕES, vários autores

GRANDES AVENTURAS, de RICHARD PLATT

HISTÓRIAS DA PRETA, de HELOISA PIRES LIMA

O IRMÃO QUE VEIO DE LONGE, de MOACYR SCLAR

O MÁRIO QUE NÃO É DE ANDRADE, de LUCIANA
SANDRONI

ROBINSON CRUSOÉ, de DANIEL DEFOE

Cia. das Letras

DESTINATÁRIO DESCONHECIDO, de KATHRINE
KRESSMANN TAYLOR

FILHA DE FEITICEIRA, de CELIA REES

UMA MENINA ESTRANHA: AUTOBIOGRAFIA
DE UMA AUTISTA, de TEMPLE GRANDIN
e MARGARET M. SCARIANO

TODOS CONTRA DANTE, de LUÍS DILL

VELHOS AMIGOS, de ECLÉA BOSI

A VINGANÇA DA BALEIA, de NATHANIEL PHILBRICK

Companhia das Letras

ADEUS, CHAMIGO BRASILEIRO, de ANDRÉ TORAL

BOCA DO INFERNO, de ANA MIRANDA

A CIDADE PARTIDA, de ZUENIR VENTURA

CISNES SELVAGENS, de JUNG CHIANG

CORAÇÕES SUJOS, de FERNANDO MORAIS

A DOENÇA, UMA EXPERIÊNCIA, de JEAN-CLAUDE
BERNARDET

ÉBANO, de RYSZARD KAPUŚCINŚKI

ESTAÇÃO CARANDIRU, de DRAUZIO VARELLA

A ILHA, de FERNANDO MORAIS

PARATII, de AMYR KLINK

POMAR DE FAMÍLIA, de MONI EVE

O RETRATO DO REI, de ANA MIRANDA

Companhia de Bolso

CAPITÃES DA AREIA, de JORGE AMADO

HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA, de JOSÉ SARAMAGO

NOVE NOITES, de BERNARDO CARVALHO

O QUE É ISSO, COMPANHEIRO?, de FERNANDO GABEIRA

O QUEIJO E OS VERMES, de CARLO GINZBURG

A TRÉGUA, de PRIMO LEVI

19 Vida que se conta



Desenhar, fotografar, escrever sobre a vida diária tem sido uma atividade frequente tanto de profissionais quanto de pessoas comuns que, alheias a estéticas e escolas, sentem necessidade de registrar sua história ou momentos únicos de aventura, heroicos ou não. Textos não ficcionais como esses, verbais e/ou visuais, devem fazer parte da formação dos alunos durante a educação básica.

É grande a quantidade de biografias, relatos de viagem, documentários fotográficos, correspondências, diários de bordo e de pesquisa disponíveis nas bibliotecas e livrarias. São obras por meio das quais aprendemos muito não só sobre a história da literatura e das artes, mas também das cidades e das ciências, sobre a expansão das fronteiras do mundo, sobre política e comportamento, e com isso ampliamos nossa percepção do mundo.

Estudantes de diferentes ciclos podem se beneficiar do contato com essa variedade de gêneros também para o desenvolvimento da sua produção, ao descobrirem que há diversas maneiras — verbais ou não, literárias ou não — de informar descobertas, relatar acontecimentos, publicar opiniões.

Alunos dos **anos iniciais do ensino fundamental**, ainda não muito distantes das classes da **educação infantil** — nas quais em geral os contos maravilhosos são privilegiados —, deixam-se conquistar rapidamente pelos diários e biografias, dada a proximidade desses tipos de texto com fatos que realmente ocorreram. Essas novidades literárias, se os encantam em propostas de leitura, são igualmente proveitosas como base para atividades de produção escrita.

Nos **anos mais adiantados**, graças à multiplicação das opções temáticas, os dois gêneros continuam bem-vindos, e os alunos mostram grande interesse também por outro tipo de registro não ficcional: o relato de viagem.

Trabalho com diário

Depois da leitura compartilhada de uma história autobiográfica como, por exemplo, *Minha vida de goleiro*, ou de algum outro título da coleção Memória e História, todos alternando relatos pessoais e fatos históricos, os alunos podem ser convidados a escrever seus próprios diários. Ao fazer a proposta, é interessante que o professor se detenha na diferenciação entre um diário (em que se registram, diariamente ou quase, acontecimentos, impressões, confissões) e uma agenda (em que costuma haver, entre outras informações práticas, datas impressas, para anotações objetivas de compromissos, encontros, despesas etc.). Uma forma de incentivar o grupo-classe a aderir à ideia é partir da escrita coletiva de um dia na escola ou do registro individual de um fim de semana em casa. Se o professor considerar importante para a sociabilidade dos alunos, vale sugerir a produção de um diário coletivo da sala de aula: lido ao final de cada mês, ele permitirá relembrar as atividades feitas, os comentários que surgiram, as dúvidas, as brincadeiras, as conquistas propiciadas pelas novas aprendizagens.

Para as turmas que já realizam atividades de laboratório, outra alternativa interessante é registrar num diário, em detalhes, todos os avanços e descobertas que forem sendo feitos. São adequadas, para isso, até experiências simples, como a plantação de feijão em algodões, por exemplo, contanto que ofereçam uma sequência de acontecimentos que viabilize um verdadeiro diário de pesquisa.

A partir do 6º ano, já é possível promover, paralelamente a atividades como essas, a leitura de diários diversificados, de modo que os alunos entrem em contato com os recursos de expressão utilizados por autores diferentes na construção de sua memória escrita, tornando o texto mais legível, informativo, poético, isto é, mais de acordo com as intenções de cada um.

Diários escritos inocentemente, sem nenhuma intenção literária, como os de Anne Frank e Zlata, tornaram-se documentos legítimos do sofrimento em tempos de guerra, hoje muitas vezes obscurecido pelo tratamento espetacular que a mídia dá ao tema. Sua leitura é recomendável dos **anos finais do ensino fundamental** em diante.

Trabalho com biografias

Descobrir que o cientista, o herói, o artista famoso foram ou são também pessoas comuns pode transformar a vida de muitos alunos: várias biografias comprovam que a genialidade, na maioria dos casos, não é dádiva, mas conquista, ao mostrarem que personagens representativas de uma época, uma mentalidade, uma área do conhecimento nem sempre foram consideradas brilhantes e até tiveram problemas em seu percurso escolar.

Informações como essas são uma das razões do sucesso dos textos biográficos nas classes de **4º ao 9º ano do ensino fundamental**, em que as propostas de trabalho podem ser motivadas, inicialmente, por uma pergunta deste tipo: O que diferencia algumas pessoas para que elas tenham sua vida levada a público?

Para o encaminhamento da busca de respostas, um bom começo é recomendar aos alunos a leitura de biografias como as que compõem a série Mortos de Fama. Sem dúvida elas serão modelos divertidos para a próxima etapa: propor que cada um escolha uma personagem de que goste e que deseje conhecer melhor — no universo da história, da ciência, da arte, da cultura — e estipular um prazo para a coleta de seus dados biográficos em livros ou na internet.

Terminadas as pesquisas, deve ser dada oportunidade para o compartilhamento dos resultados. Os alunos conversarão sobre as informações novas que obtiveram sobre as personagens escolhidas, cabendo ao professor encaminhar os diálogos de forma a que, ao final, todos tenham algumas respostas para a pergunta que motivou a atividade.

É possível também fazer rodas de leitura especiais, em que os alunos apresentem biografias de pessoas importantes que queiram mostrar aos colegas.

Como passagem entre as situações de leitura e as atividades de escrita de textos biográficos, uma outra pergunta pode ser colocada: Só se escrevem biografias de pessoas famosas?

Um bom recurso para mostrar que pessoas comuns merecem igualmente ser biografadas é desenvolver um projeto em que cada aluno registre sua história familiar, por meio da investigação da biografia dos parentes. O trabalho de levantamento de informações por meio de entrevistas com pais, avós, tios etc. implicará procedimentos como anotar, compilar e transcrever dados; planejar, escrever e revisar diversos textos; selecionar e ordenar diferentes produções para a composição do produto final: “A história de minha família”. Nesse processo o aluno poderá ser convidado a escrever também uma autobiografia.

A profissão é outro aspecto importante da história da vida de cada um. Não é à toa que as crianças se veem recorrentemente envolvidas com a famosa pergunta: “O que você vai ser quando crescer?”. A coleção Profissões mistura relatos pessoais dos autores com informações sobre suas respectivas profissões e pode ser mais uma fonte de questões a serem discutidas sobre a vivência de cada um.

Trabalho com relatos de viagem

A singularidade é um valor importante para os adolescentes, às voltas com questionamentos sobre sua personalidade e a estima do grupo. Assim, os relatos de viagem, frequentemente aventurecos, têm boa acolhida em classes a partir dos **últimos anos do ensino fundamental** — afinal, não é todo dia que corajosos alcançam os topos mais altos do mundo, chegam por mar aos limites da terra, como fez Amyr Klink, ou atravessam a pé extensões enormes do deserto.

A par do prazer que proporciona, esse tipo de leitura favorece especialmente a realização de trabalhos que reforcem a necessidade do registro como ferramenta de pesquisa. E é fundamental mostrar aos alunos que esse registro não se limita à linguagem verbal: as fotografias de Sebastião Salgado, por exemplo, surpreendem-nos ao revelar aspectos contundentes da realidade contemporânea; pintores e desenhistas também dão testemunho, com sua obra, do contexto em que vivem ou viveram, e os naturalistas devem ser lembrados como grandes — quando não únicos — documentaristas da população, da flora e da fauna de lugares “selvagens” que visitaram.

É recomendável que o sentido de um trabalho como esse seja retomado sempre que os alunos saiam em atividades de campo, comuns nos **anos finais do ensino fundamental** e do **ensino médio**. Trata-se de ocasiões imperdíveis para levá-los a utilizar tudo o que aprenderam até ali sobre as diversas formas de registrar dados, informações, paisagens naturais ou ambientes urbanos.

TÍTULOS SUGERIDOS

Companhia das Letrinhas

ANTÁRTICA: UM MUNDO FEITO DE GELO, de MARISTELA COLUCCI

COLEÇÃO MEMÓRIA E HISTÓRIA, vários autores

COLEÇÃO PROFISSÕES, vários autores

HERÓIS E GUERREIRAS, de HELOISA PRIETO

JOAQUIM E MARIA E A ESTÁTUA DE MACHADO DE ASSIS, de LUCIANA SANDRONI

O MÁRIO QUE NÃO É DE ANDRADE, de LUCIANA SANDRONI

MINHA VIDA DE GOLEIRO, de LUIZ SCHWARCZ

MINHAS FÉRIAS, de MARCELO COELHO

MINHAS MEMÓRIAS DE LOBATO, de LUCIANA SANDRONI

Cia. das Letras

ALBERT EINSTEIN E SEU UNIVERSO INFLÁVEL, de DR. MIKE GOLDSMITH

OS BELOS DIAS DE MINHA JUVENTUDE, de ANA NOVAC

CLEÓPATRA E SUA VÍBORA, de MARGARET SIMPSON

DEBRET EM VIAGEM HISTÓRICA E QUADRINHESCA AO BRASIL, de SPACCA

DESENHOS DE GUERRA E DE AMOR, de FLAVIO DE SOUZA

O DIÁRIO DE ZLATA, de ZLATA FILIPOVIĆ

ESTRELA AMARELA, de JENNIFER ROY

FERNANDO PESSOA, O MENINO DE SUA MÃE, de AMÉLIA PINTO PAIS

ISAAC NEWTON E SUA MAÇÃ, de KJARTAN POSKITT

UMA MENINA ESTRANHA: AUTOBIOGRAFIA DE UMA AUTISTA, de TEMPLE GRANDIN e MARGARET M. SCARIANO

PADRE ANTÔNIO VIEIRA, de AMÉLIA PINTO PAIS

SANTO E OS PAIS DA AVIAÇÃO, de SPACCA

TUTANCAMON E SUA TUMBA CHEIA DE TESOUROS, de MICHAEL COX

A VIDA DE JOANA D'ARC, de ERICO VERISSMO

VOZES ROUBADAS, de vários autores

Quadrinhos na Cia.

ADEUS TRISTEZA, de BELLE YANG

BORDADOS, de MARJANE SATRAPI

PERSÉPOLIS, de MARJANE SATRAPI

Claro Enigma

DE OLHO EM D. PEDRO II E SEU REINO TROPICAL, de LILIA MORITZ SCHWARCZ

DE OLHO EM EUCLIDES DA CUNHA, de LÚCIA GARCIA

DE OLHO EM LAMPIÃO, de ISABEL LUSTOSA

DE OLHO EM MÁRIO DE ANDRADE, de ANDRÉ BOTELHO

DE OLHO EM ZUMBI DOS PALMARES, de FLÁVIO DOS SANTOS GOMES

Companhia das Letras

A AUSÊNCIA QUE SEREMOS, de HÉCTOR ABAD

BILAC VÊ ESTRELAS, de RUY CASTRO

COM UMA PERNA SÓ, de OLIVER SACKS

INFIEL, de AYAAN HIRSI ALI

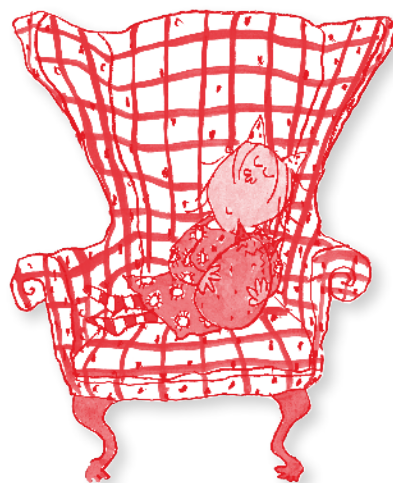
MAR SEM FIM, de AMYR KLING

MEMÓRIAS DE UM HISTORIADOR DE DOMINGO, de BORIS FAUSTO

MINHA VIDA DE MENINA, de HELENA MORLEY

NÃO HÁ SILÊNCIO QUE NÃO TERMINE, de INGRID BETANCOURT

NO AR RAREFEITO, de JON KRAKAUER



20

Ler para aprender a perguntar sobre si mesmo

De onde viemos? Para onde vamos? Como essas, há muitas perguntas para as quais não encontramos uma resposta exata ou uma única resposta. Perguntas filosóficas que, às vezes sem que os adultos suspeitem, crianças e jovens se fazem bem antes de conhecer os caminhos já trilhados pela humanidade para tentar respondê-las. E é com a leitura de bons textos que esses caminhos podem começar a ser percorridos nas salas de aula.

Não podemos imaginar outro ser além do homem que sofra por desconhecer suas origens ou a finalidade de sua existência. Somente ele, que aprendeu a simbolizar o mundo pela linguagem, quer conhecer a si mesmo e a tudo à sua volta e transformar incessantemente a realidade. Nas palavras de Aristóteles, “o homem ama conhecer”. E filosofia é justamente isto: *phílos* — amor, amizade — e *sophía* — conhecimento.

Há quem pense que o amor ao conhecimento serve para que as pessoas evoluam, para que as sociedades adquiram mais bem-estar, para que haja mais igualdade e justiça. Tudo isso é verdadeiro. Mas não se pode negar, também, que problemas continuam surgindo e que novas dificuldades emergem a cada transformação. Então, como se explica nossa persistência em amar o conhecimento, por que praticamos a filosofia? Numa formulação simples para uma resposta complexa, podemos dizer que filosofamos, principalmente, pelo próprio prazer de filosofar, de descobrir, de conhecer. Simbolizar faz parte da natureza humana, e refletir sobre o mundo é um ingrediente essencial desse processo simbólico; refletir sobre as coisas — mesmo que inutilmente — porque somos humanos.

A filosofia não se ocupa da verificação de fenômenos, como faz a ciência, nem das formas, como as artes, nem da coletividade, como a política, ou da atribuição de poder a entidades divinas, como a religião; no entanto, ela está na base de todas essas ramificações do

conhecimento. A filosofia pergunta: O que significam as transformações científicas do mundo contemporâneo? Por que o ser humano tem necessidade da arte? De onde surgiu a ideia de moral? Por que se criam religiões?

Numerosos textos literários infantojuvenis veiculam temas filosóficos, que devem participar da formação dos estudantes como conteúdos, pois fazem parte das suas inquietações, à medida que eles se questionam sobre a própria existência.

Respeitada a capacidade de abstração das diversas faixas etárias, desde os **primeiros anos do ensino fundamental** é possível trabalhar conteúdos da filosofia. Do **1º ao 5º ano**, já são acessíveis às crianças temas relacionados à ética, que contribuem para o desenvolvimento da personalidade moral, em construção nessa fase. A leitura de histórias vinculadas a diferentes tradições culturais e de fábulas — narrativas destinadas explicitamente a transmitir mensagens para reflexão — pode ser utilizada como atividade inspiradora de conversas que envolvam atitudes e valores que certamente os alunos se defrontam na convivência cotidiana e sobre os quais gostam de falar, expondo seus pontos de vista.

A partir do 6º ano, pode-se recomendar a leitura de livros que provoquem efeito de estranhamento, por narrarem acontecimentos que desestruturam a ordem previsível das coisas, ou por mesclarem à narrativa questionamentos sobre realidade e ficção, tempo e eternidade, vida e morte. Os dez textos reunidos em *O pássaro raro*, por exemplo, têm essa qualidade.

Uma opção para garantir que os alunos mais novos ultrapassem o nível factual do texto é programar um trabalho que integre leituras feitas em casa e em sala de aula com atividades em que, divididos em grupos, eles elaborem questões de natureza filosófica, que tenham apreendido nas entrelinhas. Por exemplo, há uma crítica subjacente ao texto? O autor utiliza o humor e a ironia? Por quê? Como será que a humanidade atual será compreendida pelo homem futuro? Por que pequenos acontecimentos inesperados às vezes geram grandes transformações? Atividades desse tipo devem ser sempre seguidas do compartilhamento, pelos alunos, das questões discutidas em cada grupo.

Como a filosofia, as ciências e as artes, três formas de conhecimento com procedimentos distintos, vêm caminhando juntas há muito tempo na abordagem de questões como a evolução do universo e a origem da vida. Sendo assim, os professores devem propor situações em que os estudantes ganhem familiaridade com esse fato. Isso é possível **a partir do 8º ano**, com a indicação, por exemplo, de livros baseados na vida de cientistas que marcaram a história da humanidade com seu talento multidisciplinar.

Um projeto conjunto das três áreas, no qual os alunos de uma ou mais classes sejam convidados a conhecer a vida e a produção intelectual de Leonardo da Vinci, por exemplo, sem dúvida é capaz de gerar momentos privilegiados de trabalho. Nesse caso a sequência didática pode incluir tanto pesquisas em livros especializados e em sites da internet, quanto leituras individuais e leituras compartilhadas em sala de aula entre os alunos e os professores das disciplinas envolvidas. Sugere-se que estes, como estratégia para a organização e a sistematização dos conhecimentos que forem sendo construídos, dividam os alunos em grupos e atribuam-lhes tarefas diversas, como:

- escrever uma biografia de Da Vinci focando sua produção como arquiteto;

- escrever um texto que sintetize sua genialidade como cientista;
- preparar um seminário sobre o ambiente social e histórico em que sua genialidade pôde ser reconhecida;
- organizar uma apresentação (eletrônica, em slides ou transparências) das principais obras, localizando os museus onde elas se encontram na atualidade.

Como produto final — depois que os textos produzidos circularem entre os alunos e de concluídos o seminário e a apresentação —, os professores podem propor a realização de uma assembleia, na qual todos os participantes do projeto sejam convidados, e debater a questão: Seria Leonardo da Vinci também um filósofo?

Quando chegam ao **ensino médio**, os alunos já têm condições de ler livros sobre diferentes temas filosóficos, em literatura especializada ou em textos de divulgação, dependendo dos objetivos do curso. Entre esses temas, destaca-se a questão religiosa, pela frequência com que é mencionada como justificativa de conflitos tanto nas aulas de história e geopolítica quanto em publicações atuais. Uma proposta multidisciplinar permitiria pôr em debate questões polêmicas como estas: Se todas as religiões pregam a paz, por que tantas guerras são feitas em nome da religião? Se a humanidade avança tanto no campo da tecnologia, por que ela continua a demonstrar tanta necessidade da religião? Há oposição entre ciência e religião? Por que a doutrina comunista soviética opôs-se tão intensamente à religião? Por que as religiões evangélicas avançam tanto no Brasil? Exemplos de livros que tocam nessas questões e que poderiam ser lidos pelos alunos como ponto de partida para o debate são: *A viagem de Théo*, *A rainha Margot*, *Frankenstein* e *Destinatário desconhecido*.

Também nesse caso o trabalho deveria fundamentar-se em leituras, pesquisas e discussões em grupo, para as quais um encaminhamento possível seria a proposta de se realizarem simulações de julgamentos. Para isso, conviria definir democraticamente os alunos que atuariam como advogados de defesa e de acusação em cada uma das questões eleitas, assim como um corpo de juízes, avaliando-se o grau de conhecimento, argumentação e persuasão dos alunos, além do conteúdo defendido.

Por fim, nunca é demais lembrar que os recursos ficcionais de vários romances que abordam temas científicos são frequentemente inspiradores do entusiasmo e da curiosidade essenciais para a filosofia.



TÍTULOS SUGERIDOS

Companhia das Letrinhas

CABUMM!, de HEINZ JANISCH

O CASTELO DO PRÍNCIPE SAPO, de JOSTEIN GAARDER

O COMILÃO, de CLÁUDIO THEBAS

DE QUANTA TERRA PRECISA O HOMEM?, de LIEV
TOLSTÓI

DEUS ME LIVRE!, de ROSA AMANDA STRAUZ

EI! TEM ALGUÉM AÍ?, de JOSTEIN GAARDER

A FORMIGA AURÉLIA, de REGINA MACHADO

UMA HISTÓRIA DE PINGUIM, de ANTOINETTE PORTIS

JUCA E OS ANÕES AMARELOS, de JOSTEIN GAARDER

MEU FILHO PATO, de vários autores

O REI E O MAR, de HEINZ JANISCH

ZECA ERA DIFERENTE, de NORMAN ROCKWELL

Cia. das Letras

A BIBLIOTECA MÁGICA DE BIBBI BOKKEN, de JOSTEIN
GAARDER E KLAUS HAGERUP

O CASTELO NOS PIRINEUS, de JOSTEIN GAARDER

AS COISAS SÃO ASSIM, org. JOHN BROCKMAN
e KATINKA MATSON

DA HORA, DA ONDA, DA VINCI, de JON SCIESZKA

DESTINATÁRIO DESCONHECIDO, de KATHRINE
KRESSMANN TAYLOR

FOI ASSIM QUE O HOMEM DESCOBRIU COMO É O
UNIVERSO, de JULIETTE NOUËL-RÉNIER

FOI ASSIM QUE O HOMEM DESCOBRIU QUE O
MACACO É NOSSO PRIMO, de JULIETTE NOUËL-RÉNIER

FRANKENSTEIN, de MARY SHELLEY

LEONARDO DA VINCI E SEU SUPERCÉREBRO,
de MICHAEL COX

O MUNDO DE SOFIA, de JOSTEIN GAARDER

O PÁSSARO RARO, de JOSTEIN GAARDER

A RAINHA MARGOT, de ALEXANDRE DUMAS, adaptação
de FERNANDO NUNO

A VIAGEM DE THÉO – ROMANCE DAS RELIGIÕES,
de CATHERINE CLÉMENT

A VIDA DE JOANA D'ARC, de ERICO VERISSIMO

VITA BREVIS, de JOSTEIN GAARDER

Claro Enigma

PARA COMPREENDER MELHOR AS RELIGIÕES,
de PATRICK BANON

PARA COMPREENDER MELHOR OS TABUS E AS
PROIBIÇÕES, de PATRICK BANON

Companhia das Letras

AGENDA BRASILEIRA, de vários autores

A DANÇA DO UNIVERSO, de MARCELO GLEISER

UM ENIGMA CHAMADO BRASIL, de vários autores

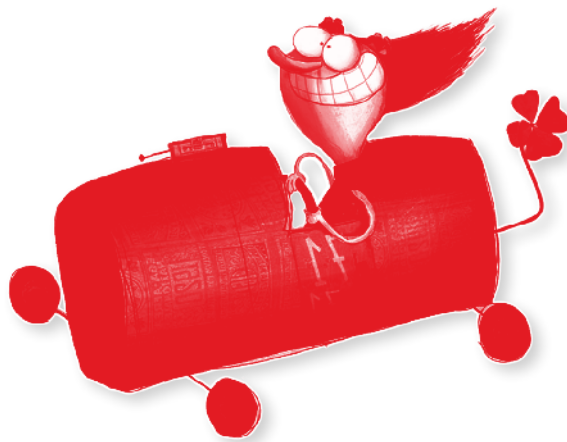
INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA FILOSOFIA,
de MARILENA CHAUI

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA FILOSOFIA – VOL. 2,
de MARILENA CHAUI

SEIS PROPOSTAS PARA O PRÓXIMO MILÊNIO, de
ITALO CALVINO

Companhia de Bolso

O LIVRO DAS RELIGIÕES, de JOSTEIN GAARDER, HENRY
NOTAKER e VICTOR HELLERN



21

Conhecer histórias e aprender ciência

O debate científico está por toda parte. Antes restrito a revistas especializadas, que também se multiplicam, aos poucos ganhou espaço em diversas mídias, tornando-se objeto de publicações periódicas e programas de tevê, muitos deles voltados para o público infantojuvenil. A importância do tema se confirma por sua presença, nos grandes centros urbanos, em sucessivas exposições de caráter específico ou puramente artístico, bem como no cinema e no teatro. Escolas e educadores não ficam fora desse grande debate.

A exemplo da Europa de Júlio Verne, em que era comum universidades e laboratórios exporem ao grande público boa parte das especulações e descobertas científicas, o mundo contemporâneo, comparativamente privilegiado em termos de comunicação, tornou-se palco de uma circulação sem paralelo de informações e discussões relacionadas a pesquisas de diversos ramos da ciência.

Parece que assistimos a um “casamento” entre o saber científico e o dia a dia, motivado talvez pela impossibilidade de renunciarmos à reflexão produzida pelos assombros (bons e maus) produzidos em nosso cotidiano pela emergência de controvérsias sobre transgênicos, clonagem, vitamínicos, medicamentos genéricos, camada de ozônio, novas doenças e outros temas que, se ainda não foram incluídos em nossas preocupações — em alguns casos, mesmo éticas —, sem dúvida despertam curiosidade generalizada.

Revistas científicas trazem semanalmente às bancas assuntos de variado grau de complexidade, seja retomando velhas questões, seja anunciando pesquisas recentíssimas. Programas de tevê são produzidos com a finalidade explícita de apresentar às crianças, desde muito cedo, dados de um universo “palpável” e explicável à luz dos conhecimentos atuais. Na escola não é diferente. A ciência invade a sala de aula sem o caráter de certeza e rigidez que antes

se impunha sobretudo pelo teor dos livros didáticos: apresenta-se aos alunos como objeto constante de discussão, de experimentação, de ponte entre diversas áreas, que vai progredindo por meio de questionamentos. Nesse contexto, abre-se a possibilidade, antes impensada, de que os próprios alunos elejam temas que os instiguem, como observadores da realidade que os cerca. Velhos tabus, antes difíceis de abordar, como a sexualidade, hoje são tratados de maneira natural e prazerosa. E mesmo um fato histórico simples como o descobrimento do Brasil não se estuda mais sem as necessárias incursões interdisciplinares, que ampliam seu sentido com informações sobre os instrumentos criados na época, as marés, a cartografia, o clima, o mapa celestial. Ou seja, a palavra *ciência* se reveste de novos significados.

Nesse movimento de divulgação, de características tão peculiares, a literatura assume uma parcela importante na tarefa de popularizar o saber científico. É inegável a contribuição que prestou no passado — muitos escritores se dedicaram a escrever, por exemplo, sobre possíveis mundos futuros, extraterrenos ou sobrenaturais; a tentar adivinhar o que viria nos próximos séculos (algumas hipóteses foram confirmadas, como a de Júlio Verne sobre o diâmetro da Lua!); a imaginar explicações para inúmeros fenômenos; a descrever monstros e robôs de um tempo projetado lá para adiante que, de repente, já chegou: o nosso tempo. Parece, então, que é hora de a literatura se debruçar também sobre o presente, pois muita coisa mudou, e hoje todos querem *real e urgentemente* ser informados de tudo o que se passa pelo mundo.

A paixão pelo saber pode ser potencializada desde muito cedo, com a leitura de livros que tratam de temas científicos por meio de jogos e brincadeiras. Pequenos leitores podem se ver envolvidos com os textos curtos e ilustrados, inspirados em almanaques, dos livros de curiosidades. É o caso da série de livros que reúnem os artigos publicados na revista *Ciência Hoje das Crianças*, *O livro dos porquês*, *Procura-se!* e *O que você vai ser quando crescer?*, escritos por pesquisadores e jornalistas, com informação de qualidade.

Esses e outros temas que sempre levam as crianças a perguntar *por quê? para quê?* caem bem em rodas ou cantos de leitura livre. Biografias de cientistas e inventores também costumam ser bem recebidas: é sempre curioso saber quando e como chegaram a conclusões ou inventaram aparelhos incríveis, não raro sem querer, e às vezes mudando o rumo da humanidade. Algumas biografias guardam boas surpresas e ensinam às crianças que nem todo “gênio” nasce pronto: nos livros da coleção Mortos de Fama os alunos podem aprender que Newton e Einstein, por exemplo, não eram bons alunos. É bom saber que a imaginação e o sonho também são parte da ciência e ajudaram a fazer descobertas e a arquitetar feitos notáveis.

Articuladas ou não à programação escolar, as publicações que privilegiam a diversidade temática são particularmente interessantes para os alunos **até o 5º ano**, pois, além de leitura prazerosa, ajudam a despertar a curiosidade científica e a iniciativa que todos eles têm, quando inventam seus próprios brinquedos, ensaiam fórmulas, planejam maneiras particulares de resolver cálculos matemáticos, por exemplo.

Essa forma de aproximação com a ciência ajuda a ressignificar seu ensino e, ao mesmo tempo, prepara o terreno para a abordagem de temas mais complexos: do **6º ao 9º ano**, *big bang*, racismo, tempo, internet, simetria, duração da espécie humana, física quântica, leis da

física, estrutura do átomo, quarta dimensão, evolução, genética podem fazer parte não só de aprendizados multidisciplinares, como de leituras apaixonantes. Livros como *As coisas são assim*, de cientistas-escretores, apontam para a ideia de que ciência não é assunto apenas para especialistas e que qualquer pessoa curiosa é capaz de compreender as relações das muitas descobertas com a vida cotidiana.

Para crianças dessa faixa etária, o trabalho que integra discussões veiculadas pela mídia e o universo de referência pessoal do aluno produz sequências didáticas muito ricas. Sem dúvida é estimulante para eles pesquisar e discutir, por exemplo, sobre os alimentos que são consumidos em casa. São transgênicos? São tratados sem agrotóxicos? O que dizem os cientistas? O que dizem os médicos e nutricionistas? E a cantina da escola, com que tipo de alimento trabalha? Trata-se de criar, em sala de aula, situações que atentem para vários aspectos da aprendizagem, como a pesquisa em fontes diversificadas, o debate, a socialização do conhecimento e sua aplicação no dia a dia. Com essa finalidade, é mais que válido envolver também professores de outras disciplinas, como, por exemplo, filosofia e história — na discussão sobre clonagem e ética — ou história e geografia — no estudo da relação entre produção de alimentos e novas tecnologias.

Essa abertura permite ainda que se coloque um tanto de romance no aprendizado da ciência: há literatura sobre enigmas históricos que marcaram profundamente a vida de cientistas ou o próprio destino da humanidade. O da longitude, por exemplo — relatado em *O prêmio da longitude* —, que torturou viajantes e estudiosos por séculos e ajudou a redefinir o mapa do mundo; ou os enigmas matemáticos, como os apresentados em *O teorema do papagaio*, que levaram anos para serem resolvidos, e que podem compor uma narrativa policial de muito suspense. Também a literatura de ficção recorre à ciência para criar enredos cheios de suspense, jogos de poder, aventuras em outros espaços, que ajudam a consolidar o hábito da leitura entre alunos maiores e que têm um público fiel de adultos mesmo entre os que não são apaixonados por temas científicos.

Nesse repertório, destacam-se algumas obras fantásticas que passaram para a história literária como clássicos de outros gêneros, mas que são depositárias de importantes discussões científicas. É o caso de *Frankenstein*, obra-prima do terror, que tematiza questões como a luta contra a morte, a busca da vida eterna, o limite entre Deus e o homem — nada mais atual, em tempos de clonagem, que rever a obra de Mary Shelley. Ou ainda *O médico e o monstro*, de Stevenson, que inaugurou as preocupações com as drogas e os mistérios da mente humana. Continuam adoráveis também as aventuras criadas por Júlio Verne, que invariavelmente incluem referências às pesquisas da época. E a grande sátira que Swift faz da ciência em *Viagens de Gulliver*, criando a ilha flutuante de Laputa, onde todos são obcecados por matemática e astronomia mas não têm palavras para designar as coisas mais simples. Todos esses textos comportam novos olhares de professores e alunos, podendo ser explorados, por exemplo, por meio da comparação de pequenos trechos com situações contemporâneas.

Da curiosidade à experimentação, do sonho à invenção, da imaginação à descoberta, ler e praticar ciência ajudam a continuar construindo o mundo.

TÍTULOS SUGERIDOS

Companhia das Letrinhas

BREVÍSSIMA HISTÓRIA DE QUASE TUDO, de BILL BRYSON

CIÊNCIA EM VERSOS, de JON SCIESZKA

AS CIÊNCIAS NATURAIS DE TATSU NAGATA, de THIERRY DEDIEU

COMO FUNCIONA O INCRÍVEL CORPO HUMANO, de RICHARD WALKER

A HISTÓRIA DAS COISAS, de NEAL LAYTON

O LIVRO DA MEDICINA, de MOACYR SCLiar

O LIVRO DO CIENTISTA, de MARCELO GLEISER

O LIVRO DO PSICÓLOGO, de YUDITH ROSENBAUM

O LIVRO DOS PORQUÊS, de vários autores

O MAIS SENSACIONAL GUIA INTERGALÁCTICO DO ESPAÇO, de CAROLE STOTT

O MÉDICO E O MONSTRO, de ROBERT LOUIS STEVENSON, adaptação de MICHAEL LAWRENCE

NA CASA DO LEO — BICHOS ARREPIANTES, de PHILIP ARDAGH

NA CASA DO LEO — O CORPO HUMANO, de PHILIP ARDAGH

NA CASA DO LEO — OS DINOSSAUROS, de PHILIP ARDAGH

NA CASA DO LEO — OS EGÍPCIOS, de PHILIP ARDAGH

PLANETA CORPO, de SÍLVIA ZATZ

PROCURA-SE!, de vários autores

O QUE VOCÊ VAI SER QUANDO CRESCER?, de vários autores

A REUNIÃO DOS PLANETAS, de MARCELO R. L. OLIVEIRA

TEM UM CABELO NA MINHA TERRA, de GARY LARSON

VIAGENS DE GULLIVER, de JONATHAN SWIFT

Cia. das Letras

ALBERT EINSTEIN E SEU UNIVERSO INFLÁVEL, de DR. MIKE GOLDSMITH

CHARLES DARWIN, de REBECCA STEFOFF

AS COISAS SÃO ASSIM, de JOHN BROCKMAN e KATINKA MATSON

O DIABO DOS NÚMEROS, de HANS MAGNUS ENZENSBERGER

FOI ASSIM QUE O HOMEM DESCOBRIU COMO É O UNIVERSO, de JULIETTE NOUEL-RÉNIER

FOI ASSIM QUE O HOMEM DESCOBRIU QUE O MACACO É NOSSO PRIMO, de JULIETTE NOUEL-RÉNIER

FRANKENSTEIN, de MARY SHELLEY, adaptação de RUY CASTRO

INVENTORES E SUAS IDEIAS BRILHANTES, de DR. MIKE GOLDSMITH

ISAAC NEWTON E SUA MAÇÃ, de KJARTAN POSKITT

A MAGIA DA REALIDADE, de RICHARD DAWKINS

NÃO SE INCOMODE, de KAREN GRAVELLE e JENNIFER GRAVELLE

O PRÊMIO DA LONGITUDE, de JOAN DASH

O QUE ESTÁ ACONTECENDO AÍ EMBAIXO?, de KAREN GRAVELLE, NICK CASTRO e CHAVA CASTRO

AS SETE MAIORES DESCOBERTAS CIENTÍFICAS DA HISTÓRIA, de DAVID ELIOT BRODY e ARNOLD R. BRODY

O TEOREMA DO PAPAGAIO, de DENIS GUEDJ

Claro Enigma

BIODIVERSIDADE EM QUESTÃO, de HENRIQUE LINS DE BARROS

SAÚDE EM QUESTÃO, de FRANCISCO I. BASTOS

Companhia das Letras

UM ANTROPÓLOGO EM MARTE, de OLIVER SACKS

A LONGA MARCHA DOS GRILOS CANIBAIS, de FERNANDO REINACH

A VIDA IMORTAL DE HENRIETTA LACKS, de REBECCA SKLOOT

Companhia de Bolso

TIO TUNGSTÊNIO, de OLIVER SACKS



22

Teatro, tv e música em sala de aula

Poesia, conto, parlenda, notícia, crônica, receita, piada... São inumeráveis os tipos de textos verbais que circulam no cotidiano das sociedades letradas. Quanto mais o trabalho em sala de aula contemplar essa diversidade, mais conhecimento os alunos poderão absorver sobre os códigos à sua disposição para usufruir e produzir novas mensagens. Nesse universo, têm sabor especial textos que de alguma forma se relacionam com a oralidade.

Teatro

O texto teatral é dos mais antigos que se conhece — como atestam as peças de Ésquilo, Sófocles, Aristófanes, escritas no século v a. C., na Grécia, berço da tragédia e da comédia. Com uma história tão longa, era natural que o teatro fosse enriquecendo a cena literária com autores importantes, cuja obra a escola não pode ignorar: temos à disposição um painel que vai dos próprios gregos da Antiguidade até brasileiros contemporâneos, como Ariano Suassuna, Plínio Marcos e dramaturgos que produziram para o público infantojuvenil — Maria Clara Machado, Sylvia Orthof, Flavio de Souza —, além de Shakespeare, de quem existem adaptações em verso e prosa para todas as faixas etárias. Sem dúvida os professores de cada segmento escolar encontrarão textos adequados para motivar seus alunos a aproximar-se dessa arte.

Planejado com vistas à encenação, o texto de teatro, em suas origens, invariavelmente incluía o apoio esclarecedor de um coro, que auxiliava a plateia a acompanhar e interpretar o enredo. Com o tempo, esse componente quase desapareceu, e quando propomos hoje a leitura de peças em sala de aula propiciamos aos alunos um exercício duplamente enriquecedor: primeiro, porque, na falta de um narrador, a imaginação é desafiada a completar a história apenas com base nas falas das personagens e na situação; segundo, porque a percepção do desenrolar dos fatos requer, de quem faz as vezes do público, extrema atenção.

Mesmo para alunos ainda pequenos, o contato com esse tipo de texto é produtivo: para o **1º ano**, por exemplo, o próprio professor pode fazer a leitura, chamando a atenção dos ouvintes para a ação e a entrada das personagens em cena. É preciso tomar cuidado para encadear as partes da história, marcando distintamente as personagens, os cenários e o tempo. Uma sugestão é dividir a leitura por cenas, se os alunos estiverem acostumados a ouvir narrativas em capítulos.

O **2º ano** já comporta a leitura coletiva, com a distribuição dos personagens entre os alunos para que cada um leia o “seu papel”. Instalado esse hábito, o próximo passo é acrescentar a essa atividade novos aprendizados: dramatização de pequenos trechos e, posteriormente, encenação para outras turmas.

A **partir do 3º ano**, além da leitura e da encenação de cenas e peças progressivamente mais elaboradas, um encaminhamento interessante é a produção de textos teatrais pelos alunos, de início por meio da adaptação de uma poesia ou de um fragmento de prosa selecionado, por exemplo, de um conto de fadas conhecido de todos.

O caminho inverso — adaptação de texto teatral para prosa — é mais uma opção. Pode-se desafiar os alunos a criar uma história que seja inspirada numa peça e que se inicie com a tradicional expressão “Era uma vez”.

As aproximações reiteradas com o teatro conduzirão naturalmente à perspectiva de se propor a elaboração de um texto completo, para o qual a turma escolha democraticamente um tema que faça parte do repertório comum, como as festas em família, um caso de escola ou algo relacionado às leituras realizadas até aquele momento, para facilitar o debate sobre as personagens viáveis, a trama, o cenário.

Os alunos poderão escrever suas falas agrupados por personagens ou pelas cenas que imaginarem para compor a peça. Caberá ao professor atuar como mediador, para assegurar o encadeamento dos textos escritos pelos diferentes grupos, de modo que, bem articulados, resultem não numa colagem fragmentária, mas num texto coletivo.

Depois de revisado, em sua versão final, ele terá de ser sacramentado por todos da turma, decidindo-se então, em conjunto, se vão encená-lo e que classes poderiam assistir à representação.

Encaminhamentos como esse, desde que adaptados às necessidades e motivações de cada ano, evidentemente, despertam interesse ao longo de todo o **ensino fundamental**. Os alunos de **8º e 9º ano** podem ir além, planejando e realizando, a exemplo dos profissionais de teatro, leituras dramatizadas de textos de autores consagrados, o que inclui leituras prévias, seleção do elenco e da direção, ensaios parciais e gerais para acertos de entonação e ritmo etc.

Roteiros

As crianças e os adolescentes estão cada vez mais antenados com o trabalho de retaguarda de vários meios de comunicação, antes reservado a especialistas: a própria mídia atualmente desvenda aos olhares curiosos a dinâmica dos bastidores de tevê, *making of* de filmes, construção de sites. O público é convidado, assim, a deixar a condição de mero espectador de um produto finalizado, e uma das formas de se efetivar essa mudança é o trabalho com textos que dão suporte a esse tipo de produção.

Alunos de diferentes idades certamente gostarão de ler um roteiro de cinema e assistir ao filme, para perceber como o que está escrito se transformou no que foi filmado e, assim, aprender um pouco sobre os bastidores da sétima arte.

Para os maiores, do **8º ano do ensino fundamental** ao **3º ano do ensino médio**, será interessante mostrar como foi feita a transposição de muitos romances e contos brasileiros para filmes de longa ou curta-metragem, ressaltando as diferenças entre a linguagem verbal e a dinâmica verbo-visual da tela. E também se pode fazer o inverso: propor que assistam a filmes de seu interesse e que os transformem em prosa. Ou mesmo sugerir que criem um roteiro simplificado de um filme pronto.

Castelo Rá-Tim-Bum, o livro, é um ótimo exemplo para esse tipo de atividade. Além de se tratar de uma adaptação de roteiro, é ilustrado com cenas e croquis dos cenários de filmagem, estudos feitos para os figurinos e objetos utilizados no filme, e traz, ao final, uma explicação do que é um roteiro: sua finalidade, formato, utilização pela equipe de filmagem e atores. Outro livro interessante para servir como ponto de partida para um exercício de percepção do que seria uma linguagem verbo-visual é o juvenil *A órbita dos caracóis*. Originalmente escrito em forma de roteiro, ao ser transformado em romance manteve traços da linguagem cinematográfica, que aparecem em indicações de enquadramentos e detalhes necessários para a produção de uma série televisiva ou um filme.

Para os **anos intermediários (do 4º ao 7º)**, um bom começo é realizar um trabalho similar baseado em desenho animado. Seja ele conhecido ou inédito (o que requer mais de uma exibição, para que se familiarizem o suficiente), o desafio é que os alunos escrevam um roteiro ou um texto em prosa. O livro *Shrek!* é um exemplo do caminho inverso: a história de que as crianças aprenderam a gostar nas telas foi baseada numa versão escrita, que permite uma comparação informal entre as duas linguagens.

Se a escola possuir uma câmera filmadora que possa ser manipulada pelos alunos, por que não propor a produção de um vídeo de curta duração, com a participação de todos, fazendo uma escalção bem planejada de roteiristas, diretores, cenógrafos, produtores, atores e cinegrafistas?

Canções

Muitos adultos que se deliciam com música instrumental ou com a melodia e a letra de uma canção desconhecem que a desfrutariam ainda mais se tivessem o ouvido educado desde a primeira infância. À escola cabe boa parte da responsabilidade por esse aspecto da formação dos alunos: é fundamental que lhes franqueie muitas oportunidades de ouvir — para “curtir”, para cantar, mas também para aprender mais sobre a linguagem.

As letras das canções são uma excelente matéria, que se presta muito bem à leitura poética, despertando a atenção dos alunos para a sonoridade e o ritmo das palavras. Além disso, fornecem subsídios para a produção de diversos tipos de texto, desde notícias e cartas, a partir do **3º ano**, até paródias, que permitem o exercício do senso crítico desde o **4º ano**.

Os encaminhamentos propostos para o trabalho com texto teatral e roteiro podem valer também para o aproveitamento de canções de teor narrativo, com as devidas adaptações. E os alunos do **ensino médio** certamente terão uma visão muito nítida de recursos linguísticos

elaborados se forem incentivados a buscar correspondências entre o que observam na literatura e o que apreciam ouvir e cantar.

Textos dramatizados, na sala de aula, no palco, na tela; textos eternizados no papel e atualizados pela voz, lidos ou cantados, tendem a ecoar para além dos muros da escola, pois são uma forma privilegiada de se aliar construção do saber e prazer.

TÍTULOS SUGERIDOS

Companhia das Letrinhas

ARCA DE NOÉ, de VINICIUS DE MORAES

O BRASIL EM FESTA, de SÁVIA DUMONT

CASTELO RÁ-TIM-BUM, O LIVRO, adaptação do roteiro de ANA MARIA CAIRA e BEATRIZ LEFÈVRE

COLEÇÃO HISTÓRIAS DE SHAKESPEARE DE TODOS OS CANTOS DO MUNDO, de HELOISA PRIETO

FUNKSTÓRIAS, de VIVIAN FRENCH

O GRANDE CIRCO DO MUNDO, de MARTA DE SENNA

ISMAEL E CHOPIN, de MIGUEL SOUSA TAVARES

O JOGO DA PARLENDIA, de HELOISA PRIETO

O LIVRO DA MÚSICA, de ARTHUR NESTROVSKI

O LIVRO DO ATOR, de FLAVIO DE SOUZA

O LIVRO DO GUITARRISTA, de TONY BELLOTTO

O POETA APRENDIZ, de VINICIUS DE MORAES & TOQUINHO & ADRIANA CALCANHOTTO

SHREK!, de WILLIAM STEIG adaptação de RUI DE OLIVEIRA

VIVA A MÚSICA!, de MASSIN

ZECA ERA DIFERENTE, de NORMAN ROCKWELL

Cia. das Letras

O AMOR NOS TEMPOS DO BLOG, de VINICIUS CAMPOS

O CANTO DAS MUSAS, de CIBELE LOPRESTI, ALINE EVANGELISTA e PÉRICLES CAVALCANTI

A LUA NO CINEMA E OUTROS POEMAS, de vários autores

MURUNDUM, de CHACAL

A ÓRBITA DOS CARACÓIS, de REINALDO MORAES

A RAINHA MARGOT, de ALEXANDRE DUMAS, adaptação de FERNANDO NUNO

TRONODOCRONO/SHERAZADE, de JOSÉ RUBENS SIQUEIRA

Companhia das Letras

A MORTE E A MORTE DE QUINCAS BERRO D'ÁGUA, de JORGE AMADO

Companhia de Bolso

CAPITÃES DA AREIA, de JORGE AMADO

Penguin-Companhia das Letras

ANTOLOGIA DO TEATRO BRASILEIRO (SÉC. XIX) — COMÉDIA, de vários autores

A IMPORTÂNCIA DE SER PRUDENTE, de OSCAR WILDE



23

Diálogo entre textos e entre culturas

Ao selar o pacto da leitura, o leitor aceita o convite de colocar-se no lugar do outro e viver novas situações, muitas vezes capazes de transformar seu olhar para o mundo em que vive.

A leitura literária conduz à ampliação da experiência. Quando lemos, podemos entrar em contato com vozes que narram vidas transcorridas de formas inusitadas, em lugares distantes, os quais nunca visitamos, sob condições que, muitas vezes, nem sequer imaginamos que possam existir. Pode acontecer também de o contexto ser muito conhecido do leitor, mas a singularidade da experiência da personagem ser absolutamente nova e surpreendente. Em todo caso, ao selar o pacto da leitura, o leitor aceita o convite de colocar-se no lugar do outro e viver novas situações, muitas vezes capazes de transformar seu olhar para o mundo em que vive.

Para o jovem leitor brasileiro, a ampliação dos conhecimentos sobre a arte, a cultura, as crenças e a história do continente africano pode colaborar de forma decisiva para o entendimento da própria realidade. A compreensão desse diálogo entre as culturas fica muito favorecida por um percurso de leituras que promova o diálogo entre textos, ou seja, a intertextualidade.

Isso pode ser feito de diversas formas. Uma delas consiste na articulação entre leituras que se relacionam e se complementam pelo vínculo temático. Nesse sentido, terá um percurso muito promissor para os anos finais do ensino fundamental (8º ou 9º ano, por exemplo) um trabalho em que a leitura compartilhada de uma obra de Jorge Amado seja acompanhada da leitura autônoma de *Contos e lendas afro-brasileiros — A criação do mundo*, de Reginaldo Prandi, no qual o autor destaca a contribuição dos africanos à nossa cultura.

Nesse livro, ficção e realidade se misturam. O cenário inicial é um navio negreiro que se dirige ao Brasil. Ao longo de uma narrativa repleta dos sonhos e sofrimentos da personagem Adetutu, o leitor é apresentado à mitologia africana. O conhecimento dos deuses, de seus

poderes, de suas preferências, de sua relação com seus filhos colabora muito para a compreensão de uma série de situações descritas em diversos romances de Jorge Amado, como *Capitães da Areia* e *Jubiabá*, entre outros títulos desse autor. As leituras se complementam, de modo que o leitor se torna mais bem preparado para apreciá-las.

Outro aspecto interessante da leitura de *Contos e lendas afro-brasileiros — A criação do mundo* é a forma como são estabelecidas comparações entre os mitos africanos, os gregos, os romanos e os egípcios. Faz assim um convite para a ampliação das noções de mito e o estabelecimento de relações intertextuais, o que será sempre muito rico, instrutivo e prazeroso.

Na **educação infantil**, a inclusão de histórias de culturas diferentes entre os livros que frequentam os momentos de leitura também é muito favorável. No trabalho com esse segmento, é interessante observar que algumas obras permitem a comparação com figuras comuns no repertório das crianças dessa etapa, como os príncipes e as princesas. Esse é o caso do livro *O homem frondoso — E outras histórias da África*. Com ele, o professor pode explorar com seus alunos o mundo da cultura africana e permitir que descubram o que as aventuras e os problemas enfrentados pelos príncipes e princesas personagens de alguns contos desse volume têm em comum com as aventuras e os problemas que enfrentam os príncipes e princesas das histórias que já conhecem.

No **final da educação infantil** (com crianças entre 5 e 6 anos), algumas narrativas mais extensas, que detalham aspectos da cultura africana, contribuem para ampliar o contato com esse tipo de diversidade literária. Com a leitura de *Ynari — A menina das cinco tranças*, por exemplo, a conversa que essa personagem tem com seu amigo, o “homem pequeno”, sobre o significado de algumas palavras, pode ser continuada em classe: o coração pode ser mesmo tão pequeno, com tantos sentimentos, experiência e gente querida? O que quer dizer “despedida”? Poderia essa palavra reunir outras duas, como “encontro” e “saudades”?

Da mesma forma, nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, as histórias da cultura africana ampliam a experiência das crianças por meio de contos que apresentam um contexto cultural e um modo de compreender o mundo diverso e ao mesmo tempo muito próximo de nós, brasileiros.

E, nesse sentido, nada como apresentar essas narrativas favorecendo o contato dos alunos com relatos que recuperam o papel do contador de histórias, personagem central na sociedade africana; ele cumpre o importante papel de ensinar a história de seu povo, divertir e instruir ao mesmo tempo; como se fosse o guardião da memória desse povo, transmitindo os mitos dessa cultura ao longo das gerações.

São muitas as obras que oferecem essa possibilidade. *Anansi — O velho sábio* traz o relato do mito original do contador de histórias africano recontado por Kaleki, uma aranha que queria conhecer as histórias que foram presas em um baú de madeira por um deus do céu. No livro *Batuque de cores* percorremos o continente africano com a menina Fatou, que adora as histórias que seu avô conta em cartas destinadas a ela sobre a grande viagem que fez por dezesseis países do continente. Encontramos outro contador de histórias na figura do avô de Chaka, chamado Dembo, em *A África, meu pequeno Chaka...*, livro que mistura a história do continente com a história de vida do avô do menino.

Ainda nesse segmento, há a possibilidade de ampliar a formação do leitor literário levan-

do para a classe textos em que ficção e informação sobre aspectos da cultura afro-brasileira se misturam. Como no livro *A história dos escravos*, da coleção Memória e História, no qual informação, texto ficcional e material iconográfico da época da escravidão estão presentes. Outros exemplos são: *Histórias da Cazumbinha*, sobre a vida de uma menina em uma comunidade remanescente de quilombo no sertão da Bahia; *Histórias da Preta*, no qual narrativas retiradas da mitologia africana e dados históricos contribuem para a compreensão do que é ser negro no Brasil; e *José Moçambique e a capoeira*, que conta as origens da capoeira praticada hoje e as aventuras de um grande capoeirista.

TÍTULOS SUGERIDOS

Companhia das Letrinhas

A ÁFRICA, MEU PEQUENO CHAKA..., de MARIE SELLIER

ANANSI — O VELHO SÁBIO, recontado por KALEKI

AO SUL DA ÁFRICA, de LAURENCE QUENTIN

BATUQUE DE CORES, de CAROLINE DESNOETTES E ISABELLE HARTMANN

CINCO HISTÓRIAS DE CINCO CONTINENTES, de vários autores

FOTOGRAFANDO VERGER, de ANGELA LUHNING

O GATO E O ESCURO, de MIA COUTO

A HISTÓRIA DOS ESCRAVOS, de ISABEL LUSTOSA

HISTÓRIAS DA CAZUMBINHA, de MEIRE CAZUMBÁ e MARIE ANGE BORDAS

HISTÓRIAS DA PRETA, de HELOISA PIRES LIMA

O HOMEM FRONDOSO, de CLAUDE BLUM

IFÁ, O ADIVINHO, de REGINALDO PRANDI

JOSÉ MOÇAMBIQUE E A CAPOEIRA, de JOAQUIM DE ALMEIDA

OXUMARÊ, O ARCO-ÍRIS, de REGINALDO PRANDI

PELAS CORES DA ÍNDIA, de LAURENCE QUENTIN

XANGÔ, O TROVÃO, de REGINALDO PRANDI

YNARI, de ONDJAKI

Cia. das Letras

AVÓDEZANOVE E O SEGREDO DO SOVIÉTICO, de ONDJAKI

CONTOS E LENDAS AFRO-BRASILEIROS — A CRIAÇÃO DO MUNDO, de REGINALDO PRANDI

CONTOS E LENDAS DA ÁFRICA, de YVES PINGUILLY

OGUM, O REI DE MUITAS FACES, de LIDIA CHAIB e ELIZABETH RODRIGUES

O PRÍNCIPE MEDROSO E OUTROS CONTOS AFRICANOS, de ANNA SOLER-PONT

Quadrinhos na Cia.

CLARA DOS ANJOS, de LIMA BARRETO

SUNDIATA — O LEÃO DO MALI, de WILL EISNER

Claro Enigma

DE OLHO EM ZUMBI DOS PALMARES, de FLÁVIO DOS SANTOS GOMES

Companhia das Letras

ÉBANO, de RYSZARD KAPUŚCÍŃSKI

FERAS NO JARDIM, de ALEXANDRA FULLER

O FIO DAS MISSANGAS, de MIA COUTO

A FLECHA DE DEUS, de CHINUA ACHEBE

JUBIABÁ, de JORGE AMADO

LUUANDA, de JOSÉ LUANDINO VIEIRA

O MUNDO SE DESPEDAÇA, de CHINUA ACHEBE

OS PASTORES DA NOITE, de JORGE AMADO

UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA, de MIA COUTO

TENDA DOS MILAGRES, de JORGE AMADO

A VARANDA DO FRANGIPANI, de MIA COUTO

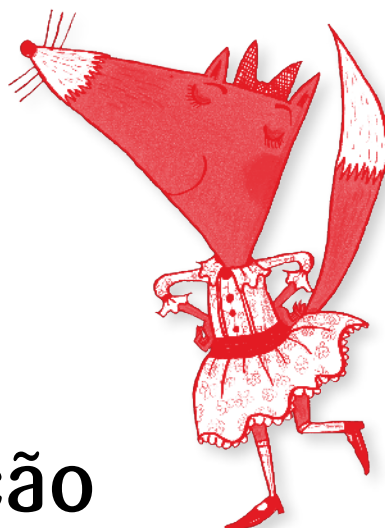
Companhia de Bolso

CAPITÃES DA AREIA, de JORGE AMADO

MAR MORTO, de JORGE AMADO

24

Imagens e apenas imagens na ampliação do universo literário



Na sala de aula, a leitura de livros de imagem permite que o sentido da narrativa seja construído pelos diferentes olhares dos diferentes leitores presentes.

Histórias podem ser compartilhadas de muitas e muitas maneiras. Podem ser ditas em voz alta, o que deu origem aos tantos contos da tradição oral, modalidade que ainda encanta ouvintes de diferentes idades; podem ser encenadas num palco ou virar filme; e também podem ser escritas. Quando narradas em linguagem escrita, podem ou não ser acompanhadas de imagens, e as ilustrações podem ter papéis bem distintos: reapresentar o que está dito no texto escrito, complementá-lo, ou mesmo sugerir outras histórias às quais o escrito não se refere. E o que é muito interessante é que as histórias podem, ainda, ser compartilhadas somente com imagens.

Os povos pré-históricos assim o fizeram: deixaram desenhos gravados em rochas, nas quais narravam seu dia a dia, as aventuras que viveram e os mitos que criaram para lidar com o universo à sua volta. Tais imagens são hoje importante fonte de informações para os historiadores. A ausência de um sistema de escrita não impediu que esses povos criassem narrativas, contassem suas histórias.

É também por meio das imagens que muitos pequenos leitores iniciam uma interação mais autônoma com os livros e a literatura. Rotineiramente, na escola e fora dela, eles escolhem um livro por conta das imagens ou apoiam-se nas imagens de um título para recuperar a história que ouviram ou mesmo para criar uma nova. Em outras palavras, a falta de domínio do sistema de escrita não os impede de narrar histórias, pois a leitura de imagens é algo que fazem desde muito cedo.

Jovens e adultos são também exploradores da riqueza das imagens; muitos, por exemplo, levam em conta sua presença e qualidade na capa ou no interior de uma obra como um

dos critérios para selecionar um título. Além disso, leitores de diferentes idades podem se deliciar com a beleza das ilustrações, procurando compreender suas relações com o texto escrito, as intenções de seus criadores, as ideias que desejam comunicar, as opções por traços, formas, técnicas e cores.

Para narrar apenas com imagens, autores e ilustradores se “associam”, ou ilustradores tomam para si o papel de autores e se tornam “ilustradores”, capazes de criar belas histórias por meio de formas diversas de representação gráfica. Jogam com a linguagem visual, constroem com imagens e favorecem a atribuição de sentido pelo olhar, marcando que é possível “dizer” por meio de linhas, formas, cores, figuras, enriquecendo o poder de apreciação, ampliando o universo literário e encantando crianças, jovens e adultos.

Na sala de aula, a leitura desse tipo de livro permite que o sentido da narrativa seja construído pelos diferentes olhares dos diferentes leitores presentes no grupo: falar sobre o que veem, sobre as ideias que a imagem lhes suscita, avançar rapidamente ao longo das páginas para “ver” o final, debruçar-se por mais tempo em uma das páginas, imaginando, deleitando-se... Nessa leitura, os alunos podem partilhar oralmente o que estão vendo, compreendendo e apreciando ou tão somente contemplar as imagens, numa atribuição de sentido mais íntima, mais pessoal.

Ao professor não cabe apresentar a obra acompanhando-a de sua própria leitura, pois esta é apenas uma entre as várias leituras possíveis no grupo de leitores da classe, ele é mais um a partilhar o que vê, o que sente e as ideias que lhe ocorrem. Seu papel mais importante, entretanto, está na mediação que fará entre as crianças e as imagens que compõem o livro; por isso, deve planejar como o apresentará, que perguntas fará para favorecer a troca de impressões, como instigará outras possibilidades de olhar, permitindo que os alunos possam avançar na construção do sentido da narrativa.

Em classes de educação infantil, uma intervenção interessante é apresentar a obra preparando as crianças para uma história sem texto. Falar um pouco sobre seu autor, fazer perguntas para que infiram, com base no título, o possível enredo. Da mesma maneira, pode-se mostrar uma ilustração para que as crianças comentem o que estão vendo e o que imaginam que a história vai contar.

No caso do título *Telefone sem fio*, por exemplo, desconhecer a brincadeira popular não é empecilho para que as crianças encontrem ali uma história encantadora. Afinal, que “segredo” um personagem pode estar cochichando para o outro? Uma possibilidade de introdução da obra está em apresentar o livro mostrando as páginas em que um lobo vestido de vovó e a Chapeuzinho encontram-se lado a lado, trocando um cochicho. O que o lobo estaria dizendo no ouvido da menina? Será que compartilham um segredo? Teriam se tornado amigos? Estariam brincando? E que brincadeira seria essa de cochichar? E para as crianças que já brincaram de telefone sem fio, que palavra elas pensam que foi escolhida? Como será que Chapeuzinho a ouviu do lobo? Nessa obra, a eleição de personagens de fácil identificação, algumas das quais do universo dos contos de fada, e ainda de uma brincadeira muito conhecida amplia as possibilidades de interação dos pequenos, que podem tecer as mais diferentes e divertidas fantasias.

Em *É o bicho!*, as formas geométricas coloridas e alegres vão desviando a atenção dos

leitores da imagem inicial para o que virá em seguida. Aqui, a opção do professor pode ser apresentar a obra integralmente, sem interrupções preestabelecidas para conversas, e depois retomá-la incentivando as crianças a pensar sobre as transformações ocorridas. Outra opção, ao contrário, pode ser a de seguir a obra instigando as crianças a pensar sobre as imagens, a antecipar as possíveis transformações.

E não apenas para os pequenos as imagens podem ser instigantes e sedutoras. Nos **primeiros anos do ensino fundamental (1º e 2º anos)**, títulos só com imagens também podem ser lidos e discutidos. Gelo nos trópicos, por exemplo, apresenta uma linda história sobre a amizade e sobre a diferença, que se inicia quando um animal “desconhecido” pelos bichos habitantes de uma região tropical chega pelo mar. O que estará fazendo ali? Como será recebido e como enfrentará o desafio de fazer amigos e de estar num ambiente tão distinto do seu?

Além dessa opção, os títulos sugeridos para leitura na **educação infantil** podem ser apreciados com as crianças dos anos finais desse segmento (**3º, 4º e 5º anos**), porém com outro propósito: produzir recomendações de leitura para os colegas menores. Nesse caso, uma possibilidade é sugerir às crianças que leiam e construam significados para a história e, depois, analisem a obra de modo que decidam o que priorizar na indicação do título, sem esquecer de considerar os leitores mais novos.

TÍTULOS SUGERIDOS

Companhia das Letrinhas

CANDINHO, de SÁVIA DUMONT

DE PASSAGEM, de MARCELO CIPIS

É O BICHO!, de JEAN-CLAUDE ALPHEN

GELO NOS TRÓPICOS, de CÁRCAMO

MOVE TUDO, de MARCELO CIPIS

O NOSSO QUERIDO AMIGO KUKI, de MARCELO CIPIS

PICASSO E SEUS MESTRES, de MILA BOUTAN

TELEFONE SEM FIO, de ILAN BRENNAN e RENATO MORICONI

Cia. das Letras

POR TRÁS DAQUELA FOTO, de vários autores

Claro Enigma

DE OLHO EM D. PEDRO II E SEU REINO TROPICAL, de LILIA MORITZ SCHWARCZ

DE OLHO EM EUCLIDES DA CUNHA, de LÚCIA GARCIA

DE OLHO EM LAMPIÃO, de ISABEL LUSTOSA

DE OLHO EM MÁRIO DE ANDRADE, de ANDRÉ BOTELHO

DE OLHO EM ZUMBI DOS PALMARES, de FLÁVIO DOS SANTOS GOMES

Companhia das Letras

1922, de MARCOS AUGUSTO GONÇALVES

8X FOTOGRAFIA, de vários autores

LENDO IMAGENS, de ALBERTO MANGUEL

25

Sustos e arrepios como fonte de prazer na leitura literária



A maior parte dos medos que sofremos, crianças e adultos, foi fabricada para nos roubar a curiosidade e para matar a vontade de querermos saber o que existe para além do horizonte.

MIA COUTO

Que tal uma história para sentir um pouquinho de medo?! Um calafrio rápido percorrendo o corpo, um friozinho na barriga, um susto imenso, o coração acelerando, os olhos bem abertos, quase sem piscar, a respiração em ritmo ofegante... e toda a atenção do mundo voltada para um livro com uma história de arrepiar!

Narrativas para causar medo fazem parte do universo da literatura. Nas diferentes culturas, em mitos, lendas, contos populares, contos fantásticos, histórias de detetives e muitos outros textos, personagens como bruxas, vampiros, fantasmas, mulas sem cabeça e as mais diversas assombrações povoam o imaginário de crianças, jovens e — por que não? — também de adultos. Afinal, quem nunca se assustou com um barulhinho qualquer, como uma porta rangendo ou batendo, ou temeu enfrentar o quarto escuro depois de uma história de assustar? Quem nunca se sentiu assim, vale mesmo experimentar e conhecer algumas dessas instigantes narrativas.

Lidar desde cedo com o mágico, o misterioso, o assustador é algo que pode ser bastante saudável, e a literatura também cumpre seu papel nesse sentido. Sentir medo e aprender a enfrentá-lo faz parte do percurso humano, inclusive no período da infância. Muitas vezes podemos até ficar preocupados com a abordagem de temas espinhosos nos livros destinados às crianças, e tendemos também a evitar que elas enfrentem sentimentos fortes e situações desafiadoras na leitura de histórias. Felizmente, podemos dizer que, em geral, as crianças

não reagem a esses sentimentos da mesma maneira, e, no mais das vezes, sentem-se mesmo atraídas a senti-los.

Bruxas, lobos e monstros podem ser tão interessantes quanto as cenas em que são mortos, com requintes de crueldade, para nunca mais voltar (ou melhor, até a próxima leitura). O ponto entre o quanto de medo e violência as crianças suportam enfrentar é bastante sutil, mas a ficção contribui para esse enfrentamento quando elas encontram uma história que as desafia ou atrai: falar sobre o que as assusta nessas histórias, identificar-se com personagens e com algumas de suas características, por exemplo, são formas de lidar com o medo e também de se fortalecer diante dele.

Nas classes de **educação infantil**, além, é claro, de bruxas, magos, duendes, ogros e lobos famintos que apavoram meninas e princesas em contos de fadas, outras histórias que causam uma pontinha de medo, que ajudam a enfrentá-lo, ou que apresentam cenas divertidas e hilárias mas com personagens assombrosos, são certamente bem-vindas. Assim, por que não apresentar às crianças a casa do conde Drácula, o temido vampiro, e ainda festejar seu aniversário? Com ilustrações grandes e coloridas e uma narrativa poética, o livro pop-up *Drácula — Um livro abra a aba de arrepiar* nos brinda com essa oportunidade. A leitura pode ser feita repetidas vezes pelo professor, em diferentes dias, a fim de atender a essa demanda de escuta frequente de uma mesma história, importante para as crianças nesse segmento da escolaridade. Isso permite que os pequenos memorizem trechos, algo que as rimas desse título favorecem, e possam realizar leituras autônomas, apoiando-se na memória e nas imagens.

E os fantasmas? Esses seres que habitam o escuro e querem nos assustar no meio da noite? E se invertermos os papéis e um menino pequeno pregar o maior susto em três fantasminhas também pequenos? E se forem eles, agora, a temer o escuro e a noite? Essa divertida aventura é contada em *Os três fantasminhas*. Introduzir a leitura dessa obra com uma rodada sobre quem tem medo de fantasma ou quem tem medo do escuro é uma boa opção. Permitir que as crianças contem alguns “causos”, explicitem seus receios e suas possíveis “experiências” favorecerá a escuta dessa engraçada história que, de certo modo, também ajuda a enfrentar “fantasmas”.

Outros títulos que cumprem lindamente o mesmo papel — medo, como enfrentá-lo? — são *O gato e o escuro* (“uma história contra o Medo”), de Mia Couto, e *A cicatriz*, de Ilan Brenman. Esses autores tratam de medos comuns na infância com extrema delicadeza e sensibilidade: no caso do primeiro o escuro e no segundo, um machucado.

Entre o **1º e o 5º ano do ensino fundamental**, a curiosidade das crianças pelo desconhecido e o fantástico se amplia, abrindo a possibilidade da entrada mais sistemática de histórias de mistério e assombração nas leituras realizadas. Ouvir a leitura pelo professor ou ler com autonomia contos, lendas e mitos de diferentes culturas permite o contato com diferentes mundos, com diferentes tentativas de explicar fenômenos naturais e sociais. Por que a chuva e o fogo são inimigos e podem causar assustadoras tragédias? *O príncipe medroso e outros contos africanos* traz a resposta, contada em Gana e em outros países africanos.

Histórias que mesclam realidade e fantasia são outras boas alternativas para a leitura feita pelo professor ou mesmo pelos próprios alunos, especialmente nas classes de **1º, 2º e 3º anos**, como em *Juca e os anões amarelos*, de Jostein Gaarder. Ficar sozinho em casa também causa

medo em muitas crianças, ainda mais quando o apartamento, as ruas, a cidade parecem estar vazios; ninguém está por perto, apenas estranhos homenzinhos amarelos. Ao longo da narrativa, os leitores acompanham Juca em sua tentativa de descobrir quem são e o que querem esses personagens. Para estimular os alunos a antecipar os próximos episódios e o final da história, o professor pode propor conversas sobre o que eles pensam dessa mistura de fantástico e real: será mesmo verdade o que Juca está vivendo? Pode ser um sonho? Por quê?

No **4º e no 5º ano**, contos populares — sobre a morte, por exemplo — tendem a fazer sucesso, assim como histórias de assombração e de detetive. As crianças podem se divertir ouvindo os volumes *Contos de morte morrida* ou *Castelos e fantasmas*, da coleção Narrativas do Folclore, de Ernani Ssó. Organizar, em classe, sessões de leitura em voz alta de algumas dessas histórias ou preparar pequenos grupos de alunos para que as recontem são interessantes formas de trabalhar com os livros e ainda propiciar a discussão de recursos usados por quem narra oralmente ou lê histórias para um público.

Há ainda as histórias que requerem mediação mais sistemática, considerando a importância de as crianças ampliarem significativamente suas possibilidades de compreender e atribuir significado aos textos de literatura. Desse modo o professor pode planejar discussões para que os alunos se debrucem sobre aspectos específicos e analisem, por exemplo, o papel de personagens centrais e do narrador, o tempo do relato e da história ou mesmo as características do relato.

E não são apenas os seres fantásticos ou míticos e suas peripécias assustadoras os causadores de medo na literatura. Há medos mais cotidianos, como o de crescer, o de se machucar, o de não ser querido, o de passar fome e frio, o de enfrentar um naufrágio ou um terremoto, medo de outros povos, de mundos desconhecidos. Esses e outros medos também aparecem como temas em obras literárias, algumas delas, inclusive, pautadas em fatos verídicos — como *A vingança da baleia*, de Nathaniel Philbrick — ou organizadas a partir de episódios tristes e por vezes até misteriosos, mas que ocorrem diariamente em diferentes países, como o desaparecimento de crianças e adolescentes — assunto abordado em *O dia em que Luca não voltou*, de Luís Dill. À medida que os leitores crescem, os medos vão se modificando, mas nunca deixam de existir. O tema é pertinente a todas as idades, embora se configure de formas distintas ao longo da escolaridade. Nos **anos finais do ensino fundamental**, especialmente no **8º e no 9º ano**, os alunos já se sentem distantes da infância, mas ainda não se reconhecem plenamente no mundo dos adultos. Em função disso, essa fase é marcada pela curiosidade, mas também pela insegurança e pelo medo. Sendo assim, um caminho promissor para manter e estreitar os vínculos do leitor com a literatura consiste na seleção de títulos que trazem personagens jovens enfrentando os desafios da entrada no mundo adulto. Reconhecendo as dificuldades vividas pelas personagens, entrando em contato com seus medos e suas angústias e refletindo sobre a forma como cada personagem reage diante das situações difíceis, os leitores percebem que a literatura humaniza profundamente, porque revela muito sobre a complexidade do ser humano.

Por tudo isso, uma proposta muito eficiente para os leitores adolescentes consiste na seleção de títulos que trazem jovens enfrentando situações que causam medo. O professor pode selecionar um pequeno corpus, fazer uma apresentação de cada livro e combinar a

leitura de no mínimo um ou dois títulos. Em seguida, pode organizar rodas de conversas, em que os alunos compartilham a experiência leitora com os colegas. Uma boa indicação para essa situação é *Filha de feiticeira*, de Celia Rees. No início da narrativa, a jovem Mary, que não conhece os pais, acaba de perder a avó, a qual foi condenada à forca, sob acusação de feitiçaria. Para evitar o mesmo destino, a jovem viaja para a América, com a esperança de encontrar uma sociedade mais tolerante. No entanto, Mary percebe que, para sua segurança, precisa manter ocultos seu passado, suas origens, seus dons. A nova vida lhe impõe desafios intensos, com os quais ela lida de forma sensata e equilibrada.

A protagonista de *Antes da liberdade*, de Julia Alvarez, é menos madura que Mary. No entanto, amadurece bastante em função da experiência de, aos doze anos de idade, passar a viver sob um governo ditatorial, o que lhe conduz à situação de ver o medo estampado no rosto dos familiares todos os dias e de viver situações de tensão e perigo devido ao envolvimento de sua família em questões políticas.

Vozes roubadas — Diários de guerra reúne catorze diários, todos escritos por crianças que viveram os horrores da guerra ou de conflitos geopolíticos, desde a Primeira Guerra Mundial, em 1914, até a Guerra do Iraque, em 2003. As vozes das crianças e jovens revelam uma diversidade de pontos de vista a respeito do medo, do desespero, do desejo de proteção e da vontade de mudar o mundo e de torná-lo um lugar melhor.

Retalhos, de Craig Thompson, traz o espírito dos romances de formação para os quadrinhos. Ao longo da leitura, acompanhamos o crescimento e o amadurecimento de Thompson no Meio-Oeste americano. O ambiente que o cerca lhe é hostil por diversos motivos, o que lhe exige muita coragem para questionar e para encontrar seus próprios caminhos. O resultado é um comovente relato autobiográfico, que se concretiza por meio de dois códigos: a linguagem verbal e as imagens, as quais agregam muita informação ao texto, uma vez que possibilitam a observação da interpretação visual do autor para o medo do escuro, da figura opressora do pai, das situações de conflito que vivia na escola, entre outros momentos difíceis, mas também colaboram com a leitura dos momentos que narram emoções, conquistas e a descoberta da paixão.



TÍTULOS SUGERIDOS

Companhia das Letrinhas

CASTELOS E FANTASMAS, de ERNANI SsÓ

A CICATRIZ, de ILAN BRENNAN

CONTOS DE MORTE MORRIDA, de ERNANI SsÓ

DRÁCULA — UM LIVRO ABRA A ABA DE ARREPIAR,
de KEITH FAULKNER

O GATO E O ESCURO, de MIA COUTO

JUCA E OS ANÕES AMARELOS, de JOSTEIN GAARDER

O LIVRO DOS MEDOS, de vários autores

O LIVRO DOS MONSTROS!, de FRAN PARNELL

O MENINO QUE GRITAVA OLHA O LOBO,
de TONY ROSS

MEU FILHO PATO, de vários autores

PEQUENOS CONTOS PARA SENTIR MEDO,
de CHRISTINE PALLUY

OS TRÊS FANTASMINHAS, de PIPPA GOODHART

Cia. das Letras

ANTES DA LIBERDADE, de JULIA ALVAREZ

O CADERNO DE LILIANA, de LIVIA GARCIA-ROZA

COLEÇÃO 10+, de vários autores

COLEÇÃO HISTÓRIAS SOMBRIAS DA MITOLOGIA
GREGA, de vários autores

DE REPENTE NAS PROFUNDEZAS DO BOSQUE,
de Amós Oz

O DIA EM QUE LUCA NÃO VOLTOU, de Luís DILL

FILHA DE FEITICEIRA, de CELIA REES

OS GÊMEOS, de PAULINE ALPHEN

HISTÓRIAS DE FANTASMAS, de MICHAEL COX

HISTÓRIAS DE MISTÉRIO, de LYGIA FAGUNDES TELLES

O LIVRO SELVAGEM, de JUAN VILLORO

A MALDIÇÃO DA PEDRA, de CORNELIA FUNKE

O MANUAL DA BRUXA PARA COZINHAR CRIANÇAS,
de KEITH MCGOWAN

O MEDO E O MAR, de MARIA CAMARGO

NOAH FOGE DE CASA, de JOHN BOYNE

O PRÍNCIPE MEDROSO E OUTROS CONTOS
AFRICANOS, de ANNA SOLER-PONT

O SEGREDO, de LYGIA FAGUNDES TELLES

SOMBRAS NO ASFALTO, de LUÍS DILL

A VINGANÇA DA BALEIA, de NATHANIEL PHILBRICK

VOZES ROUBADAS — DIÁRIOS DE GUERRA,
de vários autores

Quadrinhos na Cia.

NA COLÔNIA PENAL, de FRANZ KAFKA

RETALHOS, de CRAIG THOMPSON

Companhia das Letras

O SILÊNCIO DA CHUVA, de LUIZ ALFREDO GARCIA-ROZA

Penguin-Companhia

A OUTRA VOLTA DO PARAFUSO, de HENRY JAMES

26

Ouvir os mitos e aprender com eles



Os mitos, ao falarem de si próprios, falam muito de nós mesmos, pois são textos imersos em uma cultura muitas vezes distante no tempo, que sobreviveram e foram transmitidos ao longo das gerações.

Em seu livro *O Universo, os deuses, os homens*, Jean-Pierre Vernant afirma que os mitos não resultam de uma invenção individual, fantasiosa ou criadora, mas da transmissão e da memória de uma sociedade. E, para que sobrevivam, é necessário que atravessem as gerações, que sejam contados, comentados, apreciados na vida cotidiana; caso contrário, podem ser esquecidos no fundo das prateleiras de alguma biblioteca, imobilizados em forma de texto. Nesse sentido, a escola desempenha um importante papel para que os mitos permaneçam vivos em nossa cultura.

Mergulhar nos enredos cheios de aventuras, heróis, deuses, criaturas diversas e seus dilemas oferecidos pelos mitos de diferentes culturas é uma experiência prazerosa e essencial tanto para a formação da personalidade dos alunos, como para seu desenvolvimento como leitores de literatura. Lendo mitos e conhecendo seus itinerários, as crianças constroem conhecimentos sobre o imaginário e os preceitos morais de outros povos e civilizações, enriquecendo assim sua experiência e, conseqüentemente, descobrindo maneiras diversas de enfrentar e explicar a realidade.

Como nos lembra Lília Moritz Schwarcz em seu texto de apresentação do livro *Divinas aventuras*, sabemos que os mitos, de todas as tradições, são bons para pensar, iluminam nossa história pessoal e coletiva, nossos medos e desejos, conversam conosco por meio de imagens e alegorias. Isso acontece porque, na literatura, os mitos, ao falarem de si próprios, falam muito de nós mesmos, pois são textos que sobreviveram e perpassaram diversas gerações.

No início esses relatos eram transmitidos oralmente. No caso dos antigos textos gregos, foram apresentados, ao longo dos séculos, na forma de diversos gêneros: epopeia, poesia, tragédia, e mesmo por meio de textos filosóficos. Hoje contamos com diversas versões de um mesmo mito, assim como com versões adaptadas para o contexto de nossas crianças, com uma

linguagem rica e ao mesmo tempo acessível. Isso permite ao professor, levando em consideração as características de sua classe, escolher que versão ou releitura levará para a sala de aula. Com sua ajuda, os alunos poderão conhecer uma boa quantidade desses relatos e, ao longo dessa trajetória, aprender a identificar enredos, personagens e outros elementos dos mitos nas suas diferentes versões e transgressões, reconhecendo assim o fenômeno da intertextualidade; experiência que aumentará o prazer da leitura e favorecerá a formação do leitor literário.

Nos **cinco primeiros anos do ensino fundamental**, o professor pode começar a apresentar esse universo para seus alunos por meio de alguns títulos da coleção Contos e Lendas, como *Os doze trabalhos de Hércules* e *Contos e lendas da mitologia grega*. Em cada um desses volumes há uma seleção de mitos por meio dos quais os alunos vão conhecer a versão clássica do surgimento do mundo, do triunfo de Zeus sobre os demais deuses, da divisão dos domínios entre as divindades, da criação da humanidade; e, ao mesmo tempo, entrarão em contato com a variedade de deuses, heróis e tramas que se cruzam ao longo das histórias.

No **1º e no 2º ano**, o professor pode optar por ler em voz alta um dos volumes da coleção, e **a partir do 3º ano** pode alternar: ora lê para a classe, ora pede que os alunos leiam com autonomia um ou outro mito.

Para ler a clássica e famosa aventura do retorno de Odisseu a Ítaca, o professor pode escolher a *Odisseia* apresentada na versão de Adrian Mitchell. Essa é uma obra interessante para servir como um primeiro contato com esse relato, pois, além de contar os desafios ultrapassados pelo herói, ajuda o leitor a adentrar o mundo grego por meio de pequenos textos informativos sobre outras histórias da mitologia que ajudam a compreender a *Odisseia* e também sobre a cultura da época. Com essas leituras, os alunos vão se encantar ao desvendar as histórias por trás da narrativa principal e, ao mesmo tempo, alimentar a curiosidade sobre essa civilização suscitada pela obra.

Quando o professor observar que seu grupo de alunos já desenvolveu experiência leitora em textos sobre mitologia, poderá ampliar a oferta de relatos com *O menino que caiu do céu — 50 mitos gregos*, livro que reúne os famosos mitos de Teseu e o Minotauro, Dédalo e Ícaro, Perseu e Medusa, Hércules, além de aventuras de personagens menos conhecidos como Danae, Europa, Selene e Endimião, Sísifo.

Ao lado desses títulos, há outros de autores que inovaram ao criar textos que transgridem os mitos gregos originais, recontando-os do ponto de vista de um personagem conhecido dessas histórias, ou transportando crianças de nosso tempo para viverem aventuras com deuses, monstros e heróis conhecidos por todos.

Em *Divinas Aventuras — Histórias da mitologia grega* e *Divinas desventuras — Outras histórias da mitologia grega*, Heloisa Prieto reconta os mitos utilizando o narrador em primeira pessoa. No primeiro livro, os narradores das aventuras são os próprios deuses — Atena, Hermes, Ártemis, Posêidon, Gaia, Zeus, Apolo, Cronos —, que se apresentam e em seguida contam um episódio presenciado ou em que estiveram diretamente envolvidos. No segundo, desventuras vividas pelos deuses — como a origem do Minotauro, o amor de Teseu e Ariadne, a história de Sísifo — são recontadas por Cronos, o deus do tempo, que também tece comentários sobre as histórias que narra.

Já Jon Scieszka e Francesca Simon transgridem os relatos da mitologia grega ao envolver

protagonistas do mundo contemporâneo em aventuras com deuses e heróis gregos. Em *Força, Hércules!*, Simon conta de maneira original as aventuras de Susan, uma menina que está cheia das regras de sua família e que encontra uma moeda mágica que a transporta para junto de Hércules, Orfeu e Páris. Scieszka, em *Isso pra mim é grego!*, conta as encrencas em que se metem Joe, Sam e Fred, típicos garotos americanos, que viajam no tempo e são acusados por Zeus de roubar seus raios.

A leitura dessas obras é interessante porque, lendo mitos tão conhecidos contados a partir de outro ponto de vista, os alunos poderão conversar sobre o que foi inventado e se divertir com as soluções propostas. No entanto, para uma leitura adequada dessas transgressões é importante que eles conheçam os mitos originais; só assim poderão compreender e apreciar as novas versões.

Na **segunda etapa do ensino fundamental**, entre o **6º e o 9º ano**, o repertório de mitos pode ser ampliado por meio da leitura de títulos da coleção Histórias Sombrias da Mitologia Grega. Nos quatro volumes publicados — *Os combates de Aquiles*, *Orfeu, o encantador*, *Medeia, a feiticeira* e *Antígona, a rebelde* —, os mitos são contados de forma ágil e envolvente, sem simplificações. Ao contrário, a complexidade dos perfis das personagens e das situações que elas vivenciam são comunicadas e valorizadas, o que possibilita boas discussões, debates e reflexões sobre os limites entre a vontade dos homens e a vontade dos deuses, sobre os valores que entram em jogo nos momentos de tomada de decisão, sobre os vícios, as virtudes, as fraquezas e a tremenda força desses seres mitológicos.

É importante ter em conta que a riqueza do universo mítico não se restringe à cultura grega. É certo que um rico repertório de mitos gregos é fundamental para a formação do leitor literário, mas é também imprescindível observar os diálogos entre mitos de outras origens. Nesse sentido, um trabalho muito interessante para os alunos de **6º a 9º ano** consiste na leitura de *Contos e lendas afro-brasileiros — A criação do mundo*, de Reginaldo Prandi, e na comparação das semelhanças e diferenças entre os mitos gregos e os africanos. O jovem leitor pode desfrutar da experiência de descobrir as relações entre Zeus e Xangô, Afrodite e Oxum, Ifá e Apolo, entre outras. No final do segmento (**8º ou 9º ano**), podem ser propostas, inclusive, leituras de mais fôlego, como *O Universo, os deuses, os homens*, de Jean-Pierre Vernant, ou até de *Mitologia dos orixás*, também de autoria de Reginaldo Prandi. Esses são títulos mais desafiadores, que podem estar à disposição dos alunos para consultas, pesquisas e aprofundamentos, e podem, inclusive, ser indicados para leitura, desde que haja mediação do professor.



TÍTULOS SUGERIDOS

Companhia das Letrinhas

BICHO DE SETE CABEÇAS E OUTROS SERES

FANTÁSTICOS, de EUCANAÃ FERRAZ

DIVINAS AVENTURAS, de HELOISA PRIETO

DIVINAS DESVENTURAS, de HELOISA PRIETO

GRÉCIA ANTIGA, de STEWART ROSS

IFÁ, O ADIVINHO, de REGINALDO PRANDI

ODISSEIA, adaptação de ADRIAN MITCHELL

OXUMARÊ, O ARCO-ÍRIS, de REGINALDO PRANDI

XANGÔ, O TROVÃO, de REGINALDO PRANDI

Cia. das Letras

COLEÇÃO HISTÓRIAS SOMBRIAS DA MITOLOGIA GREGA, de vários autores

CONTOS E LENDAS AFRO-BRASILEIROS —

A CRIAÇÃO DO MUNDO, de REGINALDO PRANDI

CONTOS E LENDAS DA MITOLOGIA GREGA, de CLAUDE POUZADOUX

CONTOS E LENDAS DOS HERÓIS DA GRÉCIA ANTIGA, de CHRISTIAN GRENIER

CONTOS E LENDAS — OS DOZE TRABALHOS DE HÉRCULES, de CHRISTIAN GRENIER

FORÇA, HÉRCULES!, de FRANCESCA SIMON

ISSO PRA MIM É GREGO!, de JON SCIESZKA

O MENINO QUE CAIU DO CÉU, de LUCY COATS

METAMORFOSES, de vários autores

Claro Enigma

A ODISSEIA DE HOMERO ADAPTADA PARA JOVENS, de FREDERICO LOURENÇO

Companhia das Letras

MITOLOGIA DOS ORIXÁS, de REGINALDO PRANDI

O UNIVERSO, OS DEUSES, OS HOMENS, de JEAN-PIERRE VERNANT

Companhia de Bolso

O CENTAURO NO JARDIM, de MOACYR SCLiar

Penguin-Companhia

ODISSEIA, de HOMERO

27

Quadrinhos para todas as idades



Integrar os recursos presentes nas histórias em quadrinhos exige muito do leitor e colabora para que ele avance em suas possibilidades de ler o não verbal.

As histórias em quadrinhos integram as lembranças mais remotas da experiência leitora de muitos de nós. A escolha de um gibi na banca era um momento sublime. E era igualmente fascinante o momento da leitura: as histórias divertidas, a familiaridade com as personagens, a possibilidade de antecipar seus comportamentos, dado o profundo conhecimento de seu perfil; enfim, todo o universo da leitura se apresentava ali, de forma atraente e estimulante. Às vezes, as histórias eram contadas só pelas imagens. Outras, havia imagens e texto verbal. Por gerações foi assim — e, felizmente, ainda é: os queridos gibis seguem encantando as crianças e povoando sua imaginação com personagens e situações inesquecíveis.

Por isso, apesar de haver quadrinhos voltados para o público adulto há bastante tempo, é muito natural que predomine a concepção de que fazem parte do rol de materiais de leitura destinados às crianças, ou a leitores pouco experientes; material aceitável em situações escolares nos processos iniciais de alfabetização, mas distante das classes de jovens já alfabetizados. No entanto, a oferta atual desse tipo de publicação vem confirmar que, contrariando o senso comum, há romances gráficos para todos os públicos, para todas as idades, e também para todos os leitores; publicações que podem não só continuar acompanhando os leitores à medida que crescem, como também desempenhar um papel singular na construção de aprendizagens literárias importantes, que são colocadas em jogo quando se lê qualquer tipo de texto.

A leitura de histórias em quadrinhos implica a observação do que dizem as palavras e do que dizem as imagens. No trânsito entre esses dois códigos, muitos fatores são considerados: texto, imagem, formato dos quadrinhos, cores, tipografia, distribuição dos elementos na página etc. Integrar tantos recursos exige muito do leitor e colabora para que ele avance em suas possibilidades de ler o não verbal, o que é muito positivo; afinal, nossa relação com

o mundo passa pela imagem. Quanto mais competentes nos tornarmos na leitura dos aspectos visuais, melhor será nossa leitura do mundo. O trabalho com quadrinhos na sala de aula pode contribuir muito nesse sentido. Quanto maior nosso universo imagético, mais amplas serão as nossas possibilidades de imaginar — as palavras “imagem” e “imaginação” têm a mesma origem e, na leitura literária, reafirma-se o parentesco entre elas.

Do **6º ao 9º ano do ensino fundamental**, o universo de conteúdos que podem ser mobilizados na leitura desse tipo de texto é amplo, de modo que é possível criar sequências e projetos muito ricos, desde que cumpridas duas condições essenciais: a seleção de títulos adequados aos propósitos educativos e a organização de situações didáticas que favoreçam a exploração do diálogo entre o código verbal e o não verbal. Vamos aqui nos ater a duas possibilidades interessantes de trabalho com os romances gráficos: 1. as aprendizagens literárias que ficam favorecidas nesse tipo de texto e que são essenciais para a formação do leitor literário; 2. as possibilidades de conexão dos quadrinhos com as aprendizagens de história.

Com relação ao primeiro tema, um caminho promissor consiste na exploração do fato de que algumas narrativas mais complexas trazem rupturas temporais. Em determinados momentos, o narrador volta ao passado para narrar um fato, depois se desloca de novo para o presente, mais tarde projeta o futuro, em seguida volta outra vez ao passado... A complexidade na construção do tempo da narrativa acontece, muitas vezes, pelo teor das situações narradas: para que um conflito familiar seja explicado, pode ser necessário voltar no tempo e explicar como a desavença começou; para que o comportamento de uma personagem seja compreendido, pode ser preciso voltar no tempo, para narrar as experiências que contribuíram para que a personagem adquirisse determinado traço de personalidade. A interação com textos mais desafiadores implica aprender a transitar por essas idas e vindas no tempo.

Em *Frango com ameixas*, de Marjane Satrapi, a narrativa começa com a peregrinação de Nasser Ali Khan, na busca por um substituto para seu tar (instrumento iraniano de percussão), o qual foi destruído dias antes, numa briga conjugal — fato que o abalou profundamente. A perturbação de Ali se acentua quando ele interpela uma mulher na rua, pergunta se ela se lembra dele e ouve uma resposta negativa. Esse estado de coisas conduz o protagonista a uma profunda melancolia, e ele decide morrer. Na narração dos dias que antecedem a sua morte, momentos do passado são apresentados e trazem informações essenciais para a compreensão do sofrimento da personagem e da complexidade das relações que ela estabeleceu com diversas pessoas com quem conviveu. As rupturas temporais são marcadas pela cor de fundo dos quadrinhos: o fundo branco traz o presente da narrativa; o preto, os flashbacks. Esse recurso gráfico orienta o leitor e o ajuda a transitar com segurança pelos distintos tempos, criando boas condições para a reflexão sobre o sentido de haver essas rupturas e sobre o quanto elas colaboram para a observação da complexidade dos sentimentos e das relações humanas. Esses conhecimentos podem ser acessados, depois, em diversas situações de leitura de contos e romances.

Outra situação que fica muito favorecida pela leitura de quadrinhos na **segunda etapa do ensino fundamental (6º a 9º ano)** é o trabalho interdisciplinar, que pode ocorrer, entre outras possibilidades, por meio da articulação entre conteúdos de história e de literatura. O estudo de um fato histórico pode ser sempre muito enriquecido pela leitura literária, no

entanto, quando o mundo de ficção se apresenta tanto verbal quanto visualmente, ampliam-se bastante as oportunidades para que os conhecimentos sobre uma disciplina colaborem para a aprendizagem da outra. Isso porque entram em jogo três elementos centrais: o que o leitor sabe a respeito de um determinado período da história, a narrativa que se desenvolve verbalmente e a interpretação visual do artista, que tanto agrega informações sobre as características do espaço e da época, quanto colabora para imprimir um tom, criar uma atmosfera específica e destacar certos elementos.

Uma interessante possibilidade de trabalho interdisciplinar consiste na articulação entre o estudo da Segunda Guerra Mundial e a leitura de *Maus*, de Art Spiegelman, uma impactante narrativa sobre o Holocausto, em que é apresentada a trajetória do polonês Vladek, pai de Spiegelman, desde a juventude até a prisão em Auschwitz. As personagens são retratadas como animais (os judeus são ratos; os nazistas, gatos; os poloneses, porcos; e os americanos, cães). Essa escolha aponta, logo de início, a cadeia de perseguição que se instala e a interpretação do autor para a posição de cada um desses grupos no contexto retratado na obra. Esse recurso, associado aos traços do desenho e à ausência de cores, imprime à narrativa um tom sombrio, triste, coerente com os horrores aos quais as personagens são submetidas. É uma leitura que prende do começo ao fim, e traz muitos elementos que podem colaborar para que o leitor amplie seus conhecimentos sobre o Holocausto e sobre a literatura.

A busca, de Eric Heuvel, Ruud van der Rol e Lies Schippers, é um título que, ao lado de *Maus*, pode compor um percurso de leituras sobre o mesmo período histórico. Trata-se de um relato ficcional ambientado na Holanda, na década de 1930. A jovem Esther vê sua vida mudar de uma hora para outra e, sem entender por quê, tem de abandonar a casa onde vive, separar-se dos pais, esconder-se, fugir e enfrentar adversidades de toda sorte. Depois de adulta, junto com seu filho, seu neto e uma amiga de infância, também acompanhada do neto, ela decide investigar o passado e conhecer os pontos obscuros de sua vida. Por meio da observação atenta das imagens, o leitor pode visualizar a reviravolta na trajetória da jovem Esther e dos judeus que habitavam a Holanda na época: os guetos, as viagens em condições precárias, a vida nos campos de concentração, tudo apresentado numa progressão assustadora.

Nessa mesma linha de trabalho, podem ser organizadas situações em que a leitura de quadrinhos colabora com as aprendizagens da história e da língua portuguesa. Um título excelente para promover a relação entre essas disciplinas é *D. João Carioca*, de Spacca e Lilia Moritz Schwarcz. Nesse livro é apresentada a aventura do príncipe d. João VI, que deixa Portugal rumo ao Brasil, onde passa a viver, junto com a Corte, que o acompanha, e de onde governa o Império português. Os conflitos que conduziram à mudança para o Novo Mundo, os percalços da viagem, as dificuldades de adaptação dos monarcas à colônia, e vice-versa, e mesmo o processo de adaptação são narrados e ilustrados. Além do rigor no tratamento dos temas, observa-se o cuidado tanto com o texto, que reproduz o falar português (fala de d. João a d. Pedro: “Pedro, se o Brasil se separar antes seja para ti que me hás de respeitar do que para algum desses aventureiros”), quanto com as imagens, que, sendo fruto de extensa pesquisa, reproduzem paisagens de Portugal e do Brasil e informam sobre os hábitos, os costumes, os trajes e a diversidade de povos e culturas que aqui conviviam, à época da chegada da Corte. No final da obra, há, ainda, uma bibliografia sobre o tema, uma cronologia e uma

galeria de esboços que explicitam as etapas da produção das imagens. Trata-se, portanto, de um título que oferece muitos recursos para a ampliação de conhecimentos sobre o período regencial e sobre variações linguísticas.

Outro título que aborda o mesmo período, com a mesma riqueza de imagens, é *Debret em viagem histórica e quadrinhesca ao Brasil*, também de autoria de Spacca. Nesse livro é narrada, de forma ágil e bem-humorada, a chegada de Debret ao Brasil e sua atuação na documentação dos diversos grupos que compunham a sociedade carioca daquele período e na formação da primeira geração de artistas brasileiros voltados à produção artística oficial. As imagens colaboram muito para a construção de uma representação do Brasil e das pessoas que aqui viviam e estabelecem um diálogo interessante com as obras de Debret, reproduzidas no final do livro.

A vida de Debret, a chegada da Corte portuguesa ao Brasil, os horrores da guerra e a complexidade das narrativas são apenas alguns, entre os muitos temas que podem ser explorados por meio da leitura de quadrinhos. Vale a pena conhecer a vasta oferta de títulos e planejar situações didáticas que possam ser enriquecidas por instigantes diálogos entre recursos verbais e não verbais.

TÍTULOS SUGERIDOS

Companhia das Letrinhas

BETO E BIA EM DE MENTIRINHA, de GEOFFREY HAYES

ENQUANTO ISSO..., de JULES FEIFFER

NA CASA DO LEO — BICHOS ARREPIANTES,
de PHILIP ARDAGH

NA CASA DO LEO — O CORPO HUMANO,
de PHILIP ARDAGH

NA CASA DO LEO — OS DINOSSAUROS,
de PHILIP ARDAGH

NA CASA DO LEO — OS EGÍPCIOS, de PHILIP ARDAGH

QUEM LEVA A MELHOR, de TONI MORRISON

O RATINHO SE VESTE, de JEFF SMITH

Quadrinhos na Cia.

BORDADOS, de MARJANE SATRAPI

A BUSCA, de ERIC HEUVEL, RUUD VAN DER ROL e LIES
SCHIPPERS

O CHINÊS AMERICANO, de GENE LUEN YANG

CLARA DOS ANJOS, de LIMA BARRETO

COLEÇÃO AS AVENTURAS DE TINTIM

D. JOÃO CARIOCA, de SPACCA e LILIA MORITZ SCHWARCZ

DEBRET EM VIAGEM HISTÓRICA E QUADRINHESCA
AO BRASIL, de SPACCA

FRANGO COM AMEIXAS, de MARJANE SATRAPI

HABIBI, de CRAIG THOMPSON

JUBIABÁ, de JORGE AMADO

MAUS, de ART SPIEGELMAN

NOTAS SOBRE GAZA, de JOE SACCO

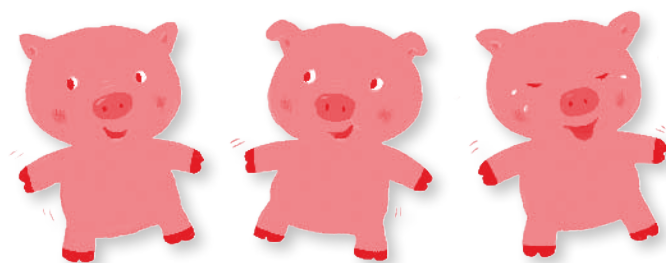
PERSÉPOLIS, de MARJANE SATRAPI

RETALHOS, de CRAIG THOMPSON

SANTÔ E OS PAIS DA AVIAÇÃO, de SPACCA

TRÊS SOMBRAS, de CYRIL PEDROSA

O ÚLTIMO CAVALEIRO ANDANTE, de WILL EISNER



28

Histórias e personagens de lá e de cá, de hoje e de sempre

Manter as novas gerações em contato com os textos tradicionais garante a transmissão dos enredos de diferentes culturas, que fazem parte do imaginário de tantos povos há séculos.

Abrir um livro de contos tradicionais é como abrir um baú de lembranças da infância, de relatos primordiais que fazemos questão de contar para nossas crianças desde bem pequenas, para que também possam iniciar sua viagem pela literatura.

A origem desses contos, como a de muitos outros textos literários, é oral e de uma época indefinida, quando homens e mulheres se reuniam ao redor de uma fogueira para escutar histórias que os transportavam para um lugar onde tudo podia acontecer. Há registros de que o faraó Quéops, construtor da grande pirâmide do Egito, adorava contos de fadas e que narrativas dessa época ainda hoje ressurgem em versões que conhecemos.

Manter as novas gerações em contato com esses textos contribui para perpetuar a tradição de contar histórias que encantam por seus personagens, aventuras e ambientes e garante a transmissão dos enredos de diferentes culturas, que fazem parte do imaginário de tantos povos há séculos.

O grande leque de temas, personagens, tramas, ambientes, objetos mágicos, seres fantásticos é característico desses contos. Neles encontramos príncipes, princesas, castelos, bruxas, animais falantes, animais encantados, magia, encantamentos, desejos, poderes sobrenaturais, sábios, transformações, capacidade de voar, visões, espertezas, palavras mágicas ou temas que ajudam o leitor a mergulhar no que há de mais complexo na humanidade.

Esse mergulho pode acontecer por meio da observação de personagens que representam um tipo humano, por exemplo, o sujeito astuto, que usa a esperteza para ir contra as injustiças cometidas pelos poderosos. Encontramos esse personagem em contos tradicionais da

Europa e do Oriente. Na literatura brasileira, quem representa muito bem esse perfil é Pedro Malasartes, o caipira que encontrou lugar em nossa cultura e faz parte de muitas histórias populares. No livro *Histórias à brasileira — Pedro Malasartes e outras*, as narrativas são recontadas de maneira primorosa por Ana Maria Machado, que resgatou da memória as histórias dessa personagem escutadas em sua infância e compartilhou conosco alguns contos, como “Pedro Malasartes e a sopa de pedra”.

Outro personagem famoso dos contos populares é Nasrudin. Ninguém sabe ao certo se existiu de verdade ou se foi inventado. De qualquer forma, é o herói popular mais famoso da Turquia e suas histórias aparecem em muitas partes do mundo: no Oriente Médio e no Oriente Próximo, no Mediterrâneo e na Ásia Central. Podemos nos deliciar com suas histórias na versão de Regina Machado, no livro *Nasrudin*. Conhecer essas personagens e saber de sua universalidade é essencial para a formação do leitor.

Na **educação infantil**, os contos tradicionais ocupam um lugar relevante, por serem as primeiras narrativas literárias com as quais as crianças têm contato frequente; é por intermédio de princesas, príncipes, bruxas e lobos, presentes nos mágicos contos de fadas, que as crianças mergulham na cultura letrada que as cerca. Porém, embora as histórias de fadas tenham, sim, um espaço privilegiado nas rodas de leitura desse segmento, também outras narrativas precisam fazer parte do universo dos pequenos leitores. Conhecer diferentes versões de uma história é uma possibilidade atraente. Depois de ouvir “João e Maria” e “Rapunzel”, poderão se divertir com “A velha da horta”, presente em *Fábulas italianas*, fábula que traz situações e personagens comuns às duas outras histórias. Assim será ainda com “As três casinhas”, do mesmo livro, onde se encontrarão novamente com o famoso lobo de “Os três porquinhos”.

Além de versões de histórias, conhecer contos folclóricos de diferentes culturas é parte integrante do trabalho com esse segmento. Contos de esperteza, contos de adivinhação, contos com animais, entre outros, oferecem possibilidades de contato com personagens, ambientes e aventuras diferentes, favorecendo um confronto entre essas narrativas e as histórias de fadas. Também nesses casos, vale encaminhar conversas sobre personagens e seus papéis em um conjunto de histórias (como o macaco e a onça, recorrentes em histórias com animais). Conversas que alguns títulos favorecem, como os títulos *Macacos me mordam!* e *Amigos da onça*, da coleção Narrativas do Folclore, de Ernani Ssó.

Outra oportunidade é brindar as crianças com versões de histórias muito populares no Brasil, mas contadas de outro modo: em versos e em português “de Portugal”, lugar de onde vieram várias delas. Assim, os títulos *Contos do arco da velha* e *Contos do arco da velha 2* podem ser apresentados nas classes de **educação infantil**. Afinal, quem não acharia divertido ouvir a famosa história da Dona Baratinha, mas em versos e com direito até a rimas?

Nem todas essas narrativas são destinadas apenas para divertir e pensar sobre literatura. Algumas são marcadas por pontinhas de ensinamentos relacionados à esperteza, como em *Pequenos contos para rir*, ou ao crescimento — tema de grande curiosidade para os pequenos —, como em *Pequenos contos para crescer*. As duas obras trazem histórias dos mais diversos lugares do mundo, orientais e ocidentais, que têm em comum a mesma capacidade de entreter e transmitir lições de sabedoria.

Nos **cinco primeiros anos do ensino fundamental** o professor pode começar com a lei-

tura de Volta ao mundo em 52 histórias, de Neil Philip, que oferece à criança, além de contos famosos como “Cinderela” ou “Rapunzel”, a possibilidade de ampliar seu repertório com a leitura de textos dos quatro cantos do mundo, de países como Costa Rica, Alemanha, Índia, Japão, Hungria, só para citar alguns. Durante a leitura, o professor pode encaminhar conversas, de forma a favorecer que seus alunos percebam os temas recorrentes dessas histórias, como, por exemplo, a esperteza e força de personagens que dão a impressão de serem fracos, ou os ambientes e objetos típicos de um grande número de contos.

Outras opções interessantes para a ampliação do repertório de histórias populares de diversas origens nesse segmento são: Encantamento — Contos de fada, fantasma e magia, de Kevin Crossley-Holland, que traz textos da Inglaterra, Irlanda, Escócia e País de Gales; A formiga Aurélia — E outros jeitos de ver o mundo, de Regina Machado, com histórias da tradição oral da cultura oriental; e Três príncipes, três presentes — Contos mágicos do folclore do mundo todo, de John Yeoman, que inclui contos do Tibete, China, Novo México, Noruega, Geórgia, Portugal, Romênia, Índia e Iraque.

Havendo o desejo de desenvolver um projeto interdisciplinar, que envolva o estudo de uma região, de sua história e de sua literatura popular, os títulos da coleção Contos e Lendas podem ser muito adequados. Seus treze volumes trazem histórias tradicionais procedentes de diversas regiões do mundo, como África — inclusive o Egito Antigo — e Europa medieval, além de narrativas populares clássicas, que compõem o legado cultural ao qual todos os leitores devem aceder, como Os doze trabalhos de Hércules e Contos e lendas das mil e uma noites.

Além desse olhar mais global para os contos populares no mundo, é importante que o professor não deixe de incluir no rol de leituras para os alunos do 3º, 4º e 5º anos narrativas populares brasileiras, como as presentes nos livros das já citadas coleções Histórias à Brasileira, de Ana Maria Machado, e Narrativas do Folclore, de Ernani Ssó.

No **fim do ensino fundamental**, um projeto que envolva a leitura de contos pode ser enriquecido por meio da inclusão de títulos em língua portuguesa de diversos países, como O conto da ilha desconhecida, do português José Saramago, O fio das missangas, do moçambicano Mia Couto, os livros De como o mulato Porciúncula descarregou seu defunto e O milagre dos pássaros, ambos de Jorge Amado. As narrativas se vinculam de muitas formas: pelas características do gênero, pela possibilidade que oferecem para a reflexão sobre os interessantes e pitorescos perfis das personagens, pela forma como convidam o leitor a participar ativamente na construção de significado para os textos, enfim, muitas são as relações que podem ser estabelecidas, muitos são os diálogos possíveis. Diálogos em português, língua materna desses três autores, que, embora tenham produzido em diferentes continentes, podem estar muito próximos de nossos alunos e podem ter muito a lhes dizer.



TÍTULOS SUGERIDOS

Companhia das Letrinhas

ANANSI, O VELHO SÁBIO, recontado por KALEKI
CINCO HISTÓRIAS DE CINCO CONTINENTES, de
vários autores

COLEÇÃO HISTÓRIAS À BRASILEIRA

COLEÇÃO NARRATIVAS DO FOLCLORE

CONTOS DO ARCO DA VELHA 1 E 2, de MARIA TERESA
DOS SANTOS SILVA

DE TODOS OS CANTOS DO MUNDO, de HELOISA
PRIETO e MAGDA PUCCI

ENCANTAMENTO, de KEVIN CROSSLEY-HOLLAND

A FORMIGA AURÉLIA, de REGINA MACHADO

O JOGO DA PARLENDIA, de HELOISA PRIETO

LÁ VEM HISTÓRIA, de HELOISA PRIETO

LÁ VEM HISTÓRIA OUTRA VEZ, de HELOISA PRIETO

O LIVRO DOS MONSTROS!, de FRAN PARNELL

MATA, de HELOISA PRIETO

OS MENINOS QUE VIRARAM ESTRELAS, de SÁVIA
DUMONT

O NASCIMENTO DO DRAGÃO, de MARIE SELLIER

NASRUDIN, de REGINA MACHADO

PEQUENOS CONTOS PARA CRESCER, de ALBENA
IVANOVITCH-LAIR

PEQUENOS CONTOS PARA RIR, de ALBENA
IVANOVITCH-LAIR

TERRA, de HELOISA PRIETO

TRÊS PRÍNCIPES, TRÊS PRESENTES, de JOHN YEOMAN

VIAGEM PELO BRASIL EM 52 HISTÓRIAS, de SILVANA
SALERNO

VOLTA AO MUNDO EM 52 HISTÓRIAS, de NEIL PHILIP

Cia. das Letras

CONTOS E LENDAS AFRO-BRASILEIRAS, de
REGINALDO PRANDI

CONTOS E LENDAS DA AMAZÔNIA, de REGINALDO
PRANDI

CONTOS E LENDAS DAS MIL E UMA NOITES, de
GUDULE

CONTOS E LENDAS DO EGITO ANTIGO, de BRIGITTE
ÉVANO

O PRÍNCIPE MEDROSO E OUTROS CONTOS
AFRICANOS, de ANNA SOLER-PONT

O VIOLINO CIGANO, de REGINA MACHADO

Quadrinhos na Cia.

SUNDIATA – O LEÃO DO MALI, de WILL EISNER

Companhia de Bolso

FÁBULAS ITALIANAS, de ITALO CALVINO

Companhia das Letras

O CONTO DA ILHA DESCONHECIDA, de JOSÉ
SARAMAGO

DE COMO O MULATO PORCIÚNCULA
DESCARREGOU SEU DEFUNTO, de JORGE AMADO

O FIO DAS MISSANGAS, de MIA COUTO

O MILAGRE DOS PÁSSAROS, de JORGE AMADO

29

Ler, apreciar, falar e ouvir sobre livros e leituras



É preciso cuidar para que a construção de discursos sobre livros seja planejada em diferentes situações escolares e nos diversos segmentos.

Uma comunidade é um conjunto de pessoas que compartilham experiências e interesses comuns e, para isso, se comunicam uns com os outros, o que implica, portanto, usar a linguagem para agir. Assim, dominar o discurso de uma comunidade é um dos sinais de pertencimento a ela.

Se pretendemos constituir, na escola, uma comunidade de leitores, precisamos investir para que os alunos adquiram um discurso fluido sobre livros e leituras. Para tanto, é necessário garantir situações didáticas em que as crianças e os jovens falem sobre os livros e ouçam outros leitores. É preciso, também, colocá-los em contato com o que se escreve sobre livros, para que se familiarizem com os propósitos e as características desses textos e para que possam recorrer a eles, tanto para apoiar as escolhas das obras que vão ler, como para expressar, eles mesmos, suas ideias a respeito do que leram.

Quanto mais frequentes forem as oportunidades para conversar sobre livros, maior será o repertório de temas pertinentes às conversas literárias e maior será a necessidade de aprender palavras adequadas para comunicar com mais precisão o que se pretende dizer. Tome-mos por exemplo o caso dos contos infantis. As crianças aprendem muito rápido o que é um conto, e são capazes de usar essa palavra corretamente quando pedem aos adultos que leiam para elas, quando comentam os textos lidos etc. Se desfrutam de muitos momentos para discutir a sua leitura, elas começam a conhecer os temas que circulam nas conversas sobre os contos e passam a ter necessidade de saber novas palavras sobre o assunto, palavras que lhes permitam caracterizar o gênero, referir-se aos personagens, valorar o final etc. Aos poucos, passam a conversar sobre as características das personagens, o narrador, as ilustrações, a

linguagem, enfim: os discursos sobre livros e leituras vão, gradativamente, se sofisticando e permitindo interações cada vez mais ricas.

Dessa forma, os alunos dão sinais de que estão progredindo em termos de consciência metalinguística, de que assimilaram novas aprendizagens literárias e de que dominam o discurso da comunidade de leitores de que participam.

Dada a relevância do tema e seu indiscutível potencial para a formação do leitor, é preciso cuidar para que a construção de discursos sobre livros seja planejada em diferentes situações escolares e nos diversos segmentos.

São exemplos de situações adequadas para isso:

- conversar sobre livros em rodas de biblioteca, sessões de leitura guiada ou compartilhada e conversas literárias, em encontro com autores ou em atividades envolvendo indicações literárias;
- para a escolha do que vai ser lido em roda, escutar ou ler textos sobre livros em catálogos de editoras, em biografias de autores, em indicações literárias e resenhas críticas, prefácios, posfácios e ensaios;
- escrever ou ditar para o aluno indicações literárias, resenhas, prefácios, posfácios e ensaios, e biografias de autores.

Um ambiente favorável às conversas literárias pode começar bem cedo, já na educação infantil. Nesse segmento, a leitura, pelo professor, de resenhas em catálogos de editoras pode ser uma prática constante na rotina dos grupos. Antes de iniciar uma leitura, o professor pode apresentar o título lendo a resenha e conversando com as crianças sobre as expectativas que o texto criou. Feita a leitura do livro, pode retomar a indicação, para que as crianças tenham a oportunidade de comentar e de validar ou não a apresentação feita na resenha. Conforme avançam nos anos seguintes desse segmento, as possibilidades de analisar um título se ampliam. Assim, pode-se ler uma resenha somente depois de lida a obra, de modo a possibilitar conversas sobre o que o autor da indicação elegeu para comentar e se haveria outras possibilidades. Se a resenha sobre determinado título destaca a relação entre os dois personagens centrais, por exemplo, o professor pode ajudar as crianças a pensar o que poderiam destacar sobre as ilustrações ou que pistas poderiam oferecer sobre o final da história, instigando o interesse de outros leitores. É dessa forma que podem, ainda, ditar recomendações de livros para o professor, tendo outros colegas como destinatários ou para colocar em um mural externo acessível aos pais e a outras pessoas que circulam na escola.

Outros textos que fomentam conversas na **educação infantil** são os que trazem informações sobre autores (de textos e/ou de ilustrações). Para muitos dos pequenos leitores da educação infantil, autor e narrador são um só, e autores, por vezes, nem sequer são pessoas, mas entes como os que povoam tantos textos literários e o imaginário infantil. Ter acesso a uma foto do autor — algo que a internet muito favorece —, assim como a dados sobre sua vida, é de fundamental importância. Esse conhecimento pode ajudar a embasar parte de uma recomendação e, acima de tudo, permite aos alunos que compreendam e valorizem a figura do autor como um profissional da arte da escrita e/ou da arte de ilustrar.

Com os **alunos de 8 a 11 anos** é possível realizar a leitura de prefácios ou apresentações para que compreendam e ampliem a experiência da leitura ao explorar as intenções dos autores, que muitas vezes contam nesses textos como foi o processo de escrita, quem os ajudou, de onde veio a inspiração para a organização do livro ou para inventar a história etc.

Com a leitura desses textos, sempre é interessante ler as biografias dos autores. Assim, aos poucos, os alunos se aproximam da ideia do autor por trás do narrador da história e podem apreciar cada vez mais sua arte e seu estilo. Ao conhecer a vida e o contexto espacial e histórico em que vivem ou viveram os escritores, os alunos terão mais ferramentas para analisar as obras que têm em mãos, podendo, muitas vezes, fazer relações entre as experiências vividas por eles e os temas ou mesmo os acontecimentos relatados nos livros.

Ao lado disso, como nessa faixa etária os alunos podem escrever indicações literárias de maneira mais autônoma — colocando em jogo o conhecimento que construíram com seus pares em situações escolares —, o professor pode organizar a produção desse tipo de texto em grupos, duplas ou individualmente. Uma vez decidido o destinatário das indicações que produzirão (alunos mais novos, comunidade escolar, alunos de outra escola etc.), os próprios alunos podem cuidar da organização do texto, discutir e decidir quais informações são as mais pertinentes para seduzir possíveis leitores, qual a diagramação mais apropriada para o texto e em que suporte serão publicadas, como, por exemplo:

- no mural da biblioteca, para que a comunidade escolar possa ter acesso a essas informações;
- num catálogo, para oferecer aos alunos menores;
- na internet: em sites que dão recomendações de livros, ou numa página criada pelo grupo;
- num CD que circule entre os próprios colegas, e todos possam, assim, conhecer o conjunto de indicações da classe.

Já nos **anos finais do ensino fundamental (7º, 8º e 9º anos)**, são promissores os projetos que envolvem leitura e produção de resenhas críticas de livros e de adaptações de títulos para o cinema e para o teatro. Os projetos podem promover a reflexão sobre a função social das resenhas críticas e podem explorar tanto os aspectos mais relacionados à literatura quanto os mais relacionados à argumentação. É preciso que os alunos aprendam a apreciar a forma como as críticas são fundamentadas, que aprendam a reconhecer uma boa argumentação, que valorizem resenhas que revelam conhecimentos sólidos sobre o objeto resenhado e que apontam caminhos para leituras mais refinadas. É igualmente relevante que possam interagir com a opinião do resenhista, que possam debater, confrontar pontos de vista e escrever suas próprias críticas, apresentando argumentos cada vez mais consistentes.

As críticas podem circular entre os alunos nos murais, num catálogo para consulta na biblioteca, e podem ser enviadas a colegas de outras escolas da própria cidade e até de outras localidades. Caso o acesso à informática e à internet seja possível, pode ser muito interessante a criação de blogs para a publicação de resenhas críticas e a interação entre leitores. O importante, em todos os casos, é que haja uma situação comunicativa real, na qual leitores sejam convidados a compartilhar suas experiências, sempre de forma respeitosa, responsável e consistente.

Sugestões para a biblioteca do professor



1 - De onde vêm as histórias?

AS BOAS MULHERES DA CHINA, de XINRAN

ÉBANO, de RYSZARD KAPUSCIŃSKI

EU, MALIKA OUFKIR, PRISIONEIRA DO REI – BOLSO, de MALIKA OUFKIR e MICHÈLE FITOUSSI

FORA DO TEMPO, de DAVID GROSSMAN

GUERREIRAS DA PAZ, de LEYMAH GBOWEE

HIROSHIMA, de JOHN HERSEY

O QUE É ISSO, COMPANHEIRO? – BOLSO, de FERNANDO GABEIRA

QUERIDO POETA – CORRESPONDÊNCIA DE VINICIUS DE MORAES, org. RUY CASTRO

A TESTEMUNHA SILENCIOSA, de OTTO LARA RESENDE

2 - A reinvenção das histórias

ANATOMIA DE UM JULGAMENTO, de JANET MALCOLM

AS HORAS, de MICHAEL CUNNINGHAM

MEMÓRIA DE NOSSAS MEMÓRIAS, de NICOLE KRAUSS

NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM, de JORGE AMADO

NOVE NOITES – BOLSO, de BERNARDO CARVALHO

A PIRÂMIDE, de ISMAIL KADARÉ

UMA QUESTÃO PESSOAL, de KENZABURO OE

3 - Como criar personagens?

BRAZ, QUINCAS E CIA., de ANTONIO FERNANDO BORGES

CHAMADAS TELEFÔNICAS, de ROBERTO BOLAÑO

DIAS & DIAS, de ANA MIRANDA

DOIS IRMÃOS, de MILTON HATOUN

UMA JANELA EM COPACABANA, de LUIZ ALFREDO GARCIA-ROZA

LIVRO, de JOSÉ LUIS PEIXOTO

MIGUEL STREET, de V. S. NAIPAUL

4 - Onde as histórias acontecem?

BUDAPESTE, de CHICO BUARQUE

A CARTA ESFÉRICA, de ARTURO PÉREZ-REVERTE

CARNAVAL NO FOGO, de RUY CASTRO

CORAÇÕES SUJOS, de FERNANDO MORAIS

FESTA NO COVIL, de JUAN PABLO VILLALOBOS

MAR SEM FIM, de AMYR KLING

MONGÓLIA, de BERNARDO CARVALHO

SERENA, de IAN MCEWAN

5 - A poesia das palavras

O CANTO DAS MUSAS, de CIBELE LOPRESTI, ALINE EVANGELISTA e PÉRICLES CAVALCANTI

ELEFANTE, de FRANCISCO ALVIM

O HOMEM E SUA HORA – E OUTROS POEMAS – BOLSO, de MÁRIO FAUSTINO

LETRA SÓ / SOBRE AS LETRAS, de CAETANO VELOSO

POEMAS, de WISŁAWA SZYMBORSKA

POESIA – ALBERTO CAEIRO – BOLSO, de FERNANDO PESSOA

POESIA – ÁLVARO DE CAMPOS – BOLSO, de FERNANDO PESSOA

O SER E O TEMPO DA POESIA, de ALFREDO BOSI

6 - Em foco, o ilustrador

DIANTE DA DOR DOS OUTROS, de SUSAN SONTAG
O ESTADO COMO OBRA DE ARTE, de JACOB BURCKHARDT
LENDO IMAGENS, de ALBERTO MANGUEL
RAÍZES DO RISO, de ELIAS THOMÉ SALIBA

7 - A leitura e as tarefas escolares

DE ANCHIETA AOS CONCRETOS, de MÁRIO FAUSTINO
A IMAGEM DO MUNDO – DOS BABILÔNIOS A NEWTON, de ARKAN SIMAAN e JOËLLE FONTAINE
LITERATURA COMO MISSÃO, de NICOLAU SEVCENKO
O RELOJOEIRO CEGO, de RICHARD DAWKINS
O TRATO DOS VIVENTES, de LUIZ FELIPE DE ALENCASTRO

8 - Os textos que contam as histórias

AMÉRICO, de FELIPE FERNÁNDEZ-ARMESTO
O BAGAÇO DA CANA, de EVALDO CABRAL DE MELLO
BRASIL: DE GETÚLIO A CASTELLO (1930-64), de THOMAS SKIDMORE
O CLUBE DO BANGUE-BANGUE, de GREG MARINOVICH e JOÃO SILVA
A MARCHA PARA OESTE, de ORLANDO VILLAS BÔAS e CLAUDIO VILLAS BÔAS
O NAVIO NEGREIRO, de MARCUS REDIKER
PRETO NO BRANCO, de THOMAS SKIDMORE
REBELIÃO ESCRAVA NO BRASIL, de JOÃO JOSÉ REIS

9 - Além das histórias

1922, de MARCOS AUGUSTO GONÇALVES
COM UMA PERNA SÓ, de OLIVER SACKS
O IMPERADOR DE TODOS OS MALES, de SIDDHARTHA MUKHERJEE
INFLUÊNCIAS E IMPASSES, de JOHN GLEDSON
A LONGA VIAGEM DA BIBLIOTECA DOS REIS, de LILIA MORITZ SCHWARCZ
MITOLOGIA DOS ORIXÁS, de REGINALDO PRANDI
PARIS, A FESTA CONTINUOU, de ALAN RIDING
RAÍZES DO RISO, de ELIAS THOMÉ SALIBA

10 - Leituras que inspiram conversas

AQUELE RAPAZ, de JEAN-CLAUDE BERNARDET
BUDAPESTE, de CHICO BUARQUE
DIÁRIO DE OAXACA, de OLIVER SACKS
DIANTE DA DOR DOS OUTROS, de SUSAN SONTAG
O HOMEM-MÁQUINA, org. ADAUTO NOVAES
A MONTANHA DE MOLUSCOS DE LEONARDO DA VINCI, de STEPHEN JAY GOULD
PELA BANDEIRA DO PARAÍSO, de JON KRAKAUER

11 - Histórias que ensinam história

COMUNIDADES IMAGINADAS, de BENEDICT ANDERSON
A EDUCAÇÃO DE UMA CRIANÇA SOB O PROTETORADO BRITÂNICO, de CHINUA ACHEBE
EICHMANN EM JERUSALÉM, de HANNAH ARENDT
EUCLIDES DA CUNHA – ESBOÇO BIOGRÁFICO, de ROBERTO VENTURA
A INVENÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS, de LYNN HUNT
SATURNO NOS TRÓPICOS, de MOACYR SCLiar

12 - Arte nos livros

ARTE MODERNA, de GIULIO CARLO ARGAN
CINEASTAS E IMAGENS DO POVO, de JEAN-CLAUDE BERNARDET
A CULTURA DO RENASCIMENTO NA ITÁLIA, de JACOB BURCKHARDT
A GÊNESE DA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO, de CHRISTOPHE CHARLE
MODERNISMO, de PETER GAY
NACIONAL ESTRANGEIRO, de SERGIO MICELI
O PODER DA ARTE, de SIMON SCHAMA

13 - Livro-brinquedo

O LIVRO DOS PEIXES DE WILLIAM GOULD, de RICHARD FLANAGAN

14 - O livro como objeto de apreço

BUDAPESTE, de CHICO BUARQUE

DICIONÁRIO DE LUGARES IMAGINÁRIOS, de ALBERTO MANGUEL

JOSÉ, de CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

A LONGA VIAGEM DA BIBLIOTECA DOS REIS, de LILIA MORITZ SCHWARCZ

15 - Era uma vez uma biblioteca

O BRASIL NÃO É LONGE DAQUI, de FLORA SÜSEKIND

UMA HISTÓRIA DA LEITURA, de ALBERTO MANGUEL

O ILUMINISMO COMO NEGÓCIO, de ROBERT DARNTON

A LONGA VIAGEM DA BIBLIOTECA DOS REIS, de LILIA MORITZ SCHWARCZ

SILENCIOSA ALGAZARRA, de ANA MARIA MACHADO

16 - Livros para leitores jovens

ABRIL DESPEDAÇADO – BOLSO, de ISMAIL KADARÉ

A BALEIA, de ROBERTO MARINHO DE AZEVEDO

BOM DIA PARA NASCER, de OTTO LARA RESENDE

CAIXA DE SAPATOS, de CARPINEJAR

DESMUNDO, de ANA MIRANDA

AS HORAS, de MICHAEL CUNNINGHAM

NOVA ANTOLOGIA POÉTICA, de VINICIUS DE MORAES

17 - Os clássicos na formação do leitor

AMORES & ARTE DE AMAR, de OVÍDIO

A AVENTURA LITERÁRIA, de JOSÉ PAULO PAES

A ALMA ENCANTADORA DAS RUAS – BOLSO, de JOÃO DO RIO

CONTOS – UMA ANTOLOGIA, de MACHADO DE ASSIS

ESSE OFÍCIO DO VERSO, de JORGE LUIS BORGES

ORGULHO E PRECONCEITO, de JANE AUSTEN

PINÓQUIO: UM LIVRO PARALELO, de GIORGIO MANGANELLI

POR QUE LER OS CLÁSSICOS, de ITALO CALVINO

RAÍZES DO BRASIL, de SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

18 - Ficção e realidade: onde acaba uma e começa a outra?

ARMADILHA PARA LAMARTINE, de CARLOS & CARLOS SUSSEKIND

COMO SHAKESPEARE SE TORNOU SHAKESPEARE, de STEPHEN GREENBLATT

O DESATINO DA RAPAZIADA, de HUMBERTO WERNECK

A MAJESTADE DO XINGU – BOLSO, de MOACYR SCLAIR

MINHA VIDA DE MENINA, de HELENA MORLEY

MONGÓLIA, de BERNARDO CARVALHO

A SANGUE-FRIO, de TRUMAN CAPOTE

SEIS PASSEIOS PELOS BOSQUES DA FICÇÃO, de UMBERTO ECO

19 - Vida que se conta

AQUELE RAPAÇ, de JEAN-CLAUDE BERNARDET

BALÃO CATIVO, de PEDRO NAVA

BAÚ DE OSSOS, de PEDRO NAVA

AS BOAS MULHERES DA CHINA – BOLSO, de XINRAN

COZINHA CONFIDENCIAL, de ANTHONY BOURDAIN

HO-BA-LA-LA, de MARC FISCHER

MONGÓLIA, de BERNARDO CARVALHO

UMA QUESTÃO PESSOAL, de KENZABURO OE

20 - Ler para aprender a perguntar sobre si mesmo

UM ANTROPÓLOGO EM MARTE – BOLSO, de OLIVER SACKS

AS COISAS, de GEORGES PEREC

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA FILOSOFIA, de MARILENA CHAUI

O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO, de SIGMUND FREUD

SOBRE ÉTICA E PSICANÁLISE, de MARIA RITA KEHL

21 - Conhecer histórias e aprender ciência

ALEX NO PAÍS DOS NÚMEROS, de ALEX BELLOS
GENES, POVOS E LÍNGUAS, de LUIGI LUCA CAVALLI-SFORZA

A IMAGEM DO MUNDO – DOS BABILÔNIOS A NEWTON, de ARKAN SIMAAN e JOËLLE FONTAINE

A MONTANHA DE MOLUSCOS DE LEONARDO DA VINCI, de STEPHEN JAY GOULD

A VIDA IMORTAL DE HENRIETTA LACKS, de REBECA SKLOT

22 - Teatro, tv e música em sala de aula

ASSOMBROS URBANOS, de DIONISIO JACOB

O BEIJO DE LAMOURETTE – BOLSO, de ROBERT DARTON

CINEASTAS E IMAGENS DO POVO, de JEAN-CLAUDE BERNARDET

DIANTE DA DOR DOS OUTROS, de SUSAN SONTAG

ESCUA SÓ, de ALEX ROSS

O TRIUNFO DA MÚSICA, de TIM BLANNING

23 - Diálogo entre textos e entre culturas

CANDOMBLÉ DA BAHIA, de ROGER BASTIDE

CASTRO ALVES, de ALBERTO DA COSTA E SILVA

ÉBANO, de RYSZARD KAPUSCIŃSKI

A MÁSCARA DA ÁFRICA, de V. S. NAIPAUL

MITOLOGIA DOS ORIXÁS, de REGINALDO PRANDI

O MUNDO SE DESPEDAÇA, de CHINUA ACHEBE

SAGRADO SELVAGEM, de ROGER BASTIDE

E SE OBAMA FOSSE AFRICANO, de MIA COUTO

SEGREDOS GUARDADOS, de REGINALDO PRANDI

O TRATO DOS VIVENTES, de LUIZ FELIPE DE ALENCASTRO

24 - Imagens e apenas imagens na ampliação do universo literário

8X FOTOGRAFIA, de vários autores

A FORMA DIFÍCIL, de RODRIGO NAVES

FOTOBIOGRAFIA DE FERNANDO PESSOA, de RICHARD ZENITH

O INSTANTE CONTÍNUO, de GEOFF DYER

LENDO IMAGENS, de ALBERTO MANGUEL

O VENTO E O MOINHO, de RODRIGO NAVES

25 - Sustos e arrepios como fonte de prazer na leitura literária

103 CONTOS DE FADAS, de ANGELA CARTER

BOMBAIM: CIDADE MÁXIMA, de SUKETU MEHTA

O EMBLEMA VERMELHO DA CORAGEM, de STEPHEN CRANE

GUERRA AÉREA E LITERATURA, de W. G. SEBALD

HITLER, de IAN KERSHAW

A MENINA DO CAPUZ VERMELHO E OUTRAS HISTÓRIAS DE DAR MEDO, de ANGELA CARTER

TÓQUIO PROIBIDA, de JAKE ADELSTEIN

26 - Ouvir os mitos e aprender com eles

BREVE HISTÓRIA DO MITO, de KAREN ARMSTRONG

OS CANTOS PERDIDOS DA ODISSEIA, de ZACHARY MASON

OS GREGOS, OS HISTORIADORES, A DEMOCRACIA, de PIERRE VIDAL-NAQUET

A LITERATURA E OS DEUSES, de ROBERTO CALASSO

NOITES DAS MIL E UMA NOITES, de NAGUIB MAHFOUZ

O OLHAR DE ORFEU, de BERNARDETTE BRICOUT

OMEROS, de DEREK WALCOTT

O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA, de FRIEDRICH NIETZSCHE

27 - Quadrinhos para todas as idades

ASTERIOS POLYP, de DAVID MAZZUCHELLI

BREAKDOWNS, de ART SPIEGELMAN

CACHALOTE, de DANIEL GALERA

GUERRA DOS GIBIS, de GONÇALO JUNIOR

MEMÓRIA DE ELEFANTE, de CAETO

NOVA YORK, de WILL EISNER

QUANDO MEU PAI SE ENCONTROU COM O ET FAZIA UM DIA QUENTE, de LOURENÇO MUTARELLI

UMBIGO SEM FUNDO, de DASH SHAW

28 - Histórias e personagens de lá e de cá, de hoje e de sempre

AGENDA BRASILEIRA, de vários autores

O CAMPO E A CIDADE — BOLSO, de RAYMOND WILLIAMS

CULTURA E IMPERIALISMO, de EDWARD W. SAID

DICIONÁRIO DE LUGARES IMAGINÁRIOS, de ALBERTO MANGUEL

UM ENIGMA CHAMADO BRASIL, de vários autores

O QUEIJO E OS VERMES, de CARLO GINZBURG

29 - Ler, apreciar, falar e ouvir sobre livros e leituras

O ESCRITOR E SEUS FANTASMAS, de ERNESTO SABATO

A FICÇÃO E O POEMA, de LUIZ COSTA LIMA

FORMAS BREVES, de RICARDO PIGLIA

O ROMANCISTA INGÊNUO E O SENTIMENTAL, de ORHAM PAMUK

SILENCIOSA ALGAZARRA, de ANA MARIA MACHADO

O ÚLTIMO LEITOR, de RICARDO PIGLIA



Créditos das ilustrações

- Capa - Ilustração de MARIANA ZANETTI, RENATA BUENO E FERNANDO DE ALMEIDA do livro COMO VOU?
- Páginas 1 e 3 - Ilustração de MARIANA ZANETTI, RENATA BUENO E FERNANDO DE ALMEIDA do livro COMO VOU?
- Página 4 - Ilustração de ANNALAURA CANTONE do livro PAI, NÃO FUI EU!
- Páginas 6 e 7 - Ilustração de FERNANDA FRAGATEIRO do livro ISMAEL E CHOPIN
- Página 8 - Ilustração de HUMBERTO GUIMARÃES do livro RATINHOS
- Página 10 - Ilustração de AILIE BUSBY do livro LULU
- Página 13 - Ilustração de PETER SIS do livro O MURO
- Páginas 14, 24, 34, 40, 49, 80, 99, 103, 111 e 121 - Ilustração de SIMONE MATIAS do livro QUEM SOU EU?
- Página 16 - Ilustração de DALCIO MACHADO do livro NÃO BRINQUE COM A COMIDA!
- Página 19 - Ilustração de LEIGH HODGKINSON do livro OLAVO HOLOFOTE
- Página 22 - Ilustração de GRÉGOIRE VALLANCIEN do livro O HOMEM FRONDOSO
- Página 26 - Ilustração de CÁRCAMO do livro QUAL É O SEU NORTE?
- Página 29 - Ilustração de ED VERE do livro FOME DE MONSTRO
- Página 33 - Ilustração de LYNNE CHAPMAN do livro OS URSOS DA ESCADA
- Página 36 - Ilustração de ANNELORE PAROT do livro AOKI
- Página 39 - Ilustração de GILLES EDUAR do livro DIÁLOGOS FABULOSÍSSIMOS
- Página 42 - Ilustração de GEOFFREY HAYES do livro BETO E BIA: EM DE MENTIRINHA
- Página 45 - Ilustração de MARIA EUGÊNIA do livro DIVINAS TRAVESSURAS
- Página 48 - Ilustração de FERNANDO DE ALMEIDA do livro MONSTRO QUE É MONSTRO
- Página 51 - Ilustração de JOSÉ CARLOS LOLLO do livro SOLTEI O PUM NA ESCOLA!
- Página 53 - Ilustração de ANNALAURA CANTONE do livro PAI, NÃO FUI EU!
- Página 56 - Ilustração de ELISABETH TEIXEIRA e AL PARKER do livro O COBERTOR DE JANE
- Página 62 - Ilustração de DANIEL KONDO do livro SABADÃO JOIA
- Página 66 - Ilustração de CLÉMENTINE SOURDAIS do livro PEQUENOS CONTOS PARA SONHAR
- Página 71 - Ilustração de JEAN-CLAUDE R. ALPHEN do livro A BRUXINHA E O DRAGÃO
- Página 74 - Ilustração de IONIT ZILBERMAN do livro HORA DO ALMOÇO
- Página 78 - Ilustração de LAUREN CHILD do livro QUERO UM BICHO DE ESTIMAÇÃO
- Página 82 - Ilustração de ANNALAURA CANTONE do livro ANINHA, A PESTINHA

Página 86 – Ilustração de LANE SMITH do livro CIÊNCIA EM VERSOS

Página 90 – Ilustração de LAURABEATRIZ do livro ZUM-ZUM-ZUM E OUTRAS POESIAS

Página 93 – Ilustração de ALEX T. SMITH do livro O CONVIDADO DE RAPOSELA

Página 96 – Ilustração de MICHAEL BROAD do livro JAKE CAKE E A PROFESSORA LOBISOMEM

Página 101 – Ilustração de MARY McQUILLAN do livro CADÊ O MEU PENICO?

Página 105 – Ilustração de GUSTAVO DUARTE do livro MONSTROS!

Página 109 – Ilustração de XAVIER DENEUX do livro OS TRÊS PORQUINHOS

Página 113 – Ilustração de MARTIN MATJE do livro HISTÓRIAS E VERSOS DAS ESTAÇÕES DO ANO

Página 116 – Ilustração de OLIVIER LATYA do livro HISTÓRIAS E VERSOS DAS ESTAÇÕES DO ANO

Página 123 – Ilustração de WOLF ERLBRUCH do livro A ÁGUIA QUE NÃO QUERIA VOAR

Página 128 – Ilustração de TALINE SCHUBACH do livro O CADERNO DE LILIANA

Projeto e Coordenação

ZÉLIA CAVALCANTI

Colaboraram nesta edição:

ALINE EVANGELLISTA

ANDREA LUIZE

CATARINA KIM



ZÉLIA CAVALCANTI formou-se em história na Universidade de São Paulo. Desde 1978 dedica-se a atividades relacionadas à educação pré-escolar, ao ensino fundamental e à formação de professores, tanto em instituições privadas como públicas, desenvolvendo inclusive diversos produtos impressos e em vídeo destinados a educadores. Em 1980 integrou a equipe fundadora da Escola da Vila (São Paulo, SP), escola e centro de estudos, onde desempenhou, a partir de então, as funções de professora, orientadora e coordenadora pedagógica, além de idealizar e ministrar cursos de formação de professores. Para o público infantil, elaborou o projeto que forneceu as bases pedagógicas para o programa *Castelo Rá-Tim-Bum*, da tv Cultura em São Paulo, e colaborou no *Livro dos medos*, escrevendo uma de suas histórias.

Projeto gráfico e capa

SILVIA MASSARO

Impressão

PROL EDITORA GRÁFICA

Papel de capa

CARTÃO SUPREMO, 250 G/M², DA SUZANO PAPEL E CELULOSE

Papel de miolo

ALTA ALVURA, 90 G/M², DA SUZANO PAPEL E CELULOSE



2013

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br/sala_professor

www.blogdacompanhia.com.br